

HELENA S. PAIGE



*Você
decide
como
a noite vai
terminar...*

*Quando
uma
Garota
entra
em
um
Bar*





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Recomendação Etária](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Quando uma garota entra em um bar...](#)

[Você escolheu a calcinha fio-dental roxa rendada](#)

[Você escolheu a calcinha folgada](#)

[Você escolheu a calcinha modeladora](#)

[Você escolheu não usar nada por baixo](#)

[Chegando ao bar](#)

[Você decidiu permanecer no bar, tomar outro drinque e ver o que rola](#)

[Você decidiu tomar tequila com um astro do rock](#)

[Você escolheu ir à suíte do astro do rock](#)

[Você decidiu tomar banho com o astro do rock](#)

[Você está esgotada e pronta para ir para casa](#)

[Você decidiu deixar o astro do rock ali](#)

[Você decidiu chamar um táxi](#)

[Você decidiu conferir a exposição na galeria](#)

[Você decidiu sair com o fotógrafo](#)

[Você fica por ali mesmo e encara](#)

[Você decidiu ficar e ver como saíram as fotos](#)

[Você decidiu ficar e terminar o que começou](#)

Você decidiu permanecer na galeria

Você decidiu voltar à galeria

Você decidiu acompanhar Mac

Você decidiu ficar por ali mesmo e ver o que acontece

Você decidiu dividir um táxi com o homem maduro

Você decidiu comer sushi

Você decidiu ir à casa de Miles

Você decidiu encarar

Você decidiu concordar com o pedido de Miles

Você decidiu seguir em frente porta a fora

Você decidiu não ir para casa com Miles

Você decidiu ficar por ali mesmo e jogar pôquer

Você decidiu pegar uma carona para casa no carro esportivo com o guarda-costas

Você decidiu ir com o guarda-costas em sua missão misteriosa

Você pediu a ele que a levasse para casa

A caixa de fantasias de Miles não fazia seu estilo, então você deu o fora de lá

Você decidiu voltar ao bar para um último drink

Você decidiu que isso não é para você

Você decidiu ficar por ali mesmo e mostrar a ele uma ou duas coisas

Você decidiu ir embora

Você vai ficar por ali mesmo para a lição número dois

Você decidiu dar por encerrada a noite; é hora de ir para casa

Você decidiu subir as escadas

Você entrou no apartamento dele para estancar o sangramento

Você decidiu tomar uma bebida com o vizinho

Você resiste à tentação de ler o material particular dele

Você decidiu dar por encerrada a noite

Você só quer mancar para casa

Você decidiu esperar o elevador; seus pés a estão matando

Você decidiu tentar dar uma olhada no novo vizinho

Sua calcinha folgada e o filme a estão chamando

Você não está muito disposta a ir para casa ainda

Você decidiu dar uma paradinha na cafeteria no caminho de casa

Você decidiu fazer uma visitinha a Melissa para contar a ela sobre suas aventuras

Você decidiu ir para seu Rabbit, em casa

Notas

— RECOMENDADO PARA MAIORES DE 18 ANOS —

18

HELENA S. PAIGE

Tradução

Robson Falchetti Peixoto



Quando
uma
Garota
entra
em
um
Bar...



Copyright © Helena S. Paige, 2013
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.
Os direitos morais do autor foram afirmados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital – 2013

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paige, Helena S.

Quando uma garota entra em um bar... / Helena S. Paige; [traduzido por Robson Falchetti Peixoto]. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: A girl walks into a bar
ISBN 978-85-8163-329-9

1. Erotismo 2. Ficção norte-americana
I. Título.

13-07968 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br



Quando uma garota entra em um bar...

TODAS AS MULHERES SABEM que não se pode esperar muito de só um único tipo de calcinha. Se quiser ser *sexy* de morrer, ela vai ter que sacrificar o conforto na parte íntima. Se quiser apenas conforto, talvez acabe não usando algo particularmente bonito ou glamoroso. Se você precisa de suporte, então “a modeladora” é sua amiga, mas você não vai respirar com muita facilidade.

Você deixa a toalha deslizar até o chão e, nua, inclina-se sobre a gaveta de roupas íntimas para avaliar as opções. Há semanas você e sua melhor amiga, Melissa, têm pensado em se divertir — são grandes as chances de a noite ser boa. Lá está a calcinha fio-dental roxa de renda, absurdamente cara, com a fita de seda entremeada ao longo das bordas. Você passa os dedos sobre uma das fitas aveludadas e se sente um pouco nostálgica — você não usa calcinhas sensuais há anos.

Ao lado estão suas calcinhas favoritas, mais confortáveis. O elástico não está tão apertado quanto antes, e elas estão um pouco desbotadas de tantas lavagens, mas é disso que você gosta nelas.

Instintivamente, você encolhe a barriga enquanto estende a mão para pegar a calcinha modeladora. Ela faz você se sentir como se estivesse comprimida em uma pele de salsicha, mas pelo menos lhe dá uma barriga chapada. Mas e se você tiver sorte hoje à noite? Vai precisar de um abridor de latas para sair dela, e não tem nada de *sexy* nisso. Talvez você deva simplesmente não usar roupas íntimas, pensa. Você sorri um pouco com a ideia.

Você nunca fez isso antes. Não seria incrivelmente *sexy* ser a única pessoa que sabe que não está usando nada por baixo do vestido?



Se escolher a calcinha fio-dental roxa rendada, [clique aqui](#).



Se escolher a calcinha folgada, [clique aqui](#).



Se escolher a calcinha modeladora, [clique aqui](#).



Se escolher não usar nada por baixo, [clique aqui](#).

Você escolheu a calcinha fio-dental roxa rendada

Diante do espelho, você dá os últimos retoques na maquiagem, depois recua para apreciar o que vê. O trabalho está tão frenético... Fazia anos que não se arrumava assim e já tinha se esquecido que pode ser tão divertido. O vestidinho preto com decote profundo exhibe suas curvas, e você está com seus sapatos altos favoritos — eles definem as panturrilhas e dão a altura de uma deusa. Você está satisfeita com o que vê: a calcinha fio-dental roxa foi, sem dúvida, a escolha certa. Quem sabe esta noite você consiga sair da seca? Você pode fazer sucesso. Se for sortuda.



[clique aqui.](#)

Você escolheu a calcinha folgada

Você dá uma boa olhada no espelho. É um bom *look* o traje pretinho com sapatos pretos de salto alto. Esta noite, pela primeira vez em anos, você está se sentindo muito *sexy*. Vira-se para conferir as costas do vestido e pega um vislumbre do contorno da calcinha de vovó desfigurando o tecido liso. Não, não vai funcionar. Você tira rapidamente a calcinha de velha e avalia a ideia de não usar nada por baixo...



Se não quiser usar nada por baixo, [clique aqui](#).

... mas você não quer isso. É um pouco ventilado demais para o seu gosto. Em vez disso, abre novamente a gaveta e estende a mão para a calcinha fio-dental roxa rendada. Você entra nela, com cuidado para não prendê-la no salto.



[clique aqui](#).

Você escolheu a calcinha modeladora

Você tem que se deitar na cama para entrar na calcinha modeladora. Quem inventou isso? Certamente um sádico que não gosta muito de mulheres. E do que é feita? Do mesmo tecido que usam em ônibus espaciais? Você inspira fundo novamente, prende a respiração e passa a calcinha pelas coxas.

Pouco antes de desmaiar por falta de oxigênio, você consegue colocá-la sobre a barriga. Enxugando uma gota de suor do rosto, levanta-se com esforço e se olha no espelho. O lado bom é que a barriga está chapada. Anormalmente chapada — está quase negativa. O lado ruim é que você se sente um pouco tonta, pode ter quebrado uma costela... provavelmente não será capaz de se sentar a noite toda.

Quem disse que para ficar bonita é preciso sentir dor? Algo tem que mudar. Você pega a tesoura e recorta a si mesma para fora da camisa de força de *lycra*, expirando aliviada.

Então, estende a mão para a calcinha fio-dental roxa e o desliza pernas acima. Depois da *lycra* de força industrial, a renda parece ser feita de plumas. Você prende a respiração enquanto se olha no espelho e consegue o mesmo efeito da calcinha sádica, mas sem interromper a circulação. Você só tem que se lembrar de encolher a barriga toda vez que alguém a olhar, pensa, pegando a bolsa.



[clique aqui.](#)

Você escolheu não usar nada por baixo

Você vai até a cozinha balançando os quadris para se servir de um pouco de vinho. É estranha a sensação de não usar calcinha. O atrito causado pelo contato das coxas enquanto caminha é uma sensação boa. Na verdade, todos os movimentos são um pouco excitantes. Você nunca esteve tão consciente de suas partes. Assim deve ser para os rapazes, pensa — a sexualidade lembrando você de que está lá a cada movimento seu.

Você leva a taça para o quarto. Essa curta caminhada faz o calor percorrer seu corpo. É demais, pensa. Nesse ritmo, será tarde demais quando chegar ao bar. Então, decide que precisa de algo entre você e o vestido caso queira olhar alguém nos olhos, nesta noite, sem corar muito. Estende a mão para a calcinha fio-dental roxa mínima — que é quase o mesmo que ir nua.



[clique aqui.](#)

Chegando ao bar

Você precisa piscar algumas vezes enquanto os olhos se ajustam à iluminação fraca do interior do bar. A música de fundo é sutil, mas dá para sentir a batida rítmica em seu peito, com um tremor agradável de expectativa. Você tem se concentrado tanto no trabalho, fazia um bom tempo que não caía na farra. Sua intenção é se divertir.

Você nunca esteve aqui antes; este reduto de celebridades foi ideia de sua melhor amiga, Melissa, e você olha ao redor na esperança de avistá-la. Um longo balcão de mogno estende-se por todo o comprimento de um lado do recinto, e grupos de pessoas muito bem-vestidas riem e se reclinam nos camarotes e mesas. Nos fundos há uma área separada por uma corda, com um segurança do tamanho do Conan, o Bárbaro, parado na frente. Deve ser a ala VIP. Sem chance de você entrar lá, pensa.

Você examina o bar, mas não há sinal de Melissa, então confere as mesas. Não deixa de observar um homem impressionante, sentado em um dos camarotes no canto. Ele está entretido com outro cara, conversando, mas algo nele a atrai. Mesmo sendo um pouco mais velho que você, consegue estar bem com um jeitão de George Clooney.

Ele ergue o olhar e encontra o seu, como se sentisse sua atenção. O olhar dele é intenso. Você ruboriza e finge checar o relógio, tanto para saber a hora quanto para ter uma desculpa para desviar os olhos. São 20h05, você não se atrasou. Onde diabos se meteu Melissa?

Você dá mais um olhada cuidadosa ao redor, depois caminha até o bar se senta em um banquinho, de costas para o Sr. Intenso. Você estremece — quase pode sentir a pressão do olhar dele em suas costas.

— Oi, o que você vai querer? — pergunta o *barman*.

Você ergue o olhar, surpresa com o fato de ele ser tão atraente, ainda que mal pareça ter idade para servir bebida alcoólica. A pele impecável, com a cor realçada pelos cabelos e olhos cor de café *espresso*. Veste *jeans* e uma camisa simples de algodão, branca, e sorri de um jeito doce, ainda que um pouco hesitante, enquanto retira uma lata vazia do balcão próximo a você. Depois, em um movimento suave, vira-se e arremessa a lata na direção do lixo, acertando de primeira. As mangas da camisa de algodão branco estão dobradas, revelando os músculos esculpidos nos braços. Você não consegue deixar de se perguntar quantos anos ele tem — 21, 22, em um chute. Você poderia mostrar a ele uma ou duas coisas.

Você não sabe ao certo o que pedir. Este é um reduto de celebridades. Champanhe? Um coquetel? Um martíni? Então você se lembra de uma cena que viu em um filme.

— Uma taça de *prosecco*, por favor — pede, na esperança de ter pronunciado corretamente.

O *barman* tira o cabelo dos olhos e lhe dirige aquele sorriso doce e um pouco tímido novamente, surpreendendo-a pela segunda vez.

— Já está saindo — você estende a mão para alcançar uma taça de champanhe. A camisa levanta e você tem uma visão perfeita de sua barriga lisa e musculosa. Uma linha escura de pelos sedosos vai desde logo abaixo do umbigo até o botão da calça *jeans*. Não dá para evitar a água na boca. Cadê Melissa? Ela precisa ver isso! Boa escolha de bar!, vai dizer à amiga. Você cruza as pernas, apertando uma na outra.

Seu celular vibra na mão, assustando-a. É uma mensagem de texto de Melissa:

Presa no trabalho, Chefe do Cão tocou o terror com um prazo que preciso cumprir.

Sinto muito! Arrasada por não poder sair.

Divirta-se por mim!



Seu coração desfalece. E agora? Você bate com força o celular no balcão. Toda bem-vestida sem lugar para ir. Se ao menos ela tivesse avisado antes. Quando Melissa vai aprender a dizer *não* para a canalhice controladora do chefe?

Você já nem tem certeza se está no clima para uma bebida, mas o *barman* gracinha já está abrindo uma garrafa de vinho espumante. Ele serve uma taça, segurando-a inclinada, depois a pousa na sua frente com outro sorriso tímido, e você se anima um pouco. E se pergunta qual seria a sensação de correr um polegar pela linha de seus lábios carnudos e tentadoramente beijáveis. Retribui o sorriso e estende a mão para pegar o dinheiro na bolsa.

— Não, não precisa — diz ele.

Ele está flertando com você? Você está prestes a agradecer, quando ele aponta para o extremo oposto do balcão, um semblante como de quem se desculpa:

— É daquele cara logo ali.

Você examina o seu admirador. A camisa chamativa está aberta até o umbigo, e ele tem mais cabelo no peito do que na cabeça. Uma grossa corrente de ouro sobre um matagal em cima de uma grande pança. Ele bota um palito na boca, levanta-se e caminha todo emproado até você. Talvez, se você não fizesse contato visual, esse clichê ambulante entendesse a mensagem... Mas você não tem tanta sorte.

— Olá, querida! — ele diz, movendo o palito de um lado para o outro com a língua. — Este banco está ocupado? — Deixa-se cair, ruidoso, no assento ao seu lado antes que você tenha chance de responder. — Sou Stanley Glenn — como se esperasse que você reconhecesse o nome. Um arroto escapa-lhe da boca, e o cheiro de alho flutua em sua direção. Você se afasta até onde consegue, mas não há como escapar.

— Me desculpe, mas melhor fora do que dentro, não é? É o que eu sempre digo — ele ergue as duas mãos, aponta os dedos e dispara na sua direção com uma piscadela e um duplo estalido de boca.

Seu primeiro instinto é dizer a ele, e à peruca que tem no peito, que parem de amolar, mas isso seria grosseiro e você não quer fazer uma cena. Então, você se move no banco, de modo a lhe dar uma joelhada nas bolas caso chegue mais perto com esse hálito letal. Você está prestes a recusar educadamente a bebida quando sente uma mão no ombro. Assustada, você gira para ficar de frente para o homem postado logo atrás de você. Reconhece-o imediatamente: é o cara que chamou sua atenção quando chegou ao bar.

— Olá, meu bem, desculpe o atraso! — ele diz, inclinando-se para a frente e beijando-lhe a face. Você inspira fundo ante a inesperada proximidade. Ele cheira a cedro e couro e, de perto assim, você pode ver a mistura *sexy* de tons escuros e grisalhos em suas têmporas, e o sorriso no

canto de seus olhos.

Com um braço casualmente colocado sobre seu ombro, ele estende a outra mão para Stanley.

— Muito obrigado por fazer companhia a ela. Um pouco atrasado. Negócios, sabe como é...

Ciente de que está descaradamente aproveitando a situação, você se reclina um pouco contra o braço de seu salvador. Peruca no Peito murmura alguma coisa e se coloca de pé. Enquanto apertam as mãos, você repara que Stanley treme. O palito desapareceu, e você se pergunta se ele o engoliu. Com o rosto avermelhado, Peruca no Peito some rapidamente de vista.

— Oi, sou Miles — diz seu novo conhecido, tirando o braço de seu ombro.

— Muito obrigada! — você responde, a pele ainda formigando onde ele a tocou.

— Espero que não tenha sido presunçoso demais da minha parte.

— Eu podia ter cuidado disso, mas obrigada pela ajuda. — Você sorri.

— Não tenho dúvida de que você podia tê-lo despachado com um único olhar se quisesse — declara ele. — Mas eu precisava de uma desculpa para vir me apresentar.

Isso parece promissor, e você está prestes a se oferecer para lhe pagar uma bebida quando ele continua:

— Foi muito bom conhecê-la, mas é melhor eu voltar para o meu colega; estamos fechando um pequeno negócio.

— Ah, claro. — Você não quer que ele vá embora, mas não sabe como lhe pedir para ficar. — Obrigada novamente.

— O prazer foi meu! — Ele a observa por outro longo segundo antes de se virar para retornar à mesa. Você o observa se afastar. Ele está usando uma calça de corte primoroso e uma camisa com a mais tênue risca azul, aberta no colarinho. Elegante e, certamente, cara. Ele se vira e a flagra examinando-o, e ergue a mão num aceno. Você sorri de volta e então se vira para o espumante a fim de dar uma golada, a boca seca.

— Mais um? — pergunta o jovem *barman* enquanto você esvazia lentamente a taça. As bolhas estão deliciosas, mas você tem sede, por isso pede uma Perrier.

— *Prosecco*, Perrier... Você está num clima mediterrâneo — diz o *barman*, surpreendendo-a.

Não é um papinho comum de bar, e você olha para ele com mais atenção. Mesmo na iluminação fraca e artificial, a pele dele resplandece.

— E aí, o que um sujeito legal como você está fazendo num lugar como este? — você pergunta, sentindo-se um pouco atirada; culpa do espumante.

— Dividindo um turno com meu primo; ele é o *barman* oficial daqui. O dinheiro quebra o galho... Os livros da faculdade são caros.

— Ah, você é estudante?

— Sim, e, por favor, não me pergunte o que eu estou estudando...

— Bem, eu não ia, mas agora você me deixou curiosa.

Ele se mostra um pouco tímido:

— Filosofia da Religião. Especialmente religiões orientais.

— Sêrio? Não imagino que isso ofereça muitas opções de carreira.

Ele parece sério por um momento:

— Você ficaria surpresa. Em algum momento eu gostaria de trabalhar na força internacional de manutenção da paz, na ONU. Viajar pelo mundo, sabe?

E ele fica mais e mais interessante. O rosto de um anjo, o corpo de um pecador e um cérebro também? E tem mais: ele realmente quer a paz mundial.

Você lhe dirige um sorriso lento e promissor. Pode ser coisa de papa-anjo, mas você fica tentada a prosseguir com isso um pouco mais. Mas primeiro é melhor ir ao toalete. Se você vai flertar com um rapaz de 20 e poucos, extremamente gracinha, é quase certo que deve conferir a maquiagem.

O toalete feminino é um oásis de iluminação calma e suave. Há apenas outra mulher, e ela está ocupada com o espelho, aplicando maquiagem.

Ela é uma das mulheres mais expressivas que você já viu. Seu cabelo brilhante está amontoado no alto da cabeça em cachos soltos e preso com um pente de coral. Suas sobrancelhas quase se encontram no meio, e ela tem uma pinta bem abaixo de um lado do rosto. A saia longa é drapeada nos quadris, o tecido cor de joia refletindo a luz. *Vintage* com certeza, talvez mesmo um Valentino. Ela ergue o olhar e avalia você no espelho, depois sorri, como se gostasse do que vê. Você não pode deixar de reparar em seus seios no *top* de renda: ou ela é imune à gravidade ou está usando um sutiã desenvolvido pela mais cara engenharia conhecida.

Sob seu olhar calmo, você se sente um pouco monótona em seu vestidinho preto, como um pombo que se desviou para o habitat do pavão.

— Sinto muito, estou monopolizando o espelho — você diz ela. Sua voz traz um leve rosnado, ou é um indício de sotaque?

— Não, não, está tudo bem, só vou usar o toalete — você diz, sentindo-se estranha ao lado da elegância e do autocontrole dela. Ela lhe sorri novamente e você escapa para uma cabine, o coração acelerando. Você não consegue tirar aquela pinta de sua mente.

Quando termina, lava as mãos e se junta a ela para retocar a maquiagem. Seu delineador manchou, e você precisa passar batom.

— Adorei o seu cabelo — ela diz, enquanto você pesca um pente da bolsa.

— Obrigada — você responde, levando uma mão à cabeça, inibida. — Engraçado, eu mataria para ter um cabelo como o seu.

— E não é sempre assim? — diz ela. — Nós todas queremos o que não podemos ter. — Ela retém os olhos nos seus por um momento longo demais, e você fica chocada por se imaginar momentaneamente passando a língua sobre aquela pinta. De onde veio isso?

— Espere, você tem um pouco... Aqui, deixa comigo... — diz ela e, voltando-se para você, segura seu queixo com uma mão firme e usa um lenço para limpar o lápis borrado sob seus olhos. O rosto dela está tão próximo do seu que você mal consegue respirar, mas você sente seu perfume, uma mistura exótica de especiarias.

Dai ela enfia a mão na bolsa de maquiagem para pegar um lápis delineador e uma paleta de

sombra. Exibe-os na sua frente.

— Você não se importa, né? Feche os olhos para mim.

Incerta do que ela está perguntando exatamente, você faz o que ela diz. Treme um pouco enquanto ela acaricia, com o delineador, a borda de suas pálpebras, depois usa o dedo para esfumaçá-la um pouco. Daí ela repete o processo, desta vez com a sombra cor de ardósia e o iluminador contrastante, misturando delicadamente o pó fino sobre suas pálpebras e abaixo da sobrancelha. O toque dela em sua pele é incrivelmente suave, e você está começando a se sentir um pouco zozna.

Um certo pesar atinge você quando ela se afasta.

— Aí está — diz ela. — Você está incrível, *chica* — e aponta para o espelho. Você se vira para olhar. Graças às novas pálpebras esfumaçadas, seus olhos parecem muito maiores do que poderiam ser. É uma grande melhoria comparada a seus próprios esforços amadores. Você se pergunta se sua amiga misteriosa é modelo.

— Você tem cara de que vai gostar disto. Aqui... — ela estende um braço delgado, pesado de pulseiras prateadas, e enrola seus dedos num pedaço de papel dobrado. — Foi bom conhecê-la. Espero que apareça — diz ela enquanto pega a bolsa e caminha até a porta do banheiro, os quadris balançando com confiança.

— Obrigada por fazer meus olhos — você diz, tarde demais.

Mal ela se foi, você desdobra o papel que ela pressionou na sua mão. É o anúncio de uma exposição em uma galeria de arte, ali perto. A imagem é um retrato cortado, em close, do rosto de uma mulher, e você percebe que na verdade é ela ali, desafiando-a com aqueles olhos fabulosos. Você passa o dedo sobre a palavra “Imaculada” na parte inferior da página. Esse é o nome dela? O nome da exposição? Ela é a artista?

Você coloca o *flyer* dentro da bolsa e volta para o bar, mas não há nenhum sinal dela — deve ter ido embora.

Você retorna ao seu banquinho, um pouco desamparada. Sente-se exposta, toda bem-vestida sem ninguém para conversar. O *barman* deslumbrante está lidando com um grupo barulhento, e o homem intenso que você encontrou mais cedo ainda está cara a cara com o colega. Você poderia ficar por ali mesmo e tomar o último drinque, mas tem a opção da exposição... com a certeza de encontrar canapés, pelo menos.



Se decidir permanecer, tomar outro drinque e ver o que rola, [clique aqui](#).



Se decidir conferir a exposição na galeria, [clique aqui](#).

Você decidiu permanecer no bar, tomar outro drinque e ver o que rola

O bartender de rosto angelical está voltando em sua direção com a Perrier da qual você já se esquecera. Você agradece e digita uma mensagem para Melissa, avisando que ela lhe deve uma por deixá-la plantada.

— Com licença — diz uma voz muito grave. Você ergue o olhar do celular para uma enorme árvore. Ele deve ter mais de 2 metros de altura e pelo menos metade disso de largura. Está vestido com um terno preto, um fiozinho ligado a um fone no ouvido. — Não sei se você reparou, mas os Caubóis do Espaço estão aqui. — Aponta com o polegar por cima do ombro, indicando a área VIP.

— Estão? — você diz, girando no banquinho e esticando o pescoço para ver. A comitiva deve ter chegado enquanto você estava no toalete, e agora a área VIP está agitada. Duas garçonetes se dirigem para lá com baldes de champanhe, e outro segurança gorila monta guarda na frente das cordas vermelhas, certificando-se de que apenas as pessoas mais importantes, ou bonitas, entrem. Você dá uma olhada em Jerry, o vocalista, que tem duas altonas tipo modelo coladas nos ombros dele. Ele usa loiras como se usa um casaco.

— Sim — diz o guarda-costas. — O Charlie me pediu para convidá-la para subir até a área VIP e tomar um drinque com ele.

— Pediu? — Você está surpresa. Devem ser os olhos que a mulher no banheiro lhe deu. Se algum dia a vir novamente, precisa lhe agradecer. — Ele é o baterista, certo? — você pergunta, olhando a ala VIP para tentar avistá-lo. Sim, lá está ele, sentado num sofá de couro ao lado do guitarrista, de cujo nome você não consegue se lembrar. Ele se depara com seu olhar, sorri e ergue a mão.

Você se endireita e estende a mão para a Perrier, desejando ter pedido algo mais forte.

— Estou muito lisonjeada — você diz —, mas diga ao Charlie dos Caubóis do Espaço que, se quiser se juntar a mim, pode descer até aqui para o mundo real, com os camponeses, e pedir pessoalmente, e não mandar o guarda-costas fazer o trabalho sujo por ele. Sem ofensa! — acrescenta rapidamente ao elefante.

— Sem problemas — diz o grandão, e você acha que detectou um sorrisinho no canto de sua boca. — Você sabe *mesmo* quem ele é, certo?

— Não ligo se ele for a droga do Príncipe William — declara. — Diga a ele que, se me quiser, sabe onde me encontrar. — Daí você se inclina além do gigante, faz novo contato visual com Charlie, do outro lado do ambiente, sorri seu sorriso mais *sexy* e perverso e ergue o copo em um brinde.

— Tudo bem — diz Montanha de Homem, desta vez com um sorriso definitivo.

Você se volta novamente para o bar, as mãos tremendo um pouco.

O espelho atrás do balcão reflete a área VIP e, se você vira um pouco a cabeça, dá para assistir ao que está acontecendo.

Você vê o segurança curvar-se para sussurrar algo no ouvido de Charlie. A princípio ele arqueia as sobrancelhas e parece surpreso, e então olha para você. Você age com indiferença, mas se certifica de estar ereta e com a barriga encolhida. Charlie se reclina e começa a rir.

Segundos depois, ele se levanta do sofá de couro, e seu estômago se revira enquanto assiste ao reflexo dele sair da área VIP e caminhar até o bar. Ele está vindo até você — melhor praticar a cara de surpresa.

A maioria das pessoas sempre prefere os vocalistas, mas há algo nos bateristas que sempre a intriga. Talvez porque eles tendem a ser meninos muito maus. Charlie tem cabelo bem comprido que cai numa franja irregular sobre um olho. É alto e esguio, os braços cobertos de tatuagens. Um deles tem uma única frase rabiscada descendo por toda a sua extensão. Os pelos de sua nuca se eriçam completamente quando você se imagina correndo um dedo pelas letras do braço dele.

— Olá! — diz ele, reclinando-se contra o balcão ao seu lado. Estende a mão: — Prazer em conhecê-la. Sou a droga do Príncipe William.

Você tinha planejado manter a compostura, mas não se segura — desata a rir. Aperta a mão dele, ciente de sua palma úmida. Seus dedos são engolidos pelos dele.

— Suas mãos são enormes! — fala você, depois mentalmente fica brava consigo mesma por pensar em voz alta.

— Ah — diz ele, estendendo as mãos e examinando-as calmamente. — Sabe o que dizem sobre homens com mãos grandes, não sabe?

Você ruboriza violentamente.

— Espera um pouco: o que você está pensando, seu mente suja? Eu quis dizer que eles dão grandes bateristas!

— Ah, é isso que dizem? — Com um súbito ímpeto de coragem, você pega uma das mãos dele, aninhando-a nas suas palmas. — Sério, você realmente tem as maiores mãos que eu já vi. Já entrou em contato com o livro dos recordes? E, se esta for sua linha da vida, você vai viver por muito, muito tempo — você diz, virando uma mão e traçando delicadamente a linha com um dedo.

— Você devia ver os meus pés — diz ele. Então se vira e inspeciona o bar. — É assim aqui embaixo, entre os camponeses, hã?

— Bem-vindo ao mundo real. Não é sempre que alguém me aborda em nome de outra pessoa. Isso meio que me levou de volta aos tempos de escola.

— Você está certa, foi um pouco arrogante da minha parte. Posso lhe pagar um drinque para compensar? Embora eu talvez precise da minha mão de volta, só para pagar, sabe?

Você percebe que ainda está agarrando com força a mão dele e a solta como carvão quente. Sente a cabeça leve e espumante, exatamente como o champanhe.

— Seria ótimo! Obrigada.

Charlie bate um ritmo rápido no balcão do bar. O jovem *barman* se aproxima e tenta não ficar estupefato quando se dá conta de quem é:

— O que você vai querer?

Charlie olha para você, os olhos faiscando de malícia:

— Duas doses de tequila ouro. Com laranja, não limão.

Você está prestes a protestar que está bebendo vinho espumante, não tequila, mas ele ergue

uma sobranceira e você se dá conta de que logo mais vai tomar uma tequila com o baterista do Caubóis do Espaço. Sem dúvida, ele é um dos caras mais gostosos no bar, talvez mesmo no país, e tem aquelas mãos, aquelas mãos enormes e excitantes, e ele quer tomar tequila com você. Este é um daqueles momentos “Alice no País das Maravilhas” que acontecem uma vez na vida. O momento que você aproveita, e faz algo um pouco maluco, ou que deixa passar e vive para se arrepender.

Você se pergunta se deveria fazer isso. Sabe exatamente o que a tequila faz com você, especialmente por cima de vinho espumante — todas as suas inibições voam janela afora. Se for por esse caminho, provavelmente não haverá como voltar.

Diante do pensamento de tomar todas com ele, algo lhe aperta fundo no peito. Você devolve o sorriso a Charlie e faz um sim com a cabeça, ainda que discretamente, tentando parecer controlada, enquanto por dentro queima como uma sequência de fogos de artifício baratos. E se pergunta o que aconteceu com o Sr. Intenso, o homem maduro. Não poderia existir um contraste maior com Charlie.

O *barman* serve as doses e equilibra meia fatia de laranja em cima de cada uma. Charlie desliza a dose até você e ergue a dele num brinde desafiador.



Se quiser tomar tequila com um astro do *rock*, [clique aqui](#).



Se não quiser tomar tequila com um astro do *rock*, [clique aqui](#).

Você decidiu tomar tequila com um astro do rock

Por que não? Você não vai se casar com esse cara. Você não vive num mundinho cor-de-rosa — e vê a situação exatamente como ela é. Se jogar bem as cartas, vocês podem ser felizes para sempre só durante esta noite.

— À droga do Príncipe William — diz Charlie, fazendo o copo tinir contra o seu. Você toma a dose, fazendo uma careta enquanto o destilado desce queimando a garganta, depois chupa a laranja para neutralizar o fogo da tequila. Charlie ri da careta que você faz enquanto ele bate o próprio copo vazio no balcão e chupa a laranja.

— Já fez *body shof*? — pergunta ele.

Você balança a cabeça, sentindo uma onda de calor enquanto a tequila percorre seu corpo.

Ele se aproxima um pouco mais. De alguma forma ele consegue exalar sexo por todos os poros — ele até cheira a sexo, você pensa —, sexo e tequila. Ele estende um braço e coloca uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. Você vibra ao toque e mal consegue tirar os olhos de seu braço — quase pode sentir o calor que irradia dele.

— As regras para fazer um *body shot* são simples — declara ele, inclinando-se para você, e ali está aquele sorriso conhecido de novo. Você está tão perto que quase poderia beijá-lo. — Seguro a laranja na boca, e você pode colocar o sal onde quiser no meu corpo, certo? Então você lambe o sal em mim, toma a dose e morde a laranja da minha boca. Quer fazer?

Você não tem confiança em si mesma para falar, então simplesmente faz que sim com a cabeça. Sua calcinha fica molhada ante o pensamento de lamber o corpo dele.

— Mais quatro tequilas, por favor, colega — diz Charlie ao *barman*. — E desta vez vamos precisar de um pouco de sal.

Quatro? No que você foi se meter?

O barman serve as doses e as coloca na frente de vocês. Charlie estende a mão para o saleiro e lhe entrega.

— Você primeiro — diz ele, com um desafio nos olhos. — Que parte do meu corpo você quer?

Você leva um tempo olhando-o de cima a baixo, mas essa decisão é fácil: tem que ser aquele braço tenso e musculoso de baterista.

— Me dê seu braço — você diz. E fica impressionada com o quanto sua voz soa confiante. Dá para sentir seus mamilos duros e firmes, roçando na renda do sutiã.

Charlie aprova com um sorriso e estende a mão para uma fatia de laranja, apertando a casca entre os dentes perfeitos, a polpa da fruta projetando-se, esperando por você. Então ele lhe oferece o braço esquerdo, aquele com o escrito.

Você lhe toma o braço; a sensação da pele dele é quente sob a ponta de seus dedos. Retendo-lhe o olhar, você derrama uma tira de sal descendo por seu antebraço. Deixa cair a cabeça e, sem romper o contato visual, lambe o sal do braço dele, alargando e achatando a língua tanto quanto consegue, de modo a poder provar o máximo possível de sua pele. Então você volta para uma segunda lambida, para se certificar de que não deixou passar um único grão de sal. O gosto dele é realmente bom, como almíscar e suor.

Os olhos dele estão arregalados, e suas pupilas se dilatam enquanto ele observa sua língua correr-lhe o braço. Daí você estende a mão para a dose e vira, e ele se inclina em sua direção para que você possa morder a laranja presa entre os lábios. Você agarra com força sua nuca com a mão, puxando-o para perto. Pode sentir a boca dele pressionando-se contra a sua enquanto morde a laranja.

Você solta o seu braço, e ele deixa cair a mão enorme sobre sua perna, comprimindo-a suavemente. A tequila, a proximidade, a mão sobre a coxa e o gosto dele fazem com que seu corpo inteiro trema. Você se reclina um pouco, a boca franzindo-se com a acidez da laranja, que quebra o poder da tequila.

— Minha vez — diz Charlie, fitando seus olhos e lambendo os lábios. Você está muito molhada. Se ele fosse tocá-la neste exato momento, você provavelmente teria um orgasmo em segundos.

— Acho que eu quero seu pescoço — diz ele lentamente, ainda sem tirar os olhos de você. Você engole em seco enquanto ele estende a mão e afasta seu cabelo do ombro, roçando seu pescoço com os dedos. — Bem aqui — diz ele. Arrepios explodem por todo o seu corpo. Ele se aproxima ainda mais. — É melhor lamber primeiro — fala ele —, só para garantir que o sal grude, sabe?

Você faz que sim com a cabeça, a pele desejando mais daqueles dedos fortes e hábeis. Você inclina a cabeça para o lado, para que ele tenha o maior acesso possível. Com uma mão segurando o outro lado de seu pescoço, ele percorre com a língua desde a clavícula, subindo por toda a lateral do pescoço, terminando logo abaixo da orelha. Daí ele recua e coloca a laranja entre seus dentes, pronta para sua boca. Derrama o sal numa linha, de ponta a ponta da pele lambida. Então, segura delicadamente seus braços de lado e lambe a tira de sal, começando no declive do pescoço e, uma vez mais, no ombro, e corre com a língua quente para cima, tirando o sal de sua pele. Se ele não parar logo, é muito provável que você tenha um orgasmo apenas pela sensação da língua dele em seu pescoço.

— Acho que deixei escapar um lugar — murmura ele em seu ouvido. Retorna novamente a sua clavícula e então dá mordidinhas subindo por todo o caminho, mais uma vez, até o pescoço. Você acha que pode desmaiar de absoluto prazer. Depois de ter lambido você minuciosamente, ele vira a dose de tequila, depois a puxa novamente para si enquanto morde a laranja que você segura na boca. Ele retém a boca na sua, e você pode sentir o gosto do sal e da tequila em seus lábios.

Rápido demais, ele se afasta.

— O que você diz de a gente ir ao meu hotel e descobrir mais algumas partes interessantes do nosso corpo para jogar sal? — sugere ele, batendo o copo vazio no balcão.



Se escolher ir à suíte do astro do *rock* para fazer mais *body shots*, [clique aqui](#).



Se decidir deixar o astro do *rock* ali, [clique aqui](#).

Você escolheu ir à suíte do astro do rock

Você está ajoelhada no chão, sobre um tapete felpudo, em frente a uma lareira imponente de um astro do *rock*.

É um clichê, mas um clichê delicioso. Apenas um astro do *rock* ficaria numa suíte como esta. Ela ocupa um andar inteiro do hotel e ostenta todo o luxo imaginável. Há música pulsando nos alto-falantes invisíveis que devem estar alojados no teto, bem como nas paredes. A faixa é algo que você não reconhece, com um baixo grave e suave.

Charlie está ajoelhado em frente a você. Ele levanta seu vestido num movimento suave, antes mesmo que você esteja plenamente consciente do que ele fez. Então, ele delicadamente a impele para trás, sobre o tapete, que dá uma sensação macia e felpuda em suas costas nuas.

— Fique parada — ordena ele —, não vai doer nada. — A voz dele é rouca, e você treme enquanto ele pinga tequila em seu umbigo. — Agora, onde, ah, onde devo colocar o sal? — brinca ele, descendo os dedos desde o umbigo até a borda da calcinha fio-dental roxa rendada. — Primeira regra dos *body shots* — diz ele, tirando abruptamente os dedos justo quando você está começando a curtir-los —, nada de mãos! — Então ele abaixa a cabeça e puxa, delicadamente, seu sutiã para baixo, com os dentes que passam roçando seu mamilo enquanto ele afasta a renda. Você inspira fundo ante a aspereza de seus dentes, o mamilo tão duro e sensível que você deseja se esquivar, mas não pode por causa da tequila concentrada no umbigo. Mal puxou o sutiã do seio direito, ele projeta a língua e a desliza numa generosa lambida pelo seu mamilo tenso. Então ele pega uma fatia da laranja, oferecendo-a para que você a prenda na boca.

Ele sopra suavemente onde acabou de lambe em seu seio, deixando o mamilo ainda mais duro, o hálito fresco dando arrepios por todo o seu corpo em chamas; depois, derrama uma linha de sal pelo mamilo, que deseja novamente a atenção dele.

Finalmente, justo quando você não pode ficar sem ser tocada por nem mais um segundo, ele se inclina e lambe rapidamente o sal de seu seio — rápido demais para seu gosto; você preferiria que ele ficasse lá por um tempo bem mais longo —, daí desce a cabeça até sua barriga; você não consegue deixar de arquear as costas enquanto ele suga a tequila de seu umbigo, a língua mergulhando nele, girando em torno das bordas. Em seguida, antes que seu corpo saiba o que o atingiu, Charlie está montado de quatro sobre você, os braços no chão ao lado de sua cabeça, e ele deixa cair a boca sobre a sua, devorando avidamente a laranja, e você não sabe o que acontece com a laranja, mas ela se vai em segundos. E então ele a está beijando, e você pode sentir o pau duro através do *jeans* e contra sua calcinha, que está encharcada.

Você o beija frenética, furiosamente; as línguas se entrelaçam, cheias do sabor de sal e tequila. Você impulsiona o quadril para cima, contra a virilha dele, desesperada pelo alívio de um pouco de atrito. E você enrola as pernas nuas nele, pressionando-se contra a dureza dentro do seu *jeans*. Farta de todas essas roupas — você realmente deseja sentir a pele dele contra a sua, por isso o vira de costas sobre o chão e monta de pernas abertas sobre ele. Rápido como uma raposa, ele alcança as suas costas e abre seu sutiã, libertando-lhe os seios. Mas não é justo: você está quase totalmente nua e ele ainda veste quase todas as roupas. Então, você agarra os pulsos dele e levanta seus braços por trás da cabeça. Ele tenta morder seus seios, mas você quer provocá-lo um pouco, então o repele.

— Agora é a minha vez! — ofega você, olhando fixamente em seus olhos e roçando a virilha

na dele. A sensação de sua dureza contra si é tão prazerosa que você tem que se forçar para parar. Você sabe que, se ficar se esfregando nele um pouco mais, ainda que esteja de *jeans* e mal a tenha tocado, você vai ter um orgasmo em segundos. Mas você não quer ter um orgasmo ainda — tem outros planos. Ele levanta a cabeça e tenta beijá-la, mas você permite apenas por um segundo antes de afastar a cabeça. Você está no comando agora.

Ainda montada nele, os joelhos amortecidos pelo tapete, você solta os pulsos dele e arranca sua camiseta. Então, desce rastejando pelo comprimento de seu corpo, mordiscando seu peito musculoso, tomando brevemente cada um de seus mamilos entre os dentes e ouvindo-o gemer de prazer. Em seguida, você abre o botão de *jeans*, desce o zíper e puxa a calça até sair pelas pernas, libertando o maior e mais duro pau que você já viu na vida. É tão grande que você fica um pouco assustada com a ideia de tê-lo dentro de você. Ele ergue a cabeça, e um sorriso orgulhoso surge lentamente no rosto dele.

— Fique parado! — ronrona você enquanto estende a mão para a garrafa de tequila e derrama uma dose em seu umbigo. Transborda, e você observa a tequila correr sobre a pele dele em todas as direções, descendo um pouco para a virilha, seguindo em pequenos regatos em meio aos pelos pubianos escuros.

Você se ajoelha ao lado dele e exhibe o saleiro. Ele olha cheio de expectativa, e você se curva e lhe toma o pau com uma mão, depois o lambe lentamente desde a base até a ponta, segurando e, delicadamente, apertando as bolas com a outra. Daí desce a língua pelo comprimento do pau novamente. Ele fecha os olhos e joga a cabeça para trás, gemendo de prazer e lutando para não se retorcer e derramar a tequila.

É a sua vez de tê-lo à sua mercê, e você está amando cada segundo. Enfia-lhe um pedaço de laranja na boca, abafando os gemidos. Daí derrama uma linhazinha de sal ao longo da linha úmida e lambe lentamente os grãos sobre seu pau, sentindo-o pulsar sob a língua. Então suga a tequila de seu umbigo, lambendo ao redor dele para obter até a última gota. Monta nele novamente e sobe engatinhando até morder a laranja presa entre os dentes, saboreando o gosto cítrico que persegue a tequila garganta abaixo.

Incapaz de resistir por mais tempo, Charlie tira você de cima dele, rolando-a de costas, e segura seus braços contra o tapete felpudo, roçando-lhe o pau.

— Quero você dentro de mim — ofega você, incapaz de suportar o suspense por mais tempo. Sente-o puxando a calcinha fio-dental roxa rendada, e por um momento você agradece por ter escolhido essa *lingerie* em vez da calcinha de vovó ou do suporte de *lycra*. E, então, sente a cabeça do pau ereto contra você.

— Devagar — você sussurra. — Com cuidado — endireita-se um pouco, subitamente preocupada com a proteção.

Ele faz que sim com a cabeça, compreensivo, e estende a mão para um preservativo no bolso do *jeans*, que se encontra ao seu lado. Você se deita excitada, a respiração rápida. Então ele se ergue num braço e rola a camisinha sobre o pau.

— Devagar! — sussurra você novamente, jogando a cabeça para trás e abrindo mais as pernas para ele. Lentamente, ele coloca o pau dentro de você. Você está tão molhada que a cabeça desliza facilmente para dentro, mas então sente a boceta se expandir à medida que recebe mais e mais dele, e você arqueia as costas enquanto ele a preenche completa e inteiramente. É muito prazeroso, especialmente quando seus carinhos, suaves a princípio, se

tornam mais fortes e rápidos — ele chega a ser grande demais para você, mas a sensação é tão boa que você não quer interrompê-lo.

Justo no momento em que está estabelecendo um ritmo, ele desliza para fora de você por um breve instante, e você aproveita a oportunidade para virar-se de costas. Ajoelha-se, ergue o traseiro no ar, e ele geme de desejo enquanto vem por trás de você, penetrando-a novamente. Dá para sentir a ponta do pau pressionando-se contra o ponto G lá no fundo, e você sabe que é isso que queria sentir; os joelhos começam a tremer enquanto, com cada forte estocada, ele a leva para mais e mais perto de um orgasmo selvagem. E logo ele está segurando seus quadris e batendo o corpo em você, que não consegue mais se conter, então se empurra contra ele, controlando a profundidade de cada estocada bem do jeito que você quer, até que seja preciso só mais uma, só mais uma, para fazê-la enlouquecer, e seus olhos se reviram, e seus dedos dos pés enrolam-se, e sua boceta se contrai um milhão de vezes enquanto ambos gozam ao mesmo tempo, você com um gemido longo e gutural e ele com um grito enquanto comprime seus quadris e depois bate em seu traseiro com uma mão enorme, a dor deliciosa do tapa estendendo seu orgasmo, aumentando sua intensidade.

Finalmente, justo quando você pensa que suas pernas trêmulas não podem sustê-la por mais tempo, ele se afasta, e você desmorona de lado sobre o tapete, o corpo escorregadio de suor. Charlie cai pesadamente ao seu lado e a puxa para si, as costas contra a barriga dele. Você está inteiramente satisfeita, a cabeça leve de tequila e prazer, as pernas entrelaçadas enquanto o corpo se convulsiona com uma série de tremores secundários, os braços dele em torno de você.

Quando finalmente abre os olhos de novo, cem anos depois, você traça o rabisco da tatuagem que desce pelo comprimento do braço direito dele, aquele que você não lambeu — ainda. Está escrito: *I don't know where I'm going from here, but promise it won't be boring.*^[1] Você sorri ao senti-lo ficar duro novamente, aquele pau gigante começando a se mexer contra suas costas.

— Sabe o que a gente devia fazer? — diz ele, tamborilando sobre seu braço com os dedos.

— O quê? — “Que raios ele pode querer agora?”, pergunta-se você. — Como pode estar pronto de novo? — você pergunta, impressionada com o vigor.

Ele sorri, irônico, e encolhe os ombros, mas os olhos se dirigem rapidamente para uma cartelinha de plástico que deve ter caído do bolso ao tirar o preservativo. Há várias pílulas azuis dentro dela. Você sabe exatamente o que são; recebe *spam* sobre elas o tempo todo. Ele limpa a garganta e empurra o *jeans* para cima do pacote revelador.

Você fica um pouco decepcionada: um astro do *rock* que precisa tomar Viagra? Longe da imagem mental que você tinha desse cara.

— Quer fazer algo um pouco selvagem? — indaga ele.

— Selvagem? — você pergunta, nervosa.

— Sim — diz ele, dando-lhe uma apertadinha —, algo um pouco diferente, um pouco... Você sabe... Bizarro!

— Depende do que você tem em mente. — Você fica um pouco preocupada com que tipo de sexo primitivo e depravado esse cara está planejando em seguida. Se ele acha que aquele órgão monstruoso vai a qualquer lugar perto de seus outros orifícios, é melhor ir tirando o cavalinho da chuva.

— Bom, achei que talvez a gente pudesse tomar um banho juntos — diz ele. — O chuveiro nesta suíte é irado; tem uma vista matadora da cidade.



Se decidir tomar banho com o astro do *rock*, [clique aqui](#).



Se está esgotada e pronta para ir para casa, [clique aqui](#).

Você decidiu tomar banho com o astro do rock

Você expira. Ufa, apenas sexo no chuveiro. Não é nada assim bizarro. Com Viagra ou sem Viagra, você pode facilmente fazer isso com um roqueiro gostosão, num luxuoso banheiro de hotel com uma vista deslumbrante. Além disso, foi uma noite longa e vaporosa, por isso a ideia da água fria parece tentadora. Você imagina aquelas mãos grandes ensaboando o seu corpo e começa a ficar toda molhada novamente.

— Parece ótimo — você diz, virando a cabeça e beijando a parte de baixo de sua mandíbula, depois passando a boca pela lateral do pescoço. Ele segura um de seus seios com a mão em concha e rola o mamilo entre dois dedos; seu corpo ainda está sensível após o enorme orgasmo, por isso é uma agonia deliciosa.

Ele se levanta e pega sua mão.

— Vamos lá, então.

Você o deixa puxá-la para cima. Daí o acompanha até a enorme suíte máster. A grandiosa janela panorâmica tem vista para o porta-joias de luzes que é a cidade, e há uma cama circular gigante no meio do quarto.

Ele puxa sua mão, e você o acompanha para dentro do banheiro, que é quase maior do que seu apartamento inteiro. O piso é de grandes lajotas de mármore, e as luzes da paisagem urbana bruxuleiam através de outra janela que toma toda a parede.

Ainda segurando sua mão, Charlie abre a porta do box e entra, conduzindo-a atrás de si. Há muito espaço para os dois, e há até mesmo uma saliência de mármore no caso de você querer se sentar para admirar a vista da cidade e o céu noturno.

Ele liga as torneiras e você sente a pressão da água chegando de uma dúzia de diferentes jatos em várias alturas e ângulos, puro paraíso sobre seu corpo ainda aquecido. Ele a puxa para si e a beija profundamente, enquanto a água chove sobre você. Seus joelhos ainda estão um pouco trêmulos do orgasmo, e, quando o sente passando um sabonete macio por suas costas, você se inclina para ele. O sabão desliza entre suas nádegas e então desce para a vagina, que está latejando novamente em resposta ao toque dele.

— Ah, céus — geme você, o prazer enfraquecendo-a nos joelhos.

Ele olha para você e você repara que o cabelo molhado dele está emplastrado na testa, o que o faz parecer um pouco pateta. Você também registra que ele devia estar usando rímel, e não do tipo à prova d'água, pois está manchado debaixo dos olhos. Você observa, em desalento, a frase de David Bowie do braço dele começar a sangrar e pingar, as linhas de caneta dissolvendo-se sob o ataque da água.

— Querida — diz ele, o rosto mais sério.

Você acena com a cabeça, sem certeza de poder falar.

— Você faria algo especial por mim? — pergunta ele.

Uma picadinha de preocupação sobe-lhe a espinha.

— Tem uma coisa de que eu gosto... Você pode achar um pouco estranho, mas eu acho muito excitante — diz ele. — E, se você der uma chance, espero que possa gostar também.

Você limpa a garganta:

— Sim? — “Pode ser tão ruim?”, você se pergunta. Mesmo que ele use maquiagem e precise de Viagra e suas tatuagens não sejam todas de verdade, ele ainda é o baterista dos Caubóis do Espaço, ainda é muito gostoso e o sexo há pouco foi incrível. Independentemente do que ele esteja prestes a lhe pedir, você está razoavelmente segura de que pode fazê-lo. No mínimo vai considerar o pedido com a mente aberta.

Ele a segura pelos pulsos, olha dentro de seus olhos, quase suplicante. Então, diz:

— Quero muito que você mijie em mim.

Você inspira fundo, concentrando-se para não fazer uma careta. Mente aberta, mente aberta, mente aberta, repete silenciosamente para si mesma.

— Como? — Talvez, se tiver sorte, você tenha ouvido errado.

— Me excitaria muito, totalmente, se você mijasse em mim — repete ele, mostrando-se esperançoso.

— Hum... — você diz. — Você quer que eu faça xixi? Em seu corpo? — Você achava que fosse algo que as pessoas só fizessem se tivessem sido queimadas por uma água-viva.

Ele acena com a cabeça e dá aquele sorriso *sexy*. Mas não parece mais tão *sexy*, com olhos de guaxinim e cabelo liso revelando um início de calvície agora que o gel saiu na água.

— Sim — diz ele. — É muito excitante. Sento na saliência e desligamos as torneiras, e daí você pode mijar em mim, onde quiser, enlouqueça.

— Hummmm. — Você hesita. — Não estou com vontade de fazer xixi agora, mas me deixe beber um pouco de água e buscar uma taça de champanhe para nós, e então tenho certeza de que posso produzir xixi para você. O que lhe parece? Tudo bem?

Os olhos dele se iluminam com sua reação.

— Maravilha! — grita ele. — Caramba, você é incrível! Isso vai ser excitante!

Você sorri e o beija levemente nos lábios, depois sai do chuveiro.

— Espere aqui, gostosão; eu já volto.

Enquanto sai do banheiro na ponta dos pés, tomando cuidado para não escorregar no piso de mármore, você olha para trás para vê-lo tocando uma guitarra imaginária no chuveiro.

Você corre para a sala de estar, água ainda pingando de seu corpo nu. Pega uma toalha de cima do sofá — parece cara, mas quem liga? — e se seca. Pega suas roupas íntimas do chão e puxa o vestido sobre a pele úmida. Então pega os sapatos e a bolsa e sai na ponta dos pés pela porta da suíte, fechando-a silenciosamente atrás de você. Dispara em direção ao elevador, rindo histericamente enquanto imagina Charlie virando uma ameixa no chuveiro — e o rosto dele quando perceber que você não vai voltar. Esquisitão!

Definitivamente é hora de seguir para casa e ver um DVD com uma tigelona de pipoca. Ou, espere aí: talvez você deva fazer uma visitinha a Melissa — ela nunca vai acreditar nisso!



Para ir direto para casa, [clique aqui](#).



Se no caminho quiser dar uma passadinha na casa de Melissa para contar a ela sobre sua noite alucinante, [clique aqui](#).

Você está esgotada e pronta para ir para casa

Você boceja e se estica. Está cansada e satisfeita. Atrás de você, o pênis endurecendo de Charlie pressiona-se contra suas costas. Você sente como se estivesse em algum tipo de sonho, em que garotas normais transam com astros do *rock* gostosões sobre tapetes felpudos, em suítes de hotel caras com vista para a cidade. Você acha que, se alguém a beliscasse agora, você provavelmente acordaria e tudo estaria acabado.

O final perfeito para a noite perfeita seria se você pudesse enroscar-se e dormir por horas, mas, se o cassete cutucando atrás de você e aquele saco cheio de Viagra forem algo pelo qual se guiar, ainda restam nesse cara umas seis rodadas.

Depois de todo aquele champanhe e tequila, seguidos por sexo excelente e avassalador, você acha que não está a fim de mais. O pensamento daquele pau enorme dentro de você novamente é tentador, mas demasiado desgastante para acontecer. E, seja como for, um astro do *rock* que precisa tomar Viagra... não é meio fim de carreira?

— Sabe o que é? — você diz, virando-se para ficar de frente para ele.

— O quê? — diz ele, sorrindo confiante.

— Tive a noite mais incrível, mas acho que vou encerrá-la por aqui mesmo. — Você o beija nos lábios, depois se levanta num pulo e estende a mão para o vestido antes que ele possa puxá-la de volta. — Obrigada por tudo.

Ele olha para você sem acreditar.

— Quer dizer que você não vai ficar?

Você balança a cabeça e ele observa, pasmado, enquanto você desliza para dentro do vestido, localiza os sapatos e soca a calcinha fio-dental roxa e o sutiã dentro da bolsa.

— Será que podemos repetir um dia desses? — pergunta ele, a voz quase beirando a súplica.

— Quem sabe? — Você sorri, misteriosa, enquanto se dirige para a porta.

Descendo no elevador, você quase precisa se beliscar. Definitivamente, hora de ir para casa.

Ou talvez pudesse passar pela cafeteria no caminho, que fica aberta até tarde, e pegar um chocolate quente.



Se for direto para casa, [clique aqui](#).



Se der uma paradinha na cafeteria no caminho de casa, [clique aqui](#).



Se não estiver muito disposta a ir para casa ainda, [clique aqui](#).

Você decidiu deixar o astro do rock ali

Você olha a dose de tequila na sua frente, e o cheiro a deixa enjoada. Simplesmente não acha que seja uma boa ideia. Charlie olha para você como se esperasse algo, e nesse momento um pensamento pernicioso lhe cruza a mente: você pensa em todas as mulheres com quem ele deve ter transado. Você seria apenas mais um número, mais uma conquista, e o estúpido arrogante nem sequer se preocupou em perguntar seu nome ainda — tamanha a confiança dele. Não, você pensa, ele na verdade tem algo de imbecil. Mãos enormes ou não, não há nada menos *sexy* do que excesso de confiança.

— Obrigada — você diz, deslizando do banquinho do bar —, mas outra hora, talvez.

— Já vai? — pergunta ele, o queixo caindo.

Você faz que sim com a cabeça e fica se perguntando se esta é a primeira vez que uma mulher o rejeita; ele certamente não sabe como reagir.

Você o deixa sentado no bar e, ao chegar à porta, olha para trás e vê que ele já está de papo com duas loiras, oferecendo-lhes as doses de tequila restantes. Você sorri, satisfeita com sua decisão, enquanto sai do bar para a noite fria e clara.

Mas, agora, o que fazer? Bem que você queria que o Sr. Intenso não tivesse voltado para sua reunião de negócios — havia algo magnético nele. E aquela mulher intrigante no toalete — poderia ser divertido tomar um drinque com ela. Será que você deveria ir até a exposição e ver se ela estava lá?

Talvez seja a hora de chamar um táxi — a noite ainda é uma criança.

Ou você poderia simplesmente seguir para casa para se entreter. Imagina a caixa na gaveta do criado-mudo. Foi presente de duas amigas em seu último aniversário. Nela há um vibrador, ainda na embalagem. Chama-se Bunny — não, não, Rabbit. Devia ser uma brincadeira, mas todas sabiam que não era realmente uma brincadeira. Você andou tão ocupada construindo uma carreira ao longo dos últimos anos que suas amigas começaram a se preocupar um pouco com a seca em que você está.

Você nunca o usou, mas talvez esta seja a noite. Dessa forma, pelo menos, garantiria um final feliz.



Se não for hora de ir para casa ainda, e você também não está no clima para uma exposição de arte, [clique aqui](#).



Se quiser chegar à exposição antes que ela feche, [clique aqui](#).



Se quiser seguir direto para seu Rabbit, [clique aqui](#).

Você decidiu chamar um táxi

Você olha novamente para o relógio. Faz 15 minutos que ligou para o táxi, e está começando a ficar irritada. Disseram cinco minutos, mas estão começando a parecer os cinco minutos mais longos da história.

Duas mulheres de salto plataforma saem do bar e passam de braço dado, cambaleantes e dando risadinhas. Você enfia a mão na bolsa para pegar o telefone e vê o *flyer* que lhe deram mais cedo. Pesca-o e examina o intrigante nome “Imaculada” impresso sobre a foto da mulher com olhos sedutores que você conheceu no banheiro. Verifica o endereço. Você sabe onde é; fica a apenas alguns quarteirões daqui. Você poderia ir andando, mesmo com esses saltos. Dois caras assobiam para você do outro lado da rua.

— E aí, pitê? — grita um deles, agarrando a virilha. — Se eu pudesse ver você pelada, morreria feliz. — Depois da atenção indesejada de Peruca no Peito mais cedo nesta noite, você não está no clima de ouvir mais abobrinha.

— É? — você grita de volta. — Se eu pudesse ver você pelado, morreria rindo. — Você fica surpresa quando eles abaixam a cabeça e somem de vista. Sua resposta não foi tão inteligente assim.

— Está tudo bem? — Você ergue o olhar para ver o tronco de homem com a voz grave. O guarda-costas dos Caubóis do Espaço. Isso provavelmente explica por que aqueles idiotas se mostraram tão medrosos.

— Só estou esperando o meu táxi. Disseram cinco minutos, mas as companhias de táxi entendem o tempo de outra forma.

Ele ri e se senta ao seu lado no corrimão de metal que percorre a parede do lado de fora do bar.

— Quer dizer, então que, você decidiu não farrear com o Charlie. — diz ele.

— Ele não mandou você aqui para me arrastar de volta para lá, mandou?

— De jeito nenhum. Ele não me paga o suficiente para fazer esse tipo de trabalho.

— É, sabe, foi divertido e tal, mas ele não faz muito o meu tipo.

— Bom, ele é meu chefe, mas, aqui entre nós, você tomou uma boa decisão.

— Eu também acho — você diz. — Obrigada pelo voto de confiança.

— Posso lhe oferecer uma carona para casa? — pergunta ele, indo em direção ao meio-fio.

— Não vão sentir falta de você lá dentro?

— Não, me mandaram fazer servicinho — diz ele. — Posso levá-la para qualquer lugar aonde queira ir. Não vão sentir falta de mim por um tempo.

— Um servicinho?

— Você sabe, um servicinho.

— Tipo descolar drogas ou algo assim?

— Pareço o tipo de sujeito que faria algo assim?

— Bom...

— Não, não é nada ilegal. Pode confiar em mim. Sou ex--policiaL.

— Imagino que correr atrás de astros do *rock* seja mais lucrativo do que capturar bêbados ou resolver assassinatos.

Ele encolhe os ombros.

— Este trabalho tem suas vantagens. — Ele aponta um controle remoto na direção do meio-fio e aperta um botão. Você observa as luzes de um carro esportivo, preto e lustroso, brilharem em resposta. Seu queixo cai e ele sorri, irônico, com a sua reação.

O carro está rente ao chão, as rodas de magnésio e a pintura personalizada refletindo a luz do letreiro de *néon* do bar.

— É um 350Z? — você pergunta.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Você entende de carros.

— É a edição especial do GT, não é? Não fizeram apenas algumas centenas desse modelo?

— Como você sabe disso? — pergunta ele, admirado. — Mas é, sim, você está certa.

— Não é aquele com o cavalo adicional?

Agora ele está realmente chocado. Isso é divertido, você pensa, tentando lembra-se de mais informações sobre carros. Não há necessidade de contar a ele que você só sabe disso porque um de seus ex era tão fanático por alta velocidade que a sujeitava a milhares de horas de pornô em carros esportivos.

— Bom, queria que fosse meu — diz ele. — Mas, felizmente para mim, o Charlie geralmente está bêbado demais para dirigir, por isso passo muito tempo ao volante. — O telefone dele toca e as mãos se dirigem rapidamente ao bolso para pegá-lo. — Tenho que atender. Não vai levar nem um minuto. Depois posso levá-la para onde precisar ir. — Ele caminha até a esquina para atender a ligação.

Você se imagina rasgando as ruas tarde da noite com ele naquele carro deslumbrante. E, carro à parte, ele não é de nenhum modo mal-apessoado. Ainda que seja enorme, ele certamente malha, e você suspeita que cada centímetro daquele corpo seja puro músculo.

Um táxi para na sua frente, interrompendo seus pensamentos e o motorista sai e se inclina sobre o teto do carro.

— Finalmente! Devem ter sido os cinco minutos mais longos do mundo! — você diz, mãos nos quadris.

Ele olha um pedaço de papel que está segurando, a cara confusa.

— Sr. Cornetto? — pergunta ele.

— Não! — você diz rispidamente. — Liguei há quase meia hora. O cara disse que você estaria aqui em cinco minutos!

— Acho que este táxi é para o Sr. Cornetto.

— Acho que está se referindo a mim — diz uma voz vinda de trás. Você gira, pronta para

confrontar quem quer que esteja tentando lhe roubar o táxi, e fica surpresa quando vê o cara da mistura sexy de tons escuros e grisalhos que a salvou de Peruca no Peito mais cedo. O cara que cheira a uma combinação de cedro e couro. Aquele que poderia fazer George Clooney suar a camisa para manter seu lugar ao sol. Miles, né?

— Ah, é você — diz. Depois ruboriza de constrangimento. Neste ritmo, você vai matá-lo com sua sagacidade.

— Está tudo bem? — pergunta ele, passando o olhar de você para o motorista do táxi.

— Está tudo bem. Eu só estava esperando um táxi, mas não é este.

— Bom, não há razão nenhuma para que não possa ser — diz ele. — Por que não o dividimos?

— Não, eu não queria impor... Está tudo bem, sério. Ele me ofereceu uma carona também — você diz, indicando o guarda-costas na esquina, que está tendo algum tipo de briga com quem quer que esteja ao telefone. — E, de qualquer modo, você já me ajudou uma vez esta noite.

— Tem certeza? Seu amigo parece estar bem ocupado.

Ele é tão atraente que você se esforça para não encará-lo. Deixando cair a cabeça, percebe que ainda está com o convite de “Imaculada” nas mãos. Seus pensamentos zunem enquanto tenta decidir o que fazer em seguida.



Se for para a exposição de arte, [clique aqui](#).



Se for dividir um táxi com o sócio de George Clooney, [clique aqui](#).



Se for pegar uma carona para casa com o guarda-costas no carro esportivo, [clique aqui](#).

Você decidiu conferir a exposição na galeria

Na entrada da galeria, a imagem do *flyer* a encara em um enorme cartaz, a palavra “Imaculada” exibida com destaque. Você está definitivamente no lugar certo.

Você entra no salão e fica impressionada com a iluminação baixa e intimista. Os únicos focos luminosos são reservados às imagens penduradas ao redor da sala. O local não está abarrotado, mas está bem movimentado, o suficiente, com grupinhos de pessoas pontilhados por todo o espaço, conversando, bebendo espumante e apreciando a exposição.

Você anda até a primeira obra de arte. É uma versão fotográfica moderna daquelas pinturas de flores exuberantes de Georgia O’Keeffe, aquelas que parecem vaginas. Essa flor polpuda e cor-de-rosa realmente se parece com a coisa. Você olha mais de perto e quase grunhe em voz alta: não está olhando para uma flor, mas para uma vagina de verdade — ou melhor, para dentro de uma. Olha em volta para ver se alguém mais reparou e está tão surpreso quanto você, depois estica novamente o pescoço, fascinada. Sim, é uma boceta bem ali no alto da parede.

Talvez você tenha entendido errado. Talvez tenha uma mente suja. Você se move apressadamente para a próxima imagem. Caramba! Desta vez é a foto da pélvis nua de uma mulher, da cintura até as coxas. A fotografada está relaxada, pernas entreabertas, uma moita preta grossa e lustrosa entre elas, uma mão se arrastando casualmente pela parte interna da coxa. Você engole em seco, mas não pode deixar de reparar que a pose parece natural e poderosa.

As próximas poucas fotos, todas saturadas para que a pele brilhe, são variações desse tema. Em algumas o foco está tão perto que dá para ver a granulação da pele, os pelos finos na barriga; em outras o foco está borrado para que as fotos da vagina pareçam realmente rosas e lírios impressionistas, em tons de púrpura, rosa e marrom.

Finalmente você chega a uma imagem maior. Esta foto mostra mais da parte inferior do corpo da mulher, deitada em uma cama amarrotada, as pernas afastadas e a boceta rosada num ninho de pelos grossos e escuros. A barriga levemente arredondada e um mamilo em alerta esticam-se em segundo plano. Mas não é pornô, absolutamente. Há algo particular, quase reverente, na maneira como o corpo é apresentado.

Você coloca a mão na garganta e fica surpresa ao descobrir que está suando um pouco.

Você ainda está olhando quando uma mão desce deslizando por seu braço.

— Curtindo a exposição? — Uma voz rouca em seu ouvido. É a mulher do banheiro do bar, cujo rosto está nos cartazes.

— Ah, olá! Hum, sim, muito original! — você gagueja. — Você é a artista? Digo, a fotógrafa? Teve problemas para arranjar as modelos... Para posar? — Você sabe que soa como uma idiota tagarela, mas essa mulher intimida você.

Ela ri, um som esfumaçado e rouco.

— Não exatamente. Na verdade, rumores dizem que foi um prazer trabalhar com essa modelo.

Você está confusa. Ela coloca a mão atrás de sua cintura e vira você na direção de uma foto no canto. Você olha espantada: é ela. Na foto, está completamente nua, e tudo, realmente tudo, está em exposição. A mulher na fotografia contempla orgulhosamente o espectador, o pescoço

ereto, os seios desafiando a gravidade decorados apenas com uma cruz de prata ornamentada que pende entre eles. Ela está sentada num sofá, uma perna relaxada, a outra pendurada sobre o braço do assento.

Você está completamente sem saber o que dizer. Hesita um pouco e finalmente se vira com:

— Você é Imaculada?

— É como minha mãe me chamava. Mas meus amigos me chamam de Mac.

Você se vira para olhá-la — qualquer coisa que arraste seus olhos da foto na parede — e repara que há caveirinhas de prata e azeviche balançando dos brincos-candelabro que ela usa.

— E aí, o que você acha? — pergunta ela, puxando sua atenção de volta às fotografias incrivelmente íntimas, algumas delas com mais de 1,80 metro de altura.

— Elas são... são bastante impressionantes — você balbucia. — Nunca vi nada igual a isto.

— Obrigada. Gosto delas também.

— Acho que é muito corajoso da sua parte se expor assim. Não sei se eu teria coragem.

— Por que não? — ela pergunta, virando-se para você. Quando ela se concentra em você, é como se não houvesse mais ninguém na sala.

— Eu não sei. É tão.. Tão... Íntimo, eu acho.

— Íntimo, sim — diz ela —, mas também libertador. Foi uma verdadeira descarga de adrenalina, para dizer a verdade.

— Não ficou tímida nem constrangida?

— Nem um pouco. E Cat facilitou as coisas.

— Cat?

— A fotógrafa. Ela trabalha com Jan Kollwitz. Ele é famoso, mas diz que daqui a alguns anos Cat será uma séria concorrente. — A mulher fala como se você devesse saber exatamente a quem se refere, e o nome do cara, Jan, não soa estranho. — Eles estão por aqui em algum lugar. Ah, veja, falando neles... — Mac levanta um braço gracioso e faz sinal para um casal do outro lado da sala. A mulher está rodeada de gente que a cumprimenta e aceita os elogios e uma série interminável de beijos no rosto, enquanto o sujeito permanece atrás, sorrindo orgulhoso. Ele não é bonito do modo convencional tem perfil irregular e olhos fundos, mas é, sem dúvida, atraente à sua maneira de anti-herói. Veste, casualmente, jeans azul e suéter cinza de gola redonda. Ela é mais jovem, o cabelo brilhante repicado, e usa um vestido largo cinza-pérola por cima de um jeans preto apertado, com sapatos pata de vaca de estampa *paisley*. Vira-se para o parceiro o tempo todo, rindo e cutucando seu braço.

— É um belo casal — você diz, e Mac dá novamente sua risada gutural.

— Ah, isso é engraçado! Mas é um erro que muitas pessoas cometem.

Você está mais confusa ainda.

— Por que é engraçado?

— Cat é *gay* e Jan é muito, muito hétero. Em todo o caso, ele é supervisor de Cat. Vem atuando como mentor dela já há algum tempo; ela trabalha em cima de muitas fotografias dele.

Esta é a exposição dela para obtenção do título de mestre em belas-artes.

Você mal tem tempo de reorganizar sua mobília mental antes de Cat se aproximar, Jan vindo atrás.

— Ah, graças a Deus você me chamou! — diz Cat, abraçando Mac. — Pensei que nunca ia sair daquela conversa!

— Parabéns pela exposição! — você diz.

Ela sorri.

— Meus examinadores vão ter um infarto coletivo ou vão me dar nota máxima. Não sabemos ao certo, ainda, que caminho vão seguir.

Mac sorri novamente, aquela pinta sugestiva na face repuxando para cima.

— Minha amiga aqui estava perguntando como foi a sensação de me expor. Eu recomendo.

— Bom, ajuda o fato de que você, sendo dançarina, é uma exibicionista natural — provoca Cat, depois se vira para você. — Mac é uma velha amiga. Eu queria fazer algo experimental, e essa é uma ideia que vínhamos discutindo há algum tempo. E ela estava disposta a relaxar e mostrar tudo. Mas Jan é, sem dúvida, perito em fotografar corpos femininos.

— Você está exagerando — diz Jan, mostrando-se um pouco envergonhado. Você gosta dele por isso.

Cat vira-se para você:

— Se estiver interessada, deveria tentar.

Mac sorri, provocativa e desafiadora:

— Nunca se sabe. Talvez tire alguma emoção disso.

Você balança a cabeça instintivamente.

— Não me diga que não está nem um pouco tentada. — diz Mac.

— Sério — interpõe-se Cat, ponderadamente —, acho que você realmente funcionaria bem como modelo. — Os três concentram-se em você, e seu estômago se revira. — Jan, ela não seria perfeita para aquela série em preto e branco que você está fazendo? Olhe a textura da pele dela! — diz Cat.

— Olá, pessoas, eu estou bem aqui! — você diz, confusa, mas também lisonjeada.

Cat ri.

— Ouça, preciso circular, tenho pessoas para ver, patrocinadores para tentar agradar. Mac, por favor, venha me dar uma ajuda. Preciso de apoio moral. Jan, por que não conta a esta garota adorável mais sobre seu projeto? — Cat retira-se, requisitada por um pequeno bando de admiradores.

Mac estende a mão para seu pulso, os dedos frios em sua pele:

— Você realmente devia pensar nisso, *chica*. Seria bom ver mais... de você. — Então ela caminha a passos ágeis atrás de Cat.

Há uma pausa, e Jan parece não ter pressa para quebrar o silêncio. Em vez disso, os olhos dele

viajam lentamente sobre seu rosto e corpo, como se ele a estivesse adicionando à memória. Você começa a ficar constrangida, mas ao mesmo tempo há algo estranhamente excitante em ser o objeto de tão intenso escrutínio. Os segundos se arrastam, e você procura algo a dizer.

Mas, antes que possa falar, ele diz, como se chegasse a uma decisão:

— Cat está certa. Você daria uma boa modelo. A forma como seu pescoço se encurva, desce pelo ombro... — Ele dá outra longa olhada em você. — E aí, acha que estaria interessada?

— Ah, não, eu realmente não... Digo, eu não poderia...

— Pois se você pudesse eu realmente gostaria de fotografá-la.

— Sêrio?

— Lógico! Não exatamente assim, é claro — diz ele, gesticulando para a coleção de nus exuberantes pendurados nas paredes. — Isso é muito o estilo de Cat. Estou trabalhando numa série que guarda algumas semelhanças, mas a sensação, as texturas, são diferentes. É um estudo sobre as partes do corpo.

— Ah...

— Como o pescoço, por exemplo.

— O pescoço? — você repete, acariciando o seu, sentindo-se um pouco tola.

— Para mim há algo muito mais sugestivo quando se vai além das partes obviamente eróticas do corpo. A linha do pescoço, a parte interna do cotovelo ou os declives entre os dedos dos pés... Estes podem ser mais sensuais do que os próprios órgãos sexuais. Sabe o que eu quero dizer?

Você meio que concorda com a cabeça.

— Talvez seja algo na curva da clavícula, ou na tensão da panturrilha. E todas essas partes do corpo onde a pele quase nunca é tocada. Os últimos lugares a ver o sol. Onde a pele é mais macia. Como aqui — ele diz, pegando sua mão e virando seu braço. Corre o polegar sobre a derme macia na dobra do cotovelo, fazendo-a tremer. — Isso é o que me fascina. — Sua voz torna-se mais rouca.

Ele balança a cabeça, saindo do torpor, como se ouvisse a si mesmo pela primeira vez.

— Sinto muito — ele diz, com um sorriso autodepreciativo que a pega desprevenida. Isto instantaneamente o transforma de um artista intenso em alguém muito mais acessível. — Eu me deixo levar às vezes. Você deve ter achado esta conversa um monte de lixo pretensioso. A verdade é que sou melhor atrás da câmera.

— Não, de fato é bastante interessante. Eu nunca pensaria nisso desse jeito. Você está certo: existe algo de erótico nessas partes negligenciadas do corpo.

— Então, o que acha? Você me permitiria tirar algumas fotos?

Você balança a cabeça instintivamente.

— Ah, eu não sei. Digo, não tenho certeza...

— Não seriam fotos de nu; você estaria vestindo um roupão. E eu só a fotografaria daqui. — Ele indica do peito para cima. — E talvez um braço ou o dorso da perna, se você estiver disposta.

Você limpa a garganta, intrigada e lisonjeada com a ideia de ser fotografada por esse homem.

Pode ser divertido, contanto que ninguém nunca saiba que é você. E, se você não tem que ficar totalmente nua, não seria tão constrangedor, seria? Não é todo dia que um profissional famoso se oferece para fotografá-la. E você sempre poderia pedir a Melissa para ir junto. Ela acharia que é uma piada. Ou poderia bater em retirada, educadamente, se mudasse de ideia depois.

— Claro! Por que não?

— Excelente! — ele diz. — Vai ser ótimo! Vamos sair daqui.

— O quê? *Agora*? — Sua voz sai como um grunhido.

— Por que não? Eu adoraria dar uma escapada. Tem um crítico de arte pairando ali que está morrendo de vontade de me entediar a noite toda.

— Espere um segundo. Como é que eu sei que você não é um *serial killer* que vai postar fotos do meu corpo desmembrado no Facebook? Aonde você vai me levar?

Ele ri.

— Podemos pedir a Cat que venha junto assim que terminar de circular, se isso a fizer se sentir mais confortável. Além disso, preciso da ajuda dela para cortar o corpo.

Ele se sensibiliza com a expressão em seu rosto, retira a carteira e lhe entrega um cartão de visita. Sob o nome “Kollwitz” e um número de celular há o endereço de um estúdio. Se você não estiver enganada, fico logo depois da esquina.

Você vira o cartão e, no verso, há a imagem do rosto de Angel Dean.

Você a reconhece: viu uma versão em preto e branco daquela na capa da *Cosmo* dois meses atrás.

— Você que tirou?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Está brincando! Mas, se esta é sua modelo padrão, por que diabos iria querer me fotografar?

— Por que diabos eu não iria querer? — ele pergunta.

Você olha fixamente para ele, a mente disparando. Será que deve aceitar sua oferta? Você corre os olhos pela galeria para localizar Mac e Cat. Talvez devesse apenas ficar ali um pouco mais, dar uma olhada no restante das fotografias. Por outro lado, este é um território bastante estranho. Talvez você devesse voltar ao bar para um último drinque (e mais uma olhada no *barman* gracinha).



Se decidir sair com o fotógrafo, [clique aqui](#).



Se decidir recusar a oferta e permanecer na galeria, [clique aqui](#).



Se decidir voltar ao bar, [clique aqui](#).

Você decidiu sair com o fotógrafo

Você aguarda Jan na entrada do estúdio enquanto ele desliga o sistema de alarme e acende, num tapinha, algumas luzes. O coração bate ao ritmo de uma música eletrônica frenética. Ele não é um completo estranho, você diz a si mesma. Não há como ele ser um *serial killer*. Ele é um famoso fotógrafo profissional e fotografou Angel Dean, pelo amor de Deus. E você sabe, com certeza, que ela ainda está viva. Magra, mas viva.

O resto das luzes pisca até acender, revelando uma enorme área aberta com pé-direito alto. Afastado, de um lado, há um *lounge* retrô de couro e madeira. As poltronas são sólidas, ao estilo dos anos 1960, com encostos de braços que se dobram formando mesinhas laterais embutidas.

O estúdio contém várias salinhas ao fundo, que parecem ser um escritório, uma cozinha, um banheiro e uma câmara escura. Uma parede inteira é um fundo infinito branco que se estende até o teto.

Ao perambular, você avista uma Harley-Davidson *vintage* estacionada em um canto sombrio. Toda preta e cromada, mais desgastada que brilhante.

Você aponta para a moto.

— É sua? Deslumbrante.

Jan ergue o olhar, ocupado em um balcão coberto de equipamentos fotográficos: medidores de luz, lentes, plugues, cabos e cartões de memória, além de várias câmeras.

— É apenas um adereço — diz ele.

Você continua vagando pelo estúdio, tentando tirar a mente do que vem pela frente. Depara-se com uma escrivaninha repleta de fotografias e folhas de contato empilhadas sobre ela. Você folheia algumas. Vê um grupo de Hell's Angels tatuados em volta de uma mulher alta e bonita reclinada na moto. A mesma moto que você admirava há pouco. Ela parece familiar. Muito familiar...

— Caramba! — você fala. — É Alex Khan?

— Sim. Para a capa da *The Face*. — Ele não fala como se estivesse se gabando. — Elas estão boas, mas, se eu pudesse fotografar novamente, há algumas coisas que eu faria diferente.

— Uau. Como ela é?

— Ela é um sonho para trabalhar. Uma verdadeira profissional.

Você faz que sim com a cabeça, o coração ainda batendo muitíssimo depressa. Uma verdadeira profissional. É claro que ela é. E aqui está você. Que com toda a certeza não é uma profissional. No que você foi se meter? Como poderia estar à altura de Alex Khan? Logo ele vai dizer que é o melhor amigo de Anna Wintour.

Jan aperta um controle remoto e uma música calma, mas descolada, preenche o estúdio.

— Vinho? — ele pergunta.

— Ah, sim, por favor.

Ele desaparece dentro da cozinha e você ouve uma rolha estourar. Segundos depois, ele está de volta, carregando duas taças de vinho tinto.

Vocês brindam e tomam um gole. É bom. Tem gosto de caro.

Ele caminha até sua estação de trabalho e seleciona uma câmera grande que parece antiquada, especialmente em comparação com toda a tecnologia ao redor dela.

— Estava pensando que devíamos fazer do jeito antigo — ele diz. — Esqueça o digital; estou falando de filme real. Preto e branco. Grande formato.

Você toma outro gole de vinho.

— E então, como é o esquema?

— Bom, há alguns roupões no armário do banheiro, se ainda quiser fazer isso. Naturalmente não precisamos fotografar nada com que você não se sinta confortável.

Você morde um dedo, hesitante. Esta é sua chance de ser fotografada por alguém que já fez ensaios de algumas das modelos mais espetaculares do mundo. Mas você não é modelo — talvez devesse voltar à galeria e dizer a Mac que não é talhada para ser a musa de um fotógrafo. Ou talvez, depois de toda essa excitação, precise de um drinque tranquilo no bar.



Se for ficar por ali mesmo e encarar, [clique aqui](#).



Se decidir que não é para você e voltar à galeria, [clique aqui](#).



Se retornar ao bar, [clique aqui](#).

Você fica por ali mesmo e encara

Como o resto do estúdio, o banheiro é espaçoso e lindamente decorado. Há uma *chaise longue* de couro contra uma parede, bem como um chuveiro, um vaso sanitário, uma pia e um armário retrô. Um elegante candelabro preto pende do teto, o único objeto que não é branco no recinto. Você sempre quis um candelabro no banheiro.

No armário estão toalhas e um par de roupões brancos dobrados. Você pega um e, quando o segura perto do nariz, o tecido extremamente macio cheira a coisa nova e limpa, com um toque do oceano.

Você tira o vestido pela cabeça e solta o sutiã. Então, encara o espelho e cobre os seios com as mãos, tentando decidir como se sente em relação a isso. E você percebe que não está apenas nervosa e agitada, mas um pouco excitada. A ideia de ser fotografada assim por um quase desconhecido é estranhamente *sexy*. Talvez por ter tão pouco a ver com sua personalidade a ideia lhe pareça tão atrevida, tão ousada. Além disso, o cara já fotografou algumas das mulheres mais icônicas do mundo. Você mal pode esperar para contar a Melissa.

Você respira fundo. Então avalia seu corpo no espelho novamente, tentando ignorar as falhas que vê em si mesma. Recorda que o que fez as fotos de Mac tão eróticas foi a pura confiança dela, a forma como ela abriu todo o seu ser para a câmera.

Encorajada, desliza a calcinha fio-dental roxa rendada e veste o roupão, o tecido tão leve que parece mal estar lá. Jan não precisa saber que você está completamente nua por baixo. Você gosta da ideia de ter um segredinho. Amarra a faixa de modo frouxo em torno da cintura, depois olha os saltos agulha, decidindo que serão as únicas coisas que vai manter.

De volta ao estúdio, Jan montou um par de refletores sobre o fundo infinito e está ajustando a câmera com dedos longos e cheios de anéis. Você caminha lentamente até ele, nervosa. Deve ser a sensação por reconsiderar a ideia.

Jan ergue o olhar e sorri calorosamente para você.

— Estarei pronto num segundo. Fique o mais confortável possível.

Você se aproxima do banquinho de couro preto que ele colocou no meio do fundo infinito e demora um segundo antes de se sentar, puxando o roupão sobre os joelhos e segurando-o fechado no peito.

Pronto, Jan caminha até você.

— Pensei em começarmos com algumas fotos do pescoço, daqui até aqui — indica a área entre a parte superior do peito e o queixo.

Você faz que sim com a cabeça, tentando fingir-se profissional.

Jan lhe passa algumas instruções tranquilizadoras e a ajuda a se acomodar no lugar, o pescoço estendido tanto quanto consegue e o queixo projetando-se no que parece um ângulo estranho, embora ele assegure que a câmera o interpreta como normal.

Ele dá pequenos passos, movendo-se em torno de você como um cabeleireiro, tirando algumas fotos numa câmera digital, para ver como está a iluminação.

— Aqui, dê uma olhada. O que acha? — diz ele, curvando-se ao seu lado e passando algumas

das fotos. São todas em preto e branco, a maioria um superclose. Algumas a fazem engolir em seco, mas no geral você não consegue acreditar na habilidade dele. A curva da clavícula em uma, o monte arredondado do ombro em outra. Ele tem razão: mesmo a parte inferior do queixo pode ser *sexy* se for enquadrada e fotografada do jeito certo.

O corpo dele roça o seu, e os pensamentos se dispersam. Felizmente ele está tão focado no trabalho que não parece perceber o efeito que exerce sobre você. Talvez o segredo de estar nua sob o traje a deixe um pouco quente e molhada. Você comprime os joelhos um no outro para disfarçar um ligeiro tremor.

Nas fotos que você viu até agora, a gola do roupão aparece sobre os ombros, pois você o mantém castamente fechado entre os seios, então o deixa deslizar um pouco para que não apareça nas fotos.

Jan tira mais algumas fotos com a câmera digital e depois faz ajustes na iluminação. Você o observa deslocar-se pelo estúdio, hábil e rápido. O fotógrafo está focado, você pensa, sufocando uma risadinha.

Quando finalmente fica satisfeito, ele muda para a câmera antiquada, e você faz uma pose séria. Mantendo os joelhos juntos, encaixa os saltos no degrau inferior do banquinho. Toda vez que ele tira uma foto, você ouve um estalo da câmera. É quente sob as luzes, mas agradável também, e após as primeiras fotos você se estabelece em seu papel como modelo, adotando a orientação dele, virando o pescoço ainda mais para um lado, mudando o ângulo do queixo. A câmera atua como uma barreira, e a sensação de estar sendo observada é menor do que a de estar sendo capturada. Com a música calma de fundo e o brilho das luzes, é fácil relaxar, e você começa a se sentir mais confortável na própria pele.

Além disso, há algo excitante em ser o foco de tal habilidade. A atenção dele é íntima e distante ao mesmo tempo.

A certa altura, Jan para o que está fazendo e segura a câmera longe dele, medindo você. Então se aproxima e afasta seu cabelo do rosto, num afago. Você se sente mais ereta e prende a respiração enquanto ele a toca. Quando os dedos roçam a lateral de seu rosto, seus mamilos endurecem. Você pressiona as coxas uma na outra, sentindo a vagina umedecer. Não pode deixar de se perguntar se Alex Khan e Angel Dean sentiram o mesmo efeito.

Em seguida, ele recua e ergue a câmera novamente. Com um súbito ataque de coragem, você solta o roupão e deixa cair os braços de lado. O tecido desprende-se de você, levando consigo a faixa frouxamente amarrada, e você o sente roçar sua pele, que se agita em ondas até os pés. Na queda, o tecido toca de leve seus mamilos, deixando-os ainda mais rijos.

Jan continua fotografando como se nada tivesse mudado, se bem que o fluxo de sangue lhe percorra os ouvidos tão ruidosamente que você duvida de que pudesse ouvir qualquer coisa que ele dissesse. Mais ousada, você muda de posição, abrindo as pernas, mas com as duas mãos colocadas na frente do banquinho, protegendo-se do olho da câmera.

As luzes continuam queimando a cada fotografia. Você engole em seco, respira fundo e retira as mãos. Coloca-as atrás de você e arqueia as costas, deixando-se completamente nua para ele. Você tem certeza de que a câmera pode ver quão molhada você está. E esse pensamento a deixa ainda mais molhada.

Você não faz ideia de quanto tempo fica ali daquele jeito, mudando pouco a pouco para poses minuciosamente diferentes. O tempo se estende.

— Este é o lance — diz Jan, curvando-se para recolher o roupão e entregá-lo a você, que o veste às pressas e desce do banquinho. — Temos algumas fotos muito bonitas — ele diz, parecendo satisfeito. — A câmera ama você.

Você não sabe ao certo como responder. Tem tanta adrenalina no sangue que nem consegue falar.

— E aí, como foi? — pergunta ele.

Você se esforça para ficar sob controle.

— Incrível — consegue dizer.

— Não foi tão ruim como pensava?

— Nem perto.

— Gostaria de ver como saíram?

— Claro, mas como?

— Tenho uma câmara escura, então podemos revelá-las agora mesmo. A menos que você esteja com pressa.

Você pensa por um minuto. Quer mesmo ver como saíram as fotos? Por um momento, fica em dúvida, envergonhada. Não consegue acreditar em como foi descarada, soltando o roupão daquele jeito e expondo a própria nudez. Talvez fosse melhor se você nunca visse as fotos. Mas a ideia de entrar numa pequena câmara escura com Jan é sedutora.

Espera aí: a experiência toda tem sido tão irreal que você nem sequer pensou em fotografias suas, de nudez de verdade, lá fora no mundo. Ah, céus, e se as pessoas as virem? Considera a hipótese de roubar a câmera e correr para a saída. Mas furto é um pouco extremo, inclusive a ideia de fazer uma fuga vestida apenas com um roupão roubado e salto alto. Certamente, se você se arrepender das fotos, pode tentar persuadir Jan a entregar-lhe os negativos, ou, melhor ainda, rasgá-los. Ele parece ser um cara razoável.

Talvez seja melhor dar uma olhada nas fotos primeiro e depois descobrir como lidar com a situação — ou a ignorância é uma bênção? Nesse caso, talvez fosse melhor vestir a roupa e voltar à galeria, onde pode olhar tanto quanto quiser sem ser vista. Mas o que você vai fazer em relação ao calor que sente? Há sempre aquele Rabbit esperando por você em casa.



Se ficar para ver como saíram as fotos, [clique aqui](#).



Se voltar à exposição, [clique aqui](#).



Se quiser ir para seu Rabbit em casa, [clique aqui](#).

Você decidiu ficar e ver como saíram as fotos

A salinha escura nos fundos do estúdio tem um cheiro bem forte de produtos químicos. Duas das paredes têm bancadas na altura da cintura e estão forradas de equipamentos, bandejas e frascos para revelação. Um fio pende entre duas paredes, salpicado de pregadores para as cópias recém-reveladas.

Você e Jan ficam lado a lado enquanto ele maneja grandes frascos e recipientes plásticos com a confiança de quem tem muita experiência, despejando diferentes produtos químicos numa série de três bandejas. Se comparar a linguagem corporal relaxada dele, agora, com o desconforto mais cedo, na galeria, quando estava sendo forçado a ser social, é como estar com um homem completamente diferente.

— Cada bandeja é para uma etapa diferente do processo — explica. — O primeiro líquido é o revelador, este segundo é um banho de interrupção e o último é o fixador. O truque todo com a fotografia é a iluminação — ele diz enquanto trabalha. — Quando se está tirando as fotos, a iluminação precisa estar bem correta, e então, quando as revela, não pode haver luz de modo algum. Se qualquer luz entrar enquanto estivermos revelando estes negativos, será um desastre total.

Ao terminar sua explicação, ele estende a mão para a parede e bate num interruptor. Tudo fica escuro, e então surge uma luz de segurança, banhando a sala de um brilho vermelho suave.

Há uma grande máquina do outro lado do balcão, e você observa enquanto ele alimenta o rolo de negativos dentro dela. Processado o negativo, ele abre um pacote de papel fotográfico e remove com cuidado uma folha. O rosto dele está concentrado, e a luz vermelha lhe confere uma qualidade misteriosa.

Não há música na sala, que se parece com uma cripta, e tudo o que você pode ouvir são as respirações. A dele é lenta e constante, e a sua é ligeiramente mais rápida.

Jan desliza a folha de papel fotográfico no fluido revelador, balançando suavemente a bandeja, inclinando primeiro uma extremidade e depois a outra. Verifica constantemente o relógio digital gigante na parede, os números fluorescentes piscando conforme passam os segundos.

Quando fica pronto, ele puxa o papel do fluido revelador com uma pinça e, depois de deixá-lo pingar e escorrer por alguns segundos, desliza-o na segunda bandeja, inclinando-a também para garantir que a página seja totalmente coberta pela solução, sempre mantendo um olho no relógio. Ele olha de lado para você e sorri.

— Veja — sussurra.

Você se inclina na frente dele e olha dentro da bandeja enquanto a imagem se forma, lentamente, na página. Inspira fundo e se vê tomando forma. É um close em preto e branco de um de seus seios. Você reconhece a pequena sarda à direita do mamilo, que está duro e pontudo, a aréola ligeiramente arrepiada.

Você imediatamente sente os mamilos refletindo a imagem na página a sua frente. Não consegue se segurar — agarra e aperta o braço dele.

— Ah, meu Deus — você diz. — Sou eu.

Ele sorri novamente.

— Lindo, não?

Finalmente ele puxa o papel da última bandeja, lava a cópia e a pendura no fio, prendendo os dois cantos com pregadores.

Você não consegue tirar os olhos da reprodução. Só tinha visto os próprios seios num espelho ou olhando para baixo, nunca desse jeito, em detalhes tão artísticos. É um pouco surreal, particularmente banhados pela luz baixa e vermelha.

Enquanto ainda está examinando a primeira cópia, Jan prepara o próximo negativo e então repete o processo com as três bandejas. Mais uma vez, o único som na câmara escura é o de vocês dois respirando, e talvez você esteja imaginando, mas acha que a respiração dele está um pouco mais rápida.

Quando a segunda imagem se revela, você ofega. Desta vez é o close do pescoço. A clavícula estende-se num ângulo, e há uma gotinha de suor no declive abaixo dela. Depois, o pescoço se arqueia, longo e pomposo, com a curva do queixo passando à margem da reprodução, na parte superior.

— Para mim, esta é a parte mais sensual do seu corpo — ele diz, olhando-a observar a imagem que toma forma na página da bandeja.

Você toca seu pescoço, percorrendo com os dedos a pele quente e pulsante.

— Sêrio?

— Seríssimo — ele diz, colocando uma mão hesitante em seu peito, passando o polegar com o anel sobre a saliência da clavícula e no declive além dela. — Bem aqui.

Você solta as mãos, deixando os lados do roupão se dividirem, e fica parada ao lado dele na sala avermelhada, sobre nada além de saltos e um roupão aberto. Com um movimento de sonho, ele desce mais a mão e depois a desliza para o lado, roçando suavemente um de seus seios, mal o tocando.

— Droga, minha cópia! — ele diz, olhando para o cronômetro e voltando rápido às bandejas. Limpa a foto quase exposta demais e a prega no alto, ao lado da imagem de seu seio. — Foi quase — diz ele. Volta-se novamente ao trabalho, e, assim como está decepcionada por ele ter parado de tocá-la, você está ávida para ver como saiu o restante das fotos. Ele revela mais três ou quatro em rápida sucessão. Você observa em silêncio, fascinada com o processo e a loteria das imagens, sem saber que parte de seu corpo vai aparecer do líquido em seguida. O cheiro dos produtos químicos é esmagador, mas você tem certeza de que é superado pelo cheiro de seu corpo.

Há uma imagem de seu tornozelo e da virada do pé no salto agulha flutuando na primeira bandeja, e outro close, este da nuca, na segunda.

Você fica impressionada por ver quão sensuais elas estão, mesmo aquelas de apenas um pé ou um cotovelo.

E então ele desliza um pedaço de papel na primeira bandeja, e uma foto de sua boceta floresce lentamente do líquido. Mesmo à luz segura da câmara escura, dá para ver cada detalhe íntimo. Brilha, molhada, na página.

Você solta sem pensar:

— Céus, eu estou molhada!

Jan abandona as cópias nadando nas bandejas e agarra você, empurrando-a contra a parede. Seu roupão ainda pende aberto, e os braços dele envolvem sua cintura, puxando-a para si, as mãos quentes em suas costas. Você pode senti-lo duro contra você enquanto a beija, os lábios quentes contra os seus e então a língua explorando avidamente sua boca. Você deixa o corpo esmagar-se contra o dele e corre os dedos pela parte de trás da cabeça, engalfinha-os no cabelo, trazendo-o para mais perto.

Depois ele deixa cair as mãos até seu traseiro e ergue você que enrola as pernas nele e se recusa a parar de beijá-lo. Ele a carrega, girando em um semicírculo e colocando-a sobre a bancada. Alguns dos frascos e outras parafernália caem, fazendo barulho no chão, algo quebra, mas você continua beijando, envolvida demais para querer parar.

Ele inclina sua cabeça para trás com uma mão e começa a beijar o comprimento de seu pescoço, usando os dentes e a língua, e você grita quando ele toma seus seios nas mãos, os mamilos entre os dedos. Você sente o aço do anel sobre o mamilo, e isso a faz tremer.

Ele toma seu braço e o estica na frente dele. Primeiro esfrega o polegar sobre a derme macia, como fez há pouco, mas desta vez mais intimamente, e então cai de boca sobre o braço e provoca a delicada pele, enviando um choque elétrico de prazer através de seu corpo. Em seguida ele a empurra delicadamente para trás, contra a parede, e ergue sua perna direita, colocando um pé com salto agulha sobre a bancada, expondo sua vagina nua para ele. Envolva você por trás e puxa seu traseiro para a frente, de modo que sua pélvis esteja o mais próxima possível da borda do balcão, a parte superior das costas e os ombros apoiando-se contra a parede.

Ele segura sua perna esquerda, e o polegar dele corre pela sensível faixa de pele atrás do joelho enquanto cai de boca em sua boceta. Você geme quando ele começa lentamente a lambar seu clitóris, depois a tocá-lo com o nariz, enquanto mergulha brevemente a língua dentro de você. A boca dele corre, subindo e descendo toda a extensão de sua fenda. Quando chega ao topo, dá para sentir o atrito de sua barba rala contra a parte interna da coxa e os lábios da vagina, e a sensação é deliciosa. Você ofega quando ele traz o polegar até a boceta e o usa para traçar um círculo lento em torno de seu clitóris ao mesmo tempo que o lambe. Então, ele muda de lugar, colocando primeiro um dedo e depois outro dentro de você, enquanto a língua faz voltas em seu clitóris.

Você arqueia as costas, inclinando a cabeça contra a parede atrás de você; tudo parece um sonho à luz vermelha. Você leva os quadris em direção à boca dele, querendo mais, e o prazer é intenso enquanto você se esfrega mais e mais forte na língua dele, os dedos agarrando-se na borda da bancada, os nós dos dedos brancos. E então você não consegue deixar de gritar quando goza, cedo demais para o seu gosto, mas não há como parar; você se retorce contra a parede — e então tudo fica branco, cegante. Você pisca rapidamente, confusa, querendo saber se o orgasmo foi tão poderoso a ponto de deixá-la cega.

— Caralho, minhas fotografias! — pragueja Jan. Seus olhos se ajustam à claridade e você percebe que o painel de luz está atrás de você. Deve ter esbarrado no interruptor enquanto se debatia de prazer. Subitamente, sente-se muito nua na claridade e joga o roupão em torno de si.

Jan dispara, tentando salvar as cópias e os negativos, mas é tarde demais. As fotos das bandejas desapareceram por completo, como se tivessem amnésia e se esquecessem de quais imagens estavam reproduzidas há apenas alguns segundos.

Ele se debruça sobre as bandejas, o rosto enrugado de decepção. As duas únicas que sobreviveram são aquela de seu peito e a outra graciosa de seu pescoço e queixo. Poderiam ser

de qualquer uma — a única marca de identificação é a sarda no peito, mas só você e pouquíssimos outros saberiam disso.

— E o resto dos negativos? — você pergunta.

— Estão todos destruídos também.

Você desce do balcão, os joelhos gelatinosos pós-orgasmo.

— Devo ter pressionado o interruptor de luz com as costas — você diz, enrolando os braços nele. — Sinto muito.

Ele a abraça, a língua procurando novamente sua boca, e o beijo é muito apaixonado, sente-se absolvida. Então ele coloca o queixo levemente em cima de sua cabeça.

— Só lamento que você não tenha conseguido ver todas as fotos que tiramos.

— Está tudo bem, vi o bastante — você diz. — Lamento que você não tenha conseguido ver as suas cópias.

— Pelo menos eu as vi na vida real, detrás da câmera. — Ele desce um dedo pela lateral de seu rosto e dá um suave beijo em sua testa. — Bem que eu queria ter memória fotográfica.

Você ruboriza furiosamente.

— Venha, vamos sair daqui antes que estes gases nos deixem doidões.

De volta ao estúdio, você se afunda num sofá, um pouco tonta. Jan ainda tem um enorme volume na calça, e a ideia de uma nova rodada é tentadora. Você deveria ver o que ele tem a oferecer? Ou a diversão foi selvagem o suficiente para uma noite? Talvez seja hora de sair daqui.



Se decidir ficar e terminar o que começou, [clique aqui](#).



Se estiver pronta para ir embora, [clique aqui](#).

Você decidiu ficar e terminar o que começou

Jan escurece as luzes do estúdio e vai até a cozinha buscar o resto do vinho. Você caminha até a moto e passa um dedo pelo tanque de cromo suave. Repara que a moto está presa ao chão, uma armação segurando-a na vertical para não tombar, de modo que você suspende uma perna e se senta no selim. A sensação do assento de couro é fria entre as pernas, onde você ainda irradia o calor do orgasmo.

Jan aparece ao seu lado, coloca o vinho no chão e liga o ventilador industrial que usa para fotos de moda.

— Aqui está o vento em seu cabelo, como o de verdade — diz ele, rodando o ventilador para que fique todo em você.

A rajada faz seu cabelo voar para trás ao mesmo tempo que sopra o roupão para longe do corpo, e para trás de você, como uma capa de super-herói, revelando mais uma vez seu corpo nu. Sua pele se contrai em arrepios, você grita e agarra as bordas do roupão. Jan desloca o ventilador para que não sopre direto em você. Segurando no longo guidão, você avança tanto quanto pode no assento de couro para que haja espaço para ele atrás.

— Quer uma carona?

Ele sorri, considerando a oferta. Então suspende uma perna e monta atrás de você.

— E aí, para onde vai me levar? — pergunta ele, passando as mãos em torno de sua cintura e agarrando-se firme.

— Pro mau caminho, se você tiver sorte. — É brega, mas você gosta disso, ainda mais com a sensação dos braços dele em volta de você e do corpo apertado contra o seu. E, se não estiver enganada, há certa dureza pressionando-se contra suas costas que é muito difícil de ignorar. Você decide que é hora de ter pena dele. Então, desce da moto, vira-se ao contrário e monta nela novamente, desta vez de frente para Jan.

Ele se inclina sobre você, beijando-a avidamente. Alcançando seus quadris, puxa-a para o colo, para que fique montada de pernas abertas, os pés atrás dele, sobre a parte traseira da moto. Senti-lo duro contra você a deixa excitada novamente.

Você solta as pernas e estende a mão para a virilha dele, desprendendo freneticamente a fivela e depois os botões do *jeans*, para descobrir que ele não está usando cueca. O pau salta da calça, e você passa a mão sobre ele. Ele geme alto ao seu toque, ficando ainda mais duro quando você aperta a palma em volta do pênis e move a mão, subindo e descendo pelo comprimento. Você sente a veia lateral pulsando contra a palma da sua mão como algo vivo.

— Eu quero você dentro de mim — você sussurra. Sem precisar de outro convite, Jan a segura firmemente com uma mão e alcança o bolso de trás para pegar a carteira com a outra. Ele consegue abri-la e buscar dentro dela uma camisinha, enquanto você morde seu pescoço, ainda acariciando sua ereção dura como rocha. Ele larga a carteira no chão e abre a embalagem com os dentes. Você lhe toma a camisinha e usa as duas mãos para fazê-la rolar nele, alisando-a pelo comprimento do pau.

Incapaz de esperar nem mais um segundo, ele afasta você para trás, depois ergue seus dois pés com salto agulha sobre os ombros dele, para que tenha completo acesso a você. Então ele passa o polegar, subindo e descendo, por sua fenda.

— Agora — você tem urgência, e ele a penetra, deslizando o pau.

Ele preenche cada centímetro seu e você geme de prazer. Em seguida, a boca dele está em seu pescoço, e ele o está chupando, depois mordendo, depois chupando novamente enquanto penetra em você, lentamente a princípio, e então, aos poucos, ganha velocidade, até estar socando cada vez mais e mais forte. E percebe que, embora ele esteja muito perto de gozar, vai demorar um pouco mais. Mas você já teve um orgasmo surpreendente esta noite, e dá para sentir como ele está, de modo que você desce as pernas de seus ombros, ergue-se contra seu torso e sussurra em seu ouvido, mordiscando-a:

— Goze dentro de mim agora... Eu quero que você goze.

E ele não consegue deixar de gritar enquanto se impulsiona descontroladamente, e você lhe aperta as costas e sente os músculos ondularem sob a camisa enquanto ele, estremecendo, tem um orgasmo forte.

Com ele ainda dentro, você se deita de costas sobre o tanque da motocicleta, um sorriso de gata saciada no rosto. Ele se inclina para a frente, deixando cair a cabeça de lado sobre seu peito nu, ofegando.

Mais tarde, enquanto o táxi se afasta do estúdio e Jan acena da porta, você pensa que perder as cópias talvez não tenha sido tão ruim, afinal. Você chegou a ter fotografias de nudez tiradas por um fotógrafo *sexy* e profissional que já fotografou algumas das maiores superestrelas, mas nunca terá de se preocupar com elas pipocando na internet quando menos se espera. Você realmente teve sorte esta noite, em mais de um aspecto. Agora, é hora do conforto de sua casa, com um DVD e pipoca. Ou talvez devesse fazer uma visitinha a Melissa — mal pode esperar para contar a ela sobre a noite que teve.



Se for direto para casa, [clique aqui](#).



Se der uma paradinha na casa de Melissa no caminho de casa para contar a ela sobre sua noite selvagem, [clique aqui](#).

Você decidiu permanecer na galeria
Você decidiu voltar à galeria

A maior parte do público deixou a exposição, e você fica sozinha numa lateral da galeria, segurando uma taça quase vazia de espumante medíocre, examinando um dos retratos. Não parecem assim tão indecentes agora que você teve a chance de se acostumar com eles. Está um pouco chocada com a velocidade com que você se torna tão *blasé* ao olhar para as partes íntimas de outra mulher.

Mac reaparece ao seu lado, e seu estômago se agita.

— Olá novamente! Está se divertindo? — Ela desliza aqueles olhos incríveis por você. — Você e Jan pareciam estar se dando excepcionalmente bem da última vez que olhei.

— Hum, sim, acho que ele foi para o estúdio. — É impossível explicar o que aconteceu com Jan; você mesma está tendo dificuldade para acreditar.

Você inclina a taça, mas percebe que não resta nada dentro dela.

Mac olha impassível para você, então um canto de sua boca se ergue.

— Gostaria de um champanhe decente, não as bolhas *faux* que estão servindo aqui? Tenho uma garrafa de algo muito delicioso resfriando lá em cima. Estava guardando exatamente para este tipo de sede.

Sua boca está seca, e o pensamento de champanhe gelado é muito atraente. A ideia de passar um tempo com Mac é atraente também, mesmo que você a ache um pouco intimidante. Talvez você devesse evitar riscos e seguir de volta para o bar. Sempre se pode beber mais champanhe com aquele *barman* gracinha. Ou talvez seja hora de dar por encerrada a noite.



Se decidir acompanhar Mac, [clique aqui](#).



Se preferir voltar ao bar para flertar com o *barman* gracinha, [clique aqui](#).



Se decidir seguir direto para casa, [clique aqui](#).

Você decidiu acompanhar Mac

Mac insere a chave numa porta de madeira maciça, e você a acompanha até um espaço quente, perfumado e sombrio. Ela avança silenciosamente, batendo em interruptores, e lâmpadas se acendem, revelando o apartamento mais exótico que você já viu na vida. Quase cada centímetro das paredes verde-limão é coberto com fotografias, impressos, ícones e cartazes. Uma Madonna negra está numa alcova, com um colar de contas do Mardi Gras em volta do pescoço e um punhado de papoulas frescas num copo ao lado. Você avista o conhecido cartaz de Che Guevara na parede — mas alguém delineou sua boca de batom vermelho-fogo e colocou cílios falsos em torno de seus olhos.

Há uma pequena cozinha de alcova, com uma cesta de conchas do mar sobre o balcão; e uma sala de estúdio, com uma cama enorme cheia de almofadas coloridas num canto, e uma mesa de desenhista sob a janela. Os pés de Mac atravessam o espaço, batendo de leve no piso de madeira de lei entre tapetes, alguns fofos e claros, outros suavosos e vermelhos. Há algo estranho no som de seus sapatos no chão, e você comenta isso.

— Ah, estou usando meus sapatos de flamenco. Como é só a galeria no andar de baixo, posso praticar minhas sevilhanas tanto quanto quiser.

Você se sente cada vez mais como Alice no País das Maravilhas. Do que ela está falando?

— Eu lhe prometi um champanhe, não? — Ela gira para a geladeira e puxa uma garrafa.

Você não é especialista, mas dá para ver que é coisa boa. As mãos dela lidam rápido com a rolha, liberando-a com um delicado estouro. O líquido cor de palha cai, espumando em taças altas.

— À sua saúde. — Ela arqueia uma sobrancelha enquanto vocês tocam as taças. Por que tudo o que essa mulher diz soa como se fosse sugestivo?

O champanhe está na temperatura certa, e você relaxa um pouco. Mac vai até um *laptop* sobre a mesa e aperta algumas teclas. No minuto seguinte, o som de um violão repercute pela sala. É calmante — até a voz rouca de um homem explodir na canção e mãos invisíveis começarem a bater palmas.

— É *cante flamenco*. Canto flamenco — diz Mac. — É parte integrante da tradição flamenca, com o dançarino e o violinista. Historicamente, sempre fala de paixão. Mas por que não se senta e eu lhe mostro?

— Me mostra o quê?

Seus pés fazem ressoar uma batida rápida e rítmica no chão, um borrão de passos precisos.

Você pisca.

— Você vai dançar? Agora?

— Por que não? Parece uma boa noite para dançar. Por favor, fique confortável.

Você olha ao redor, mas, com exceção da cadeira de escritório à mesa, não há lugar para sentar. Recua até a cama e senta-se na beirada. Você não é exatamente dada a surtos espontâneos de música e dança — é para isso que são os musicais —, mas o que de pior pode acontecer?

Mac move-se para o centro da sala e chuta alguns tapetes de lado. Calma e provocante, ela tira suas joias, colocando as correntes, pingentes e pulseiras sobre o balcão da cozinha, embora mantenha os brincos.

Então seu corpo se retesa, parece ficar mais alto. Lentamente, seus braços se erguem, curvando-se sinuosos acima da cabeça, pulsos e dedos descrevendo círculos pequenos. Suas costas se arqueiam, os seios se erguem e arfam. Então ela explode, os calcanhares estalando sobre o assoalho, começando a martelar o mesmo ritmo que o dos violões, os pés movendo-se tão rápido que é impossível ver os passos individuais.

Você fica como se transformada em pedra. O tempo passa mais lento. Você nunca viu nada tão sensual na vida. Mac gira e gira, os braços unidos, os pés batendo num ritmo complexo, o bumbum arredondado estremecendo a cada passo. Agarra a saia e agita-a de um lado para o outro, fazendo-a farfalhar. O suor escorre em suas clavículas nuas e começa a deslizar por entre os seios. Está claro, pelo modo como eles se movem e sacodem sob o tecido de renda do *top*, que ela está sem sutiã.

Finalmente a música desacelera, e então os pés de Mac param. Ela faz uma medida tão baixa que é um milagre que seus seios não escapem da roupa. Então, quando ela vai até a cozinha para engolir um copo d'água é que o feitiço é quebrado, e você começa a aplaudir.

Ela pega a garrafa de champanhe e cai pesadamente ao seu lado na cama, o peito ainda arfante.

— Foi incrível! Estou muito impressionada.

— Não é apenas uma forma de arte antiga, é o exercício mais fantástico — diz ela. — Mas me deixa com tanto calor!

Antes que você possa pensar sobre o que isso exatamente significa, ela agarra a bainha do *top* e tira-o pela cabeça. Os seios saltam à vista, maiores e mais pesados do que você esperava, mas firmes e tensos. Os mamilos cor de chocolate sobressaem rijos em contraste com aréolas mais suaves.

Você está meio sem graça, mas, enquanto tortura o cérebro atrás de um comentário apropriado (“Hummm, você percebeu que tirou o *top*?”), Mac vira-se com aquele olhar direto novamente:

— Gostaria de tocá-los?

Você fica tentada, mas isso tudo é um pouco opressivo. A música selvagem, a dança, os seios nus de outra mulher — e agora ela quer que você toque neles. Você está intrigada e um pouco excitada, mas está nervosa também. Parte de você está ávida por ficar e ver o que acontece — quando terá outra chance assim novamente? —, mas talvez fosse melhor dar uma desculpa e sair de fininho antes de entrar muito fundo nisso. Você poderia voltar ao bar para tomar um último drinque — pelo menos este é um território familiar.



Se decidir ficar por ali mesmo e ver o que acontece, [clique aqui](#).



Se isso tudo for demais para você e decidir voltar para a segurança do bar, [clique aqui](#).

Você decidiu ficar por ali mesmo e ver o que acontece

— E aí, gostaria de tocá-los? — pergunta ela novamente.

Uau, ela é direta. Você está chocada.

— Eu... Eu não sou... Eu nunca... Não faz muito o meu...

— Não perguntei se você é lésbica. Perguntei se gostaria de tocar. — Ela sorri de modo malicioso, ergue os braços fortes e sinuosos e une as mãos atrás da cabeça. — Prometo que não vou morder. Bom, não ainda.

Você tem que admitir que está fascinada. E os seios dela são absolutamente deliciosos.

— Aqui. — Mac pega uma de suas mãos, puxa-a delicadamente. Ela não a põe no seio: coloca-a sobre as costelas logo abaixo. Você não consegue evitar: sua mão desliza para cima, segura em concha, e o peso do seio enche sua mão como uma fruta madura. É muito mais macio do que parece, e a pele é finamente texturizada. Você o aperta suavemente e é recompensada com a sensação do mamilo tornando-se duro como diamante contra a palma de sua mão.

Ela faz um pequeno ruído de satisfação.

— O outro está ficando com ciúmes, sabe?

Você estende as duas mãos agora, passando os dedos sobre a pele quente, explorando as curvas sinuosas. Primeiro hesitante, depois com mais ousadia, você toca os mamilos com os dedos, intrigada com a forma como respondem ao toque.

— Muito bom — ronrona Mac, afundando-se na massa de travesseiros atrás. — Agora, talvez com a boca?

Parece estranho, mas você não quer parar. Inclina-se sobre o torso dela, então para.

— Eu... Eu não sei como...

— Então deixe eu lhe mostrar. Relaxe... — Ela se senta ereta, e você sente o aroma de sua pele. Dedos hábeis deslizam as alças de seu vestido. Tão facilmente quanto descascar uma banana, ela expõe você até a cintura, rolando para baixo o tecido do vestido e o sutiã com ele. Você treme de nervosismo e o ar sopra sobre a pele exposta, mas, antes que tenha tempo de pensar, Mac inclina-se e fecha a boca em torno de um de seus mamilos. Ah, céus. O choque duplo — *Tem uma mulher chupando meu seio* — e a súbita explosão de prazer a deixam sem palavras. A boca é quente e úmida, e a língua desliza e ondula, e não importa quem está fazendo isso, pois a sensação é ótima.

Você mal percebe Mac delicadamente pressionando-a contra os travesseiros atrás, inclinándose sobre você. Tudo em que você pensa é na boca percorrendo primeiro um seio, depois o outro, seguida pelos dedos fortes, deslizando, beliscando, acariciando. O tempo se expande e, bem longe, você se ouve emitindo tênues sons de choramingo.

Sem aviso, Mac senta-se ereta.

— O que houve? — Você não quer que ela pare.

— *Chica*, estamos usando roupas demais. Você deve ter notado lá embaixo: fico mais confortável nua do que vestida.

Opá. Isso quer dizer o que você está pensando — está pronta para isso? Mas Mac já tirou a saia. De algum modo, você não fica surpresa por ela não estar usando roupa de baixo, nem com a joia vermelha cintilando em seu umbigo, mas com seu monte de Vênus liso, completamente nu. Ela se posta junto à cama usando apenas brincos e saltos flamencos pretos.

Você fica olhando para ela, incapaz de tirar os olhos de sua boceta nua.

— Eu... Mas nas fotos, quero dizer, você não é...

— Gosto de variar. Às vezes saio selvagem. Às vezes saio depilada. E é melhor assim esta noite. Significa que você pode ver tu-din-ho. — Os olhos de Mac se estreitam enquanto fala, arrastando a última palavra.

Antes que você possa processar ela diz:

— Acho que precisamos tirar esse vestido, não? — Você se senta ereta, movendo-se para favorecê-la enquanto ela pega seu vestido pela bainha e o puxa sobre a cabeça. Ela lida rápido com o sutiã, agora em algum lugar em volta da cintura, e então empurra você de novo para baixo. Os olhos dela brilham à luz da lâmpada, enquanto olha para você, agora só de calcinha fio-dental roxa e saltos.

— Ahá! — ela ronrona. — Sabia que havia um tigre sob esse exterior comportado. — Então ela engancha um dedo no elástico da fio-dental e começa a deslizá-la para baixo.

Ah, céus. É isso, o ponto sem retorno. Você está na cama com uma mulher nua que lhe tira a última peça de roupa.

Uma coisa é certa: uma certa parte de sua anatomia está ávida. Enquanto Mac passa a renda da calcinha pelas suas coxas, você está extremamente excitada, e ela sabe disso — a calcinha está encharcada, e ela dá uma risadinha.

— Acho que você deve ter um gosto bem doce, *chica*.

Você sente um jorro inconfundível com suas palavras, e deixa-se ficar mole enquanto ela esfrega a coxa quente e lisa entre suas pernas. Mas ela não toca nenhuma parte sua; em vez disso, inclina-se sobre você, de quatro, e ordena:

— Feche os olhos.

Você obedece, e no segundo seguinte a boca quente dela desce sobre a sua. “Meu Deus, Meu Deus, estou beijando outra mulher” passa por sua cabeça por um nanossegundo, antes de perceber quão macia é a sensação da boca em comparação com a dos homens que você já beijou. Ela tem gosto de canela e da uva do champanhe. Os lábios cutucam os seus, a língua ondula enquanto ela a desliza para dentro da sua boca. Ela é implacável: puxa, chupa e inclina a boca contra a sua, abrindo-a, os dedos aninhando sua cabeça.

Sua mente gira quando ela se interrompe para tomar ar, ainda pairando sobre você. Você busca seu rosto e delicadamente lambe aquela pinta que a vem intrigando a noite toda. Sente os músculos do rosto dela se moverem enquanto sorri, mas então ela se afasta de você.

— Se você nunca fez sexo com outra mulher antes, tem uma coisa que precisa saber. Ninguém sabe fazer sexo oral em você como outra mulher. Quer que eu lhe prove isso?

Você não consegue falar; só olha fascinada enquanto a língua dela começa a serpentear até seu corpo. O cabelo arrasta-se contra sua pele, despertando pequenas labaredas à medida que

desce. Você sente arrepios, os mamilos saltando enquanto ela desliza mais e mais.

Você fica subitamente constrangida. Não tem nenhum *piercing sexy* nem tatuagem ousada, e sua moita só recebe, uma vez ou outra, uma conservadora depilação na zona do biquíni, com cera — você nunca teve a coragem de tentar algo mais drástico. A língua passa por seu umbigo, e você entra em pânico. Mas, antes que possa dizer qualquer palavra, sente as mãos separando suas coxas e então a incrível corrente de respiração em sua boceta.

Você se retesa, faminta, nervosa e ferozmente curiosa, tentando antecipar o que acontece em seguida. Então grita e convulsiona incontrolavelmente: ela se concentrou no clitóris com precisão absoluta e o está chupando — primeiro suavemente e depois forte. Os lábios macios e molhados puxam o ritmicamente enquanto você se agita, tentando se ajustar à intensidade das sensações.

— Ah, céus, é demais! — você geme, e as chupadas enlouquecidas diminuem. Logo você sente a língua quente — parece enorme — partindo os lábios da vagina. Os dedos os abrem bem e levam a umidade escorregadia, a saliva e o suco, para suas coxas.

O mundo inteiro está concentrado na língua dela, que saboreia você, lambendo a abertura de sua boceta e seus lábios muito lentamente. Depois ela enfia a língua lá dentro, deslizando para cima. A sensação é irresistível, e você arfa novamente. Devagar, a língua de Mac retrocede e desliza para chicotear seu clitóris novamente, mas desta vez os dedos entram em de você. Ela não é delicada — o contraste entre a dança suave e a habilidosa língua no clitóris, e os poderosos impulsos dos dedos, faz você gemer e contorcer-se, sentindo os músculos se contraírem, o início do orgasmo.

Então você fica desolada. Mac se retirou, deixando você galopar violentamente com os quadris, suas mãos se debatendo por ela.

— Não pare, não posso... Você tem...

Ela está deitada em cima de você, prendendo-a com o corpo quente e forte, a sensação estranha de seios contra os seus, a pele macia e suave.

— *Chica*, se eu deixar que goze agora, talvez queira fugir cedo demais. E tem muitas coisas que quero fazer com e para você esta noite.

Ela rola ao seu lado.

— Não gostaria de ficar íntima da minha boceta?

Ela usa a palavra sem rodeios, e isso é *excitante*.

— Eu não sei... Eu...

— Ah, vamos lá. Vi você olhando na galeria. Já teve a chance de olhar realmente para outra mulher dessa maneira?

Ela está certa: você está curiosa por essas dobras cor-de-rosa e lilás amarronzadas que viu na galeria. Ela interpreta corretamente o silêncio, deita-se de novo sobre os travesseiros e estende as pernas com a calma de uma dançarina. Você escala entre elas, ofegante, ainda sentindo o denso acúmulo de pressão sexual na zona inferior da barriga e na pélvis.

— O que eu faço? Quero dizer, o que você quer que eu faça... Será que eu deveria...?

— Apenas olhe. E depois, se quiser, pode tocar. E, se gostar disso, pode provar.

Você se abaixa entre as pernas dela e dá uma olhada boa e atenta. É como na galeria novamente, exceto que desta vez você pode sentir o aroma. Seu monte de Vênus é rosa-chocolate. Você estende um dedo hesitante e descobre que a carne é resistente, macia e elástica.

Você desce um pouco os dedos. Os lábios de Mac estão intumescidos, e as bordas estão úmidas. Você a toca timidamente, depois desliza um dedo entre os lábios, separando-os. Estão brilhando de molhados, resplandecendo à luz suave como o interior de uma concha rosa de molusco. E você pode ver a pérola de seu clitóris sob sua capa de pele — é vermelho intenso e ligeiramente latejante. Com muito cuidado, você o lambe.

A sensação é de uma coisa surpreendentemente dura sob a língua, um mármore, e você lambe novamente. Mac geme, o que lhe dá um pouco mais de confiança.

Hum, o que se deve fazer em seguida? Você lambe com mais ousadia, varrendo com a língua para cima e para baixo entre os lábios. O gosto é muitíssimo *sexy*. Seu rosto está a um centímetro da vagina, e você está curiosa a respeito disso. Com os dedos, cutuca delicadamente a abertura escura entre os lábios carnudos, depois junta dois dedos e enfia-os dentro dela. Há uma resistência momentânea e você hesita — e se machuca-la? —, mas os dedos vão sendo envoltos por sua boceta apertada. Mac está suspirando e curvando os quadris para cima ritmicamente, de forma que você deve estar fazendo a coisa certa. Você tenta igualar o ritmo, e ela começa a dar gritinhos entrecortados, como você fez há pouco. Sua própria necessidade não resolvida se manifesta em sua boceta.

Então ela se move por baixo e agarra seu pulso, interrompendo-lhe o movimento da mão.

— Desculpe, estou fazendo errado?

— Não, você está indo muito bem. Mas quero você aqui comigo quando eu gozar.

Você se arrasta ao lado dela, e ela se encontra meio virada para você, uma perna sobre a sua. Captura-lhe uma das mãos e coloca-a sobre o seio dela. Então ela coloca a mão entre suas próprias pernas e começa a circundar o clitóris com o dedo indicador. Você fica desapontada por um minuto — até que a outra mão desliza entre as suas pernas, e você sente seus dedos ágeis ecoando seus próprios movimentos. Ela cria um ritmo em seu clitóris, depois desliza dois dedos para dentro. Você é praticamente um pantanal lá embaixo — vão lhe emitir uma ordem de preservação a qualquer minuto.

— Você também. Experimente.

Você entende a mensagem e alcança a boceta. Imitando os movimentos dela — o que é difícil, porque a sensação dos dedos mergulhando em você, esfregando seu clitóris, atingindo o ponto G, é irresistível —, você alterna entre fodê-la com o dedo e massagear-lhe o clitóris.

Você está muito perto de gozar, mas ela sente isso e afasta a mão ou abranda a pressão todas as vezes. Então as pupilas dela se dilatam. É isso? Os olhos apertam-se, a cabeça se vira sobre o travesseiro atrás e ela grita. Dá para sentir a vagina dela apertando-se e desapertando-se em seus dedos, incrivelmente rápido, quase tremendo, jorrando suco quente em sua palma. A coluna arqueia-se muito, as costas saem da cama, seguidas por espasmo atrás de espasmo.

Em seguida o quarto fica silencioso, exceto pela respiração ofegante dela. Você está sentindo emoções conflitantes — está orgulhosa de si mesma por proporcionar a Mac um orgasmo tão intenso, está fervendo de desejo e está um pouco ansiosa: e quanto a você?

— Não se preocupe, *chica*, é a sua vez agora. — É como se ela tivesse escutado seus

pensamentos.

Ela se eleva sobre você, cabelos e olhos selvagens. Levanta e separa seus joelhos, depois se curva sobre sua boceta. Os dedos deslizam mais uma vez para dentro de você, pegando novamente o ritmo. Você está bem perto, dá para sentir a tempestade se formando por dentro, os quadris saindo da cama — e, nesse momento, ela se lança para baixo e gruda a boca em sua boceta, a língua forte lambendo os lábios da vagina, girando em seu clitóris.

Isso leva você à loucura, a intensidade percorrendo-a como champanhe borbulhando nas veias, a tensão explodindo, os gloriosos espasmos de prazer — você quase perde os sentidos. De modo turvo, sabe que está galopando como um *mustang*^[2] e gritando muito.

Lentamente, o quarto para de girar. O estrondo que você pode sentir nos ouvidos é o do seu próprio sangue fluindo. Você sente os membros pegajosos, pesados. A boceta está inundada — dá para sentir a viscosidade dos sucos pelas coxas.

Mac levanta-se — ela ainda usa aqueles saltos pretos — e você se sente um pouco perdida, mas ela está servindo mais champanhe. Ela volta para a cama e se enrosca ao seu lado como uma grande gata, tocando a taça na sua.

— Parabéns. Sua primeira vez com uma mulher. E você gozou com absoluto sucesso!

Você dá uma risadinha. Está satisfeita demais com a pulsação na parte inferior do corpo para preocupar-se com a estranheza da situação — droga, Che Guevara travestido acaba de assistir a uma mulher fazer sexo oral em você!

Minutos passam à medida que sua respiração volta ao normal. Finalmente, Mac senta-se ereta, toma-lhe o rosto e lhe dá um beijo: primeiro na boca, depois na testa.

— Foi fantástico — ela diz. — Agora você sabe onde moro, então vê se aparece. Talvez na próxima vez, se houver uma próxima vez, você possa até conhecer minha namorada.

— Como? — Você fica estupefata. — Sua namorada? Mas eu pensei que...

— Ah, não venha com essa agora. Achou que eu ia me casar com você?

Você se sente tola.

— Não.

Mac acaricia seu cabelo, um gesto estranhamente materno.

— Não seja boba, *chica*. Foi ótimo, mas você não é lésbica, é? — Ela se inclina para trás e percorre você com os olhos. — Se bem que você tem potencial.

— Mas por que... quero dizer, se você tem alguém?

— Daniella mora em outra cidade; é sócia num excelente escritório de advocacia. E minha companhia de dança está instalada aqui. Nós duas amamos nosso trabalho, por isso todo esse lance da distância. Faz cinco anos. Às vezes é difícil, mas não é tão ruim. Há certas vantagens... como esta noite.

— Você vai contar para ela?

— É claro! Cada. Pequeno. Detalhe. Ela vai ficar muito excitada.

Você fica vermelha. Céus, você foi tão tola. Foi uma conquista para que um casal pudesse

compartilhar contos excitantes. Sente vergonha enquanto começa a estender o braço para debaixo da cama, a fim de pegar as roupas espalhadas.

Mac puxa você pelo ombro.

— Posso imaginar o que está pensando. Mas você saiu esta noite com sua calcinha de menina crescida, não é? — Exibe a fio-dental roxa, girando-a no dedo. — Vi que você era hétero. Mas também vi que havia uma garotinha faminta aí dentro. E você é muito linda, toda essa pele deliciosa, esse olhar de olhos arregalados. Como é que eu poderia resistir?

Você torce um pouquinho o nariz, mas ela está certa. Você pode ter transado com uma mulher e adorado, mas não é que esteja planejando mudar sua vida inteira, saindo do armário para todos os familiares e amigos, amigando-se com ela, discutindo sobre férias em família juntas. Esta noite foi um passeio pelo lado selvagem, e, cara, foi selvagem.

Você se recompõe e dirige um sorriso aguado para Mac. Daí encontra o vestido e entra nele, sem se preocupar com o sutiã, que você enfia na bolsa. Estende a mão para a calcinha fio-dental, e ela lhe dá um beijo antes de pressioná-lo na sua palma.

— Vou acompanhá-la até a porta — ela diz, levantando-se num pulo, ainda completamente nua, exceto pelos saltos. Enquanto a acompanha pela sala, observando as costas longas em forma de violino, o traseiro ondulante e as pernas bem torneadas, você sente um sobressalto de desejo na boceta. No corredor minúsculo, ela se aperta contra você, deslizando a língua para dentro de sua boca. A sensação não é estranha, é incrível, e você a beija de volta com entusiasmo e gratidão.

Os olhos dela brilham.

— Agora vá, antes que a gente comece tudo de novo. Humm, talvez a gente pudesse fazer um *ménage* na próxima vez que Danni estiver na cidade...

Isso a traz de volta aos sentidos. Ok.. Obrigada? Qual é a etiqueta para situações como esta? “Obrigada por ser a primeira mulher a lamber minha boceta?”, “Obrigada pelo excelente orgasmo?”.

— Hum, foi ótimo. Mais que ótimo. Mas... Não leve a mal, não acho que eu vá voltar.

Ela ri.

— Como quiser, *chica*.

Então, você está descendo vacilante as escadas, as pernas frouxas, a boceta ainda latejando ligeiramente. Ao chegar à rua, você se dá conta: Mac nem sequer lhe perguntou seu nome.

A ideia de seu familiar sofá, com um DVD e pipoca, subitamente parece muito atraente. Ou você poderia passar pela cafeteria do bairro e pegar um chocolate quente no caminho de casa.



Para ir direto para casa, [clique aqui](#).



Se não estiver muito disposta a ir para casa, ainda, [clique aqui](#).



Para ir para casa passando pela cafeteria do bairro, [clique aqui](#).

Você decidiu dividir um táxi com o homem maduro

Você amassa o *flyer* de “Imaculada” e solta-o dentro da bolsa. Em outra noite talvez considerasse visitar a exposição, mas não com um homem desses fazendo a oferta irresistível de dividir o táxi com você. Há algo nele que faz seus joelhos ficarem bambos. Tem algo a ver com a forma como ele domina qualquer espaço em que esteja.

— Não vejo razão nenhuma para não dividirmos um táxi — ele diz — Pense no meio ambiente, na emissão de gás carbônico, e todas essas coisas.

— Suponho que seria a coisa mais responsável a fazer — admite você.

Ele ri e segura a porta aberta para você entrar. Enquanto contorna o táxi até o outro lado, você olha pela janela e vê o guarda-costas gigante lhe acenar e entrar dentro daquele carro esportivo incrível, antes de ligar o motor e escapar rugindo noite adentro. Pergunta-se quantas coisas poderiam ter acontecido se você tivesse preferido ir com ele, mas, antes que possa se concentrar nisso, Miles entra no táxi e se acomoda a seu lado, preenchendo o espaço com o aroma de cedro e couro.

Do banco da frente, o taxista inclina-se e aguarda as instruções.

— E aí, para onde? — pergunta Miles.

— Eu estava indo para casa — você diz. — Eu deveria ter encontrado minha amiga aqui mais cedo para um drinque, mas ela furou comigo no último minuto. Teve que trabalhar até tarde. O chefe dela é meio canalha e controlador.

Miles arqueia uma sobrancelha:

— Falando em trabalhar até tarde, você por acaso está com fome? Estive ocupado fechando um negócio... Não como desde o almoço, e fazer negócios sempre me deixa faminto.

— Estou um pouco. O que tem em mente? — você pergunta.

— Conheço uma ótima casa de sushi não muito longe daqui; o sashimi deles é de primeira linha. E o saquê é excelente também. Eu ia passar lá para jantar. Gostaria de ir comigo?

Você o avalia, tentando decidir o que fazer. Talvez você devesse encerrar a noite por aqui mesmo e ir para casa. Talvez o táxi pudesse deixá-la na cafeteria local para seu chocolate quente favorito. Mas não dá para desprezar um bom sushi — e este homem é mesmo atraente.

O taxista limpa a garganta, e você repara que o taxímetro esteve rodando o tempo todo. Você precisa tomar uma decisão, e rápido.



Se decidir comer sushi com o homem maduro, [clique aqui](#).



Se pedir ao taxista para levá-la direto para casa, [clique aqui](#).



Se o táxi deixar você na cafeteria local, [clique aqui](#).

Você decidiu comer sushi

— Parece bom. Eu gosto de sushi.

O taxista solta um audível suspiro, como se dissesse: “Até que enfim.”

— Excelente — diz Miles, dando ao motorista um endereço e instruções rápidas sobre como chegar lá.

Depois de uma curta viagem, o táxi para em uma rua tranquila. Você olha pela janela, mas não vê nenhum restaurante ou fachada de loja. Miles paga o motorista, então sai e abre a porta para você. Você tenta não deixar aparecer a calcinha insignificante enquanto sai do carro. Não é tão fácil quanto as atrizes de Hollywood fazem parecer.

Ambos atravessam a calçada e Miles conduz você até uma porta embutida. De fora não se parece em nada com um restaurante: não há letreiros nem nomes em nenhuma das janelas com cortinas, de modo que não se pode ver lá dentro. Você fica impressionada ao passar pela porta e dar num restaurante japonês intimista e discretamente decorado. Os funcionários, e a maioria dos clientes, parecem ser japoneses, o que é sempre um bom sinal.

Uma mulher elegante de quimono apressa-se até vocês, um sorriso acolhedor no rosto:

— Sr. Cornuti, tão feliz em vê-lo novamente! Mesa para dois?

— Cornuti! — você deixa escapar quando a ficha finalmente cai, junto com seu queixo. — Caramba, você é o Miles Cornuti!

Longe de ser um nome comum — você não juntou dois mais dois antes porque o taxista trocou as bolas.

Ele acena em reconhecimento antes de cumprimentar a *hostess*.

— Olá, Katsuko! É bom vê-la também. Pode nos arranjar dois assentos no balcão, por favor?

Ela guia vocês até os fundos do restaurante, para um balcão que dá para uma cozinha moderna onde dois *chefs* japoneses trabalham lado a lado, cortando peixe e enrolando arroz. Ocupam seus assentos um do lado do outro, de frente para a área de preparação, projetada para que os clientes assistam aos *chefs* preparando o sushi. É uma arte, e bastante notável de se ver. Você ouviu falar que eles passam décadas no Japão apenas aprendendo a preparar o arroz antes de serem ao menos autorizados a se aproximar de um pedaço de peixe.

Os *chefs* acenam educadamente com a cabeça para você, depois voltam às facas afiadas e às esteiras para sushi, conversando tranquilamente entre si, em japonês. O mais alto, empunhando uma faca que mais parece uma espada, faz um corte em Z em uma fatia gigante de atum, transformando-a em um perfeito sashimi, os músculos nos antebraços ondulando enquanto ele trabalha. Está claro que esses caras são demais.

O restaurante está metade cheio e não há ninguém mais no balcão. Você está sentada tão perto de Miles que o braço e perna dele roçam nos seus, causando uma onda de excitação por seu corpo.

Mal seu acompanhante trocou amabilidades com a *hostess* e pediu um pouco de saquê, ela desaparece, deixando-os sozinhos com os menus. Você aproveita a oportunidade para conversar:

— Eu nem acredito. Você é Miles Cornuti, o famoso magnata da mídia.

— Longe de ser famoso — ele diz.

— É claro que é! Você possui dezenas de revistas e um jornal, e depois há todas as editoras que você mantém.

Katusko reaparece com um jarro de saquê. Miles entorna um pouco em duas delicadas xícaras sem asa e lhe oferece uma.

— Prove, é muito bom. Aparentemente mandam trazer de avião todos os meses lá do Japão.

— Não tente mudar de assunto — você diz, aninhando a xícara nas duas mãos e tomando alguns goles, apreciando o líquido sedoso descendo relaxantemente. — Ouvi falar muito sobre você. Tenho uma amiga que escreve para uma de suas publicações.

— Espero que não seja a mesma amiga que deu um bolo em você esta noite. Aquela cujo chefe é um... Qual é mesmo o nome pelo qual o chamou?

— Humm... — Agora é sua vez de se esquivar.

— Creio que disse que ele era algum tipo de canalha.

— Canalha controlador — grunhe você, o calor irradiando em seu rosto.

— Ah sim, isso mesmo. Canalha controlador a seu serviço, madame.

Inquieta-se no assento, grata por estarem sentados lado a lado, de modo que não precise lidar com o olhar provocador dele.

— Na verdade, acho que o que ela quis dizer foi... — Você se esforça, tentando voltar atrás.

— Vamos lá — ele diz, sorrindo. — Quero ver como vai se sair dessa.

— Mais saquê? — você alcança a jarra e finge encher novamente as duas xícaras.

Miles abre um sorriso largo:

— Aos chefes canalhas e controladores de todo o mundo — ele diz, erguendo a xícara. Faz a sua estalar na dele e toma mais alguns goles, rezando por uma rápida mudança de assunto. Melissa vai matar você. Como vai explicar que saiu para jantar com o chefe dela e deixou escapar o que ela disse sobre ele?

Você faz um inventário mental de tudo mais que ela já lhe contou sobre ele: ricaço, poderoso e, sim, muito exigente no trabalho. Mas faz sentido. Não se chega a magnata da mídia sendo um ingênuo. Chega-se a magnata da mídia sendo um canalha controlador. Porém — e mais importante —, por que será que ela nunca mencionou como ele era gostoso?

Você o estuda discretamente enquanto finge ler o menu. Alto, bom corpo, carismático, confiante. E ele tem essa aparência de George Clooney com olhos que se enrugam ao sorrir, que fica bem nele. Mas, ainda assim, o que você está fazendo? *Este é o chefe de sua melhor amiga.* Você não devia examiná-lo, devia sair daí mais rápido que um lutador de sumô sai de uma reunião dos Vigilantes do Peso.

Mas não faria mal ficar apenas para um rápido temaki de atum e abacate, não é mesmo?

Quando você finalmente olha o menu, percebe que a coisa toda está em japonês. Vira-o ao contrário para ver se há tradução para o inglês, ou pelo menos fotos dos pratos no verso, mas você não tem essa sorte.

— Então, você diz que este lugar é demais. O que sugere? — você pergunta casualmente, como se lesse japonês todos os dias da semana, torcendo para não estar segurando o menu de ponta-cabeça.

Ele se inclina, e você espera que ele diga algo inteligente ou pretensioso, ou se ofereça para pedir para você, mas em vez disso ele diz:

— Não faço a menor ideia. Sempre peço a Katsuko que sugira algo. Na primeira vez que vim, tentei ser inteligente e acidentalmente pedi uma de suas iguarias mais... Incomuns.

— O que aconteceu?

Ele fez uma careta:

— Acabou que eu tinha pedido sêmen de bacalhau.

Você quase cospe o saquê pelo balcão.

— Os *chefs* e as garçonetes acharam hilário. Apenas me disseram o que eu estava comendo depois de eu ter engolido a primeira mordida. Fiz a noite deles. — Acena com a cabeça para um dos profissionais, que retribuiu a saudação com um floreio de faca.

— Como era o gosto?

— Na verdade era um pouco parecido com lula. Mas nada mais de sêmen de peixe para mim. Atualmente fico nos pratos mais seguros.

Você não consegue resistir à tentação de flertar:

— Então está dizendo que você gosta de evitar riscos.

Ele olha atentamente para você:

— Isso depende de com quem estou jogando.

Uma centelha de tensão sexual dardeja entre vocês.

— E quanto a você? — ele pergunta. — Considera-se do tipo aventureira?

— Gosto de pensar que estou sempre a fim de um pouco de aventura.

— Bom, vamos ver se é verdade. — Ele levanta a mão e em um segundo Katsuko está de volta a seu lado. — Vou comer o de sempre, por favor: o sashimi de atum, alguns makis de salmão e umas porções de wasabi; e depois minha amiga e eu estávamos pensando em talvez provar alguma coisa um pouquinho diferente só para variar. O que você sugere?

Você percebe que há um brilho travesso nos olhos de Katsuko.

— Esta noite temos unagi fresco, Sr. Cornuti.

Ela aponta para um tanque encostado na parede do restaurante. Dentro dele há uma variedade de criaturas de aparência um tanto estranha, incluindo alguns ouriços-do-mar muitos espinhosos, estrelas-do-mar agarradas às laterais do tanque e meia dúzia de enguias serpenteando por toda a parte e amarrando-se em nós.

— E, como podem ver, também temos uni fresco. E temos nossas iguarias mais tradicionais de sempre — ela diz.

— Uni? — você pergunta, a voz parecendo uma lima de nervosa.

— Ouriço-do-mar. Os órgãos reprodutivos — informa Katsuko, o rosto impassível.

Miles olha para você.

— Eu topo, se você topa.

— Vou comer o que ele for comer — você diz, tentando não empalidecer.

— Vamos provar o uni. E nos traga uma daquelas iguarias tradicionais também, por favor — diz Miles.

Enquanto Katsuko se vira para instruir os *chefs* em rápido japonês, você relaxa e toma outro gole de saquê, perguntando-se em que raios de situação se meteu.

Feito o pedido, você acha que a conversa flui facilmente. Ele é mais acessível sobre a vida pessoal do que você teria esperado de alguém na sua posição, e sua culpa em relação a Melissa começa a desvanecer-se; parece mais passar o tempo com um amigo que jantar com o chefe da colega. Um amigo gostoso pra caramba, mas ainda assim um amigo.

Você descobre que ele está divorciado há alguns anos, mas se dá bem com a ex e os dois filhos adotivos, ambos já quase crescidos a esta altura. Ele menciona que é *workaholic*, e que isso o levou ao divórcio. Ele sempre foi casado com os negócios — isso é bastante conhecido —, mas você não consegue deixar de admirar seu comprometimento com o trabalho. Faz parte do que o torna tão atraente. E, enquanto você detecta o aspecto controlador de sua personalidade, a parte canalha parece estar misericordiosamente ausente até agora.

— Então, agora já lhe contei tudo sobre minha vida amorosa. E a sua? — ele pergunta.

Você baixa os olhos. Acha que tagarelar sobre o deserto rochoso que é sua vida romântica atual não vai ser muito atraente, então decide simplificá-la.

— Não, não há ninguém no momento.

— Nenhum namorado?

Você balança a cabeça.

Ele abre um sorriso largo:

— Namorada?

— Espera que eu vá dizer sim? Não é com isso que todos os caras fantasiam?

— Não este cara — ele diz, esvaziando a xicara.

Katsuko os interrompe mais uma vez, mas você a perdoa enquanto ela coloca vários pratinhos de comida sobre o balcão. Você lança o olhar sobre comida, aliviada ao descobrir que não há nada que não reconheça, e tudo parece delicioso. Quando está prestes a comer com apetite, você repara que um dos *chefs* está lá no tanque, pescando algo, e você percebe que não está completamente fora de lugar, ainda.

Miles gira os pauzinhos, que naturalmente manuseia como profissional, e você pega os seus, torcendo para que não deixe cair comida no decote ou acerte o olho. Porém, à primeira mordida na porçãozinha suculenta que você apanhou, esquece-se do manuseio dos pauzinhos. Você não tinha percebido quão faminta estava — ou talvez seja porque a comida esteja muito boa. O peixe está tão fresco que derrete em sua boca, e parece haver a quantidade perfeita de todos os ingredientes em cada mordida.

Alguns dos pedaços são grandes demais para entrar inteiros em sua boca, e você fica aliviada quando Miles abandona os pauzinhos e simplesmente pega um dos *rolls* com os dedos. Ah, graças a Deus, ele é humano, você pensa, fazendo o mesmo.

A certa altura, enquanto discutem a ascensão dos *e-books*, Miles faz uma pausa no meio da frase, depois estende a mão até o seu rosto:

— Posso? — pergunta ele.

Você prende a respiração, sem saber ao certo o que ele está prestes a fazer. Certeza que ele não vai beijar você? Aproxima-se ainda mais, depois tira um grão de arroz de sua face. Mas ele não dá só um toquinho rápido com o dedo. Em vez disso, segura-lhe o queixo na palma da mão e passa o polegar pela extensão de sua face. A intimidade do toque é surpreendente, o polegar macio em sua pele, e seu corpo instantaneamente quer mais. Idos os dedos, você passa a mão pela face ardente, esperando muito por outros grãos de arroz imaginários, um pouco envergonhada tanto com sua inépcia ao comer sushi quanto pela forma como reagiu ao toque dele.

E então Katsuko aparece mais uma vez e começa a empilhar os pratos vazios, enquanto Miles entorna o restinho de saquê nas xícaras. Depois de limpar o balcão, ela retorna e pousa dois pratinhos entre vocês.

— Uni — diz ela, acenando a cabeça para um prato.

O prato contém algo que parece um pouco com *rolls* de sushi, com arroz envolto em alga escura. Porém, acomodadas em cima do arroz há grossas fatias de carne laranja-vivo. Têm a textura de uma língua e parecem quase esponjosas. O segundo prato contém horrores ainda piores — o que parecem ser dois globos oculares gigantes. Cada um é um pouco maior que uma bola de chiclete, e ainda há pedaços de carne e fibra presos em torno das bordas. Seu estômago se revira à visão deles, e eles olham de volta para você, igualmente impressionados.

Você pega um pauzinho e cutuca uma das órbitas carnudas e tem certeza de que ela treme quando a toca. Recolhe rapidamente a mão. Certeza que a coisa monstruosa não está viva ainda?

Miles ri.

— Você não é a garota que me disse estar a fim de um pouco de aventura?

— Você não é o sujeito que me disse ter comido acidentalmente sêmen de bacalhau? — devolve você. — Então, isso deve ser mamão com açúcar para você... O que você disse que isso era mesmo?

O mais bonito dos dois *chefs*, que está assistindo ao espetáculo com franco interesse, curva-se na direção da língua esponjosa laranja:

— Uni... ouriço-do-mar.

— E isso? — você pergunta, apontando hesitantemente o pauzinho para um globo ocular.

— Globo ocular de atum. Grande iguaria no Japão — diz o *chef*, incapaz de esconder o sorriso.

— Fantástico — você diz, tentando soar convincente.

Miles avança com os pauzinhos, indo direto para um globo ocular. Agarra-o e então o ergue, sem tirar os olhos de você nem por um segundo.

— Aqui está a aventura — ele diz.

Você cutuca o globo ocular restante, depois o pega, tentando manter a mão firme. Ele é bem gordo e escorregadio, você tem que tomar cuidado para que não escape dos pauzinhos e salte pelo balcão. Parece nojento e, à medida que o aproxima de sua boca, percebe que também não cheira muito bem. Mas continua firme e fixa os olhos nos de Miles, que tem um olhar desafiador.

Os dois aproximam o globo ocular cada vez mais da boca, observando-se atentamente.

Você observa horrorizada quando Miles abre a boca, e lhe ocorre que, se ele colocar essa coisa na boca, você nunca será capaz de beijá-lo. E percebe que isso é tudo em que você vem pensando desde que o conheceu. Portanto, como não há o que lhe faça botar um globo ocular na boca, o mais importante é que ele também não bote.

Com um arrepio, você solta o globo ocular.

— Não dá, eu desisto. Você venceu! — você grita.

— Você desistiu?

— Sim, você venceu. Isso é nojento demais!

— Ah, graças a Deus! — ele diz, soltando o globo ocular sobre o prato, onde ele patina antes de parar, flácido, ao lado de seu companheiro, as duas pupilas fitando vocês tristemente.

— Admito: quando se trata de comida, você é mais ousado do que eu!

Ele sorri, afetado, mas depois para e se inclina na sua direção.

— Espere aí... O que quer dizer com “quando se trata de comida”?

A esta altura vocês estão apenas a alguns centímetros de distância. Você sente a efervescência de energia sexual que vem se formando entre vocês a noite toda. O desejo de simplesmente avançar e beijá-lo é avassalador.

Katsuko desliza novamente até a mesa e retira o uni intocado e os globos oculares.

— Que tal uma sobremesa? — pergunta Miles.

— O que tem em mente?

— Bom, eles têm sorvete de chá verde...

O triz da morte pelo globo ocular deixou você destemida.

— Que tal algo um pouco mais decadente? — sugere você, jogando a prudência para os ares e deslizando a perna entre a dele.

— Acho que você está certa — diz ele, lentamente. — Não estou no clima de sorvete também. Que tal irmos para minha casa? Estou certo de que podemos encontrar a sobremesa perfeita lá.

Você hesita por um minuto, lutando com sua consciência, mas ele é magnético demais para você ir embora a esta altura. Sinto muito, Melissa.

Miles gesticula para pedir a conta, depois pega na sua mão enquanto se dirige ao caixa.

— Obrigada pelo jantar — você diz enquanto aguardam, juntos, a máquina de cartão de crédito cuspir a tira de papel.

Os cantos de seus olhos penetrantes se enrugam, e depois ele se inclina sobre você, roçando a

boca na sua orelha enquanto sussurra:

— Eu não ia comer aquele globo ocular nem morto esta noite.

Você fica na ponta dos pés para alcançar a orelha dele e sussurra de volta:

— E eu não ia deixar você comer.

Na calçada lá fora, esperando o táxi chegar, Miles finalmente se curva, segura-lhe o queixo com as mãos em concha e a beija intensamente. A boca é quente e ávida. Seus joelhos parecem desmoronar, e ele deve sentir isso, pois coloca os dois braços em torno de você e a segura com firmeza enquanto a beija.

Quando os dois estão sem fôlego, ele recua:

— Antes de irmos, preciso lhe dizer... Eu não estava brincando sobre ser aventureiro. — Ele entrelaça os dedos nos seus. — Tem certeza de que está a fim?

— Não sei se entendi.

— Gosto de fazer as coisas de maneira um pouco diferente.

Você não tem dúvidas disso — imagina que este homem faça tudo de maneira um pouco diferente.

— Mas posso garantir que você vai curtir — ele diz, já que você não responde.

— Como sabe?

— Eu estava certo sobre o sushi, não estava?

Sua mente gira através das possibilidades. Você não estava mentindo sobre gostar de um pouco de aventura. *Bungee jumping* não está totalmente fora de cogitação — mas não tem a intenção de ficar presa em um porão sexual. Ele é tão polido, você pensa, não é possível que possa gostar de algo tão doido. E ele *estava* certo sobre o sushi. Você hesita, tentando decidir o que fazer.

Às vezes é melhor deixar as coisas quando estão em alta. Afinal de contas, você se divertiu com Miles Cornuti. Talvez seja hora de dar por encerrada a noite, tendo perdido nada mais que um desafio de globo ocular. Ele é o chefe de Melissa, afinal. Por nenhum homem — por mais gostoso que seja — vale a pena pôr em risco uma amizade. E sempre se poderia dar uma paradinha na cafeteria local aberta até tarde — talvez tudo de que precise como sobremesa seja chocolate quente. Mas esses olhos de George Clooney...



Se decidir ir para a casa de Miles, [clique aqui](#).



Se decidir não ir para casa de Miles, [clique aqui](#).



Se passar pela cafeteria local a caminho de casa, [clique aqui](#).

Você decidiu ir à casa de Miles

Uau. Você permanece no *hall* de entrada com pé-direto duplo na tentativa de assimilar o que está vendo.

A casa de Miles é uma obra-prima — parece prestes a ser fotografada para a *Minimalist Design Weekly*. As paredes brancas exibem uma mistura eclética de arte. Há belas peças clássicas, mescladas com o tipo de arte moderna que você sempre suspeitou que uma criança de 2 anos pudesse fazer, ainda que tivesse certeza de que cada uma delas valesse o PIB de um país pequeno. Não há nada fora do lugar, e seguramente não se veem canecas de café espalhadas ao redor. A iluminação sutil suaviza as superfícies de pedra branca.

Ele leva você para um passeio, atravessando a sala de estar aberta, a sala de jantar e a cozinha, e depois subindo as escadas que flutuam sem esforço e, aparentemente, sem suporte. Os tetos são tão altos que se poderia jogar voleibol ali dentro.

Não há pergunta nenhuma sobre seu destino, e sua excitação cresce enquanto ele a leva para o quarto. Você vai mesmo fazer isso? Transar com o chefe de sua melhor amiga? Você ainda sente uma leve pontinha de culpa em relação a isso, mas ela é subjugada pela antecipação de uma noite maravilhosa. Miles mal tocou em você — houve aquele beijo na frente do restaurante e um pegar de mãos no táxi, mas isso foi tudo até agora —, o que de alguma forma é ainda mais tentador do que se ele tivesse as mãos sobre você. Cada segundo em que ele não a toca faz com que você o deseje mais.

Ele mostra o caminho para o que certamente é o quarto principal, que contém uma cama do tamanho de um ringue de boxe, muitos espelhos e uma namoradeira de couro branco encostada em uma parede. Ao toque de um botão, a música surge através de alto-falantes invisíveis e as luzes escurecem apenas o suficiente.

Ele finalmente afaça sua face e lhe toma novamente o queixo para beijá-la. Mas interrompe o beijo rapidamente, provocando-a, obrigando-a a inclinar-se para ele, seguindo sua boca.

— Vem aqui — você sussurra, frustrada, estendendo a mão e agarrando-lhe a parte de trás do pescoço, puxando-o novamente para você. Ele deixa de hesitar e a agarra de volta, ferozmente, inclinando sua cabeça para trás, bagunçando seu cabelo, pressionando-a contra o que parece ser uma rocha dentro da calça de corte caro. Você se inclina contra ele, que puxa seu cabelo. A diferença entre o estilo polido dele e a paixão com que a devora é excitante, e fica claro pela ereção que o sentimento é recíproco.

Então ele recua novamente, deixando-a zozna de luxúria e confusão, e tira a camisa, revelando um corpo que é claramente o produto de longas e disciplinadas horas na academia.

— Quero que você tire esse vestido. Agora. — é uma ordem, não uma pergunta, e isso faz você parar.

— Okaaaay — você diz, sem se mover, sentindo um friozinho no estômago. Você não tem certeza se deve aceitar ordens, mesmo que sejam de um homem acostumado com centenas de funcionários fazendo exatamente o que ele diz.

Vocês ficam encarando um ao outro, e você sente que existe algo que ele precisa lhe contar. A reticência dele é uma pista óbvia.

— O que é? — você pergunta.

— Gosto de fazer as coisas de maneira um pouco diferente.

— Isso você já disse.

— Tenho uma caixa de fantasias que quero dividir com você. — Você observa seu rosto. — Não são drogas ou coisa do tipo... Mas me deixe mostrar. É mais fácil do que explicar.

Miles puxa, debaixo da cama, uma mala comum de rodinhas. É preta e, como seria de esperar, parece extremamente cara. Tem um cadeado de combinação com aspecto complicado.

— Vai a algum lugar? — você pergunta.

Sua tentativa de leviandade cai por terra, porque ele a ignora completamente. Ah, céus. Espera que ele não vá retirar um *gimp suit*^[3] e pedir-lhe que faça xixi sobre ele ou qualquer coisa do tipo.

Ele coloca a mala sobre a cama e manuseia com eficiência o cadeado. Você observa, curiosa e um pouco desconfiada.

— Venha e fique aqui — ele diz, calmamente.

— Muito mandão — você diz, permanecendo onde está.

— Este é meu trabalho — a voz ainda é suave, mas mais insistente. Metade de você está gritando para dar o fora daí, mas a outra está curiosa. Você se aproxima e perscruta a mala.

Você obtém uma visão geral de artigos de couro preto arrumados no fundo da mala, e em cima deles há uma coleção de diferentes tipos de açoitês, chicotes e outros brinquedos. Há palmatórias e bolinhas anais, e aquilo é um par de algemas? Você se inclina cautelosamente para olhar mais de perto. Há também penas de avestruz e uma variedade de vibradores, desde um discreto bastãozinho até outro tão grande que é francamente assustador. De jeito nenhum, você pensa. Uma garota tem que estabelecer um limite em algum ponto. Há também uma impressionante variedade de preservativos, incluindo os com nervuras, com espinhos, coloridos e aromatizados.

— Avisei que haveria aventura — ele diz. — Presumo que tudo isso seja novo para você.

— Para dizer o mínimo — você diz. — Uma vez tive um namorado que me vendava com um lenço de seda só de brincadeira, mas perdemos o interesse depois que, por acidente, eu o soquei no olho enquanto nos agitávamos violentamente.

— Vou entender completamente se você quiser ir embora agora. Chamo um táxi para você; basta dizer.

Você olha para ele, incerta. Ele está a centímetros de você, o peito nu subindo e descendo — de um modo perfeitamente controlado, a selvageria de poucos minutos atrás dominada pela força. Não há como negar quão atraente ele é — sua calcinha periga derreter.

— Deixe-me ser claro aqui — ele diz. — Eu poderia lhe mostrar um tipo totalmente diferente de prazer, e acho que você sabe disso. Posso garantir que você estaria completamente segura em todos os momentos. Você tem minha palavra quanto a isso. A ideia é levá-la a algum lugar totalmente novo.

Você está despedaçada. Esta é sua chance de experimentar um pouco de sadomasoquismo de bom gosto, e você tem que admitir que está um pouquinho curiosa, é sobre isso que todo mundo está falando ultimamente. Ajuda o fato de você estar com um dos homens mais poderosos e

atraentes da cidade. Ele é experiente, tem todos os atributos, é discreto e, se esse volume na calça for algo pelo qual se guiar, realmente quer você. Mas a questão é: você o quer mesmo? E, se assim for, você o quer o suficiente para tentar algo diferente? Ou é hora de sair daí antes que as coisas comecem a ficar realmente estranhas?



Se decidir encarar, [clique aqui.](#)



Se não for seu estilo e você quiser sair daí, [clique aqui.](#)

Você decidiu encerrar

— Tudo bem. Então, se, hipoteticamente falando, eu dissesse sim... — você diz, dando um passo até ele, de modo que os corpos estão agora quase se tocando. Apenas uma fatia de ar os mantém separados.

— Não acho que você ficaria decepcionada — ele diz, sem se mover para tocá-la.

— E você não me machucaria? — você pergunta.

— Nada com que você não pudesse lidar. Acho que você vai descobrir que, às vezes, um pouco de dor pode se traduzir em muito prazer. Hipoteticamente falando, é claro.

— É claro! — você diz. — Mas e se eu quiser que você pare?

— Vou parar no segundo em que pedir.

Você levanta uma sobrancelha para ele, não convencida.

— Combinamos uma palavra de segurança, é claro.

— Uma palavra de segurança?

— Algo que você possa dizer caso se sinta desconfortável a qualquer momento. É um sinal para a outra pessoa parar o que estiver fazendo naquele instante. As palavras “pare” e “não” nem sempre são claras no calor do momento. Às vezes, quando se está à beira do orgasmo, “pare” pode significar “vai”, por isso precisamos escolher algo absolutamente claro, uma palavra que jamais pudesse ser confundida com qualquer outra coisa. Algo com que nós dois concordemos e que indique: “Pare imediatamente!”.

Tudo isso parece um pouco surreal. Mas está realmente acontecendo — você está discutindo palavras de segurança com um magnata da mídia, que, surpreendentemente, é o chefe de sua melhor amiga.

Você fica tentada a escolher uma palavra boba, tipo “blablausauro” ou “canalha controlador”, mas prefere dizer: “ouriço-do-mar”.

Ele não consegue deixar de sorrir.

— Bom, tecnicamente existem outras palavras de segurança, mas que seja “ouriço-do-mar”. Pelo menos não tem como surgir na conversa e ser confundido com algo diferente de “pare”.

Você faz que sim com a cabeça e, tomada a decisão, ele finalmente a puxa para mais um beijo. Uma vez que você se separa, ele a olha por um longo momento. E muda de ritmo:

— Está bem, tire esse vestido! Tenho algo em mente. — E ergue da mala um bustiê de couro preto reluzente com cordão de espartilho.

Você fica ali, desacostumada a receber ordens como essa, tentando decidir se gosta ou não.

— Eu disse “tire o vestido” — ele rosna.

O calor lhe sacode o corpo. Você tira o vestido pela cabeça e o solta no chão. Ele chega atrás de você e desencana seu sutiã.

— Tudo isso — ele diz.

Você engole em seco, depois se contorce para tirar a calcinha fio-dental, cobrindo-se com as

mãos. Mas você não fica completamente nua por muito tempo; Miles a ajuda a vestir o bustiê, virando-a ao contrário e puxando os cordões em suas costas com tanto vigor que você grita um pouco.

Ele recompensa sua obediência primeiro passando um dedo da nuca às costas e até o fim do cordão, depois se aproximando de você por trás e mordiscando o topo de seus ombros. A sensação do corpo dele contra o seu faz você querer virar-se, agarrá-lo e beijá-lo, e você começa a se mover, mas ele prende seus braços, segurando-a no lugar:

— Eu não disse que você podia se virar.

Há uma fila de espelhos nos *closets* de parede a parede, e você vislumbra a si mesma, usando apenas os saltos altos pretos e o bustiê preto de couro envernizado, o cabelo desgrenhado. O bustiê faz sua cintura parecer pequena. Não há como negar — o efeito é excitante. Por trás, você sente a respiração dele em seu ouvido enquanto ele sussurra:

— Escolha um chicote.

Você engole em seco, o nervosismo momentaneamente maior que o calor em sua boceta, mas você perscruta a caixa de fantasias. Há alguns açoitos de aspecto muito profissional, uma palmatória que parece exatamente uma raquete de pingue-pongue, outra parecida com uma escova bem grande de cabelo, com pontinhas de metal protubetantes, e também uma antiquada régua escolar de madeira com manchas de tinta. Você avista um chicote de camurça creme que termina em várias tiras de couro macio, atadas nas pontas. Parece delicado e amigável, e você aponta para ele:

— Aquele ali.

Ele estende a mão para o chicote, depois a conduz até a namoradeira, que provavelmente vale mais que toda a mobília de seu apartamento.

— Fique na minha frente — ele diz, sentando-se na beirada.

Você faz o que ele manda, pensando que talvez esteja pegando o jeito da coisa. Se bem que queria que ele parasse de ficar dando ordens o tempo todo e já a tocasse. Você teve o mínimo de atenção desde que chegou aqui, e agora realmente quer isso. O desejo vem se intensificando dentro de você.

— Agora, vire-se — ele ordena.

Você gira, exibindo o corpo aprimorado pelo bustiê, e ele sussurra:

— Perfeita. Você está muito *sexy*, sabe? Mas você também é um pouco desobediente, não é? Acho que vou ter que bater em você.

Sem aviso, ele agarra seus pulsos e os junta presos com uma mão, depois puxa-a bruscamente para que você perca o equilíbrio e tombe para a frente, no colo dele. Você dá uma risadinha quando cai, mas suspira enquanto ele arrasta as pontas soltas do chicotinho pelo seu traseiro e pela parte inferior de suas costas. A sensação de cócegas é deliciosamente erótica, e a ereção dele cresce gradualmente debaixo de você. Você sente o chicote arrastando-se por suas nádegas nuas e descendo pelas coxas até as panturrilhas, depois subindo novamente. A sensação suave é deliciosa em sua pele nua. O arrastar do chicote desaparece por um momento, e você antecipa mais.

Você sente uma batidinha quando ele ergue o chicote e desce os fios de camurça em seu

traseiro nu. Dói um pouco, mas não é desagradável. Ele segue passando a mão fria por suas nádegas. O toque dos dedos em sua pele nua imediatamente afasta qualquer recordação da dor da chicotada.

Segundos depois, você sente a mão desaparecer e o chicote desce novamente, desta vez um pouco mais forte. As pontas atadas surpreendem você na parte inferior do traseiro, e algumas delas a atingem na zona superior das coxas. Você inspira fundo, mas imediatamente a mão dele está de volta, massageando sua pele, tirando a dor da chicotada. Então ele desenha círculos em seu traseiro, antes de erguer a mão e dar um tapa em sua pele nua. Você grita, mais pela surpresa da palmada no lugar do couro macio do chicote, e do som de chicotada, do que com a dor.

Novamente ele esfrega suas nádegas, massageando sua pele, os dedos deslizando entre suas pernas — e você sabe quão molhada ele vai encontrar você, pensamento que a deixa ainda mais excitada.

Depois de arrastar os dedos sobre sua vagina, ele leva a mão outra vez ao seu traseiro e lhe dá outro tapa rápido antes de massagear novamente a pele, que agora está inflamada e sensível ao menor toque. Você está começando a entender do que se trata, um pouco de dor inesperada seguida pela recompensa do toque, transformando a dor em algo surpreendentemente erótico. Eis por que seu corpo está aproveitando e respondendo a algo que você sempre pensou que acharia completamente inaceitável. A dor do último tapa se desvanece e é substituída por arrepios enquanto você sente ar frio em seu traseiro — ele deve estar soprando em você. Daí a mão é retirada novamente e você se prepara para o que quer que esteja por vir, para que desta vez não se surpreenda quando a mão descer em você.

Então, plaft! O chicote desce uma vez mais, e desta vez não é nada do que você espera.

— Ai! Caramba, isso dói!

Você sai do colo de Miles debatendo-se e cambaleia até ficar de pé, esfregando a bunda ferida com as duas mãos.

— O que acha que está fazendo? Isso doeu mesmo, puta que pariu! — você rosna.

Pela primeira vez ele parece perplexo:

— Palavra de segurança — ele a recorda. — Use a palavra de segurança se precisar.

— Foda-se a maldita palavra de segurança. Isso doeu e você não vai fazer de novo.

Você olha furiosa para ele, as mãos nos quadris, os seios ameaçando escapar do bustiê enquanto o peito sobe e desce.

Miles está desconcertado. Ele passa a mão pelo cabelo e os músculos nos braços flexionam. Ele é gostoso pra caramba e parece tão desapontado que você amolece um pouco. Sua bunda pode estar latejando, mas você ainda está excitada e não vai deixar esta oportunidade escorregar pelos dedos. Ocorre-lhe uma ideia.

— Vá para a cama agora mesmo. Acho que você precisa provar do próprio remédio — você diz, erguendo-se e apontando para a cama.

Os olhos dele encontram e contemplam os seus por um momento, e você pode praticamente ouvir o confronto de espadas. Fita-o de cima e, uma vez que ele não se move, pega-lhe a mão e puxa-o rudemente para erguê-lo. Em seguida você aponta para a cama novamente:

— Agora! — você diz. — Falo sério! Rápido! — Então você coloca a mão sobre seus ombros e empurra-o. Para sua surpresa, ele vai como um cordeiro, e você fica encorajada por sua obediência. Talvez seja o bustiê de couro.

— Tire a calça e se curve na beirada da cama. Faça agora — você fala asperamente, mergulhando a mão em sua mala. Você sabe exatamente o que quer e sorri de satisfação quando os dedos se fecham nele. Mas seu sorriso é substituído por uma expressão de espanto quando ele tira a calça e a cueca incrivelmente branca. Ele poderia servir de modelo da Calvin Klein, salvo o fato de seu pênis ser maior e seu tanquinho mais definido que os de qualquer modelo de roupa íntima masculina que você já viu.

Vocês se entreolham fixamente por um momento — e você observa quase incrédula este homem musculoso, alto e poderoso caminhar mansamente até a cama e curvar-se, apoiando as mãos no colchão, colocando-se inteiramente à sua mercê. Não que você pretenda mostrar-lhe qualquer consideração — seu traseiro ainda dói.

Você se posta ao lado dele e ergue a arma escolhida — a régua de professora —, enquanto admira suas nádegas firmes e musculosas. Então bate no braço dele com uma pancada gratificante. Ele se sacode e geme, e você fica um pouco alarmada — será que foi empolgada demais? Porém, enquanto anda ativamente em volta dele para verificar, você nota o efeito em seu pau já inchado que se ergue ainda mais.

Você faz uma pausa e então desce a régua de novo, desta vez ligeiramente mais forte, e a segunda reguada tem o mesmo efeito. Lembra-se de como foi boa a sensação quando ele acariciou sua pele ardente depois de bater em você, por isso passa a mão levemente sobre a área atingida, sentindo uma marquinha elevando-se sob seus dedos, e ouve-o gemer ao seu toque. A pele é lisa e quente, os músculos contraem-se. Você esfrega um pouco mais forte em pequenos círculos, do jeito que ele fez, e, quando acha que ele menos espera, bate-lhe com a régua outra vez. Daí repete as ações anteriores, substituindo a régua pelos dedos, massageando e acariciando a pele ardente. A certa altura, leva a mão entre as pernas dele e segura-lhe as bolas na mão em concha, apertando-as delicadamente e sentindo o corpo inteiro dele se retesar e tremer de emoção, então você desliza a palma da mão ao longo de seu pau sempre endurecendo, mas só uma vez antes de voltar a mão ao seu traseiro perfeito.

Depois de ter aplicado meia dúzia de golpes, o pênis dele está perpendicular e a grande veia correndo por baixo está latejando. Você nunca viu um espécime tão perfeito, e isso faz você latejar também. Você está achando tudo isso estranhamente estimulante, e sua boceta tem grandes planos para esse pau.

Está claro que Miles fica tão excitado recebendo ordens quanto bancando o mandachuva, então é hora de dar mais ordens, você pensa.

— Agora, deite-se na cama, de costas, com os braços acima da cabeça — você ordena, recuando e batendo a régua na palma da mão algumas vezes, a voz tão enérgica e assertiva quanto a de uma professora. Mais uma vez você fica impressionada quando ele obedece sem um murmúrio.

Você investiga a mala novamente e pesca as algemas. Parecem eficientes, quase como se fossem de verdade — mas, em vez de serem revestidas com algo como peles falsas ou tecido de estampa de leopardo, há uma camada profunda de camurça roxa dentro delas. Como tudo mais nesta casa, elas são do tipo caro. Você coloca uma em volta dos pulsos dele e a outra em torno da perna da cama, depois coloca a chave cuidadosamente sobre o criado-mudo afastado, para que

ele possa vê-la fazendo isso.

Isso resolve um braço, mas o que fazer com o outro? Você não quer que ele tenha absolutamente nenhum controle. Você tem uma ideia e recolhe a camisa que ele tirou há pouco. Sem se preocupar com a alfaiataria fina, arrebenta botões por toda parte e usa a camisa para amarrar o outro braço na perna da cama.

Ao longo de tudo isso, ele está deitado, imóvel, observando cada movimento seu, gemendo quando você puxa seus membros, a ereção dura como rocha esticando-se em direção ao teto. Você mal pode esperar para sentar-se — sua boceta anseia loucamente. Você já pegou alguns preservativos de aspecto intrigante lá de sua arca do tesouro — são pretos e cobertos com espinhos de borracha, cuja sensação parece que pode ser incrível dentro de você.

Mantendo o bustiê e os saltos, você sobe na cama e monta de pernas abertas nele. Olhando para ele, passa a língua sobre seus lábios e gira os quadris, balançando a pélvis logo acima de seu pau.

— Peça com jeitinho — você diz de modo atrevido enquanto ele se arqueia freneticamente para você.

— Por favor — ele implora, sem mais contenções.

Mas você tem outra ideia. Ele é quem vem provocando a noite toda — agora é sua vez. Então você se arrasta de joelhos até a cabeça dele, trepando no corpo até estar de cócoras sobre o peito.

— Miles — informa você. — Você fez uma coisa muito feia quando me machucou. Então, agora é hora do troco. — Com isso, você estende as coxas e afunda-se em seu rosto.

A língua dele está pronta para você e, no segundo seguinte, é você quem está gemendo. Os lábios macios e molhados de sua boceta encontram os lábios firmes dele, cuja sensação é fenomenal em você. A língua lhe pressiona firmemente, separando-a, entrando e subindo deslizando, fazendo-a gritar.

Você balança suavemente enquanto ele move o rosto de lado a lado, a língua queimando você, lambendo seu clitóris, atraindo os lábios à boca dele, puxando-os delicadamente.

Você se agarra à cabeceira da cama com as duas mãos e alavanca-se para cima e para baixo, de modo que possa alterar a intensidade do ataque dele. Até perceber que está muito perto de gozar; você precisa se afastar ou render-se ao orgasmo.

Você se lembra de que ainda existe um glorioso pênis esperando que você se deleite, e não há como ignorar isso. Então, você se prepara para deslocar-se, e os dois gemem enquanto você desliza descendo pelo corpo dele. Para um pouco para rolar o preservativo cravejado sobre a ereção magnífica, e se maravilha com a suavidade da pele aquecida.

A esta altura ele está se debatendo um pouco, de modo que você aplica um tapa violento em seus flancos.

— Fique quieto! — você diz, usando a voz mais severa. — Não estou com pressa!

Você se posiciona acima do pênis e esfrega a cabeça languidamente contra a sua abertura, provocando a ambos. Você está tão molhada que sabe que ele vai deslizar para dentro de você facilmente, e mal pode esperar por isso. A respiração dele está chegando em arfadas agudas, e ele está lhe implorando novamente.

Você aperta a mão sobre a boca dele, e ele morde seus dedos, mas a verdade é que não dá para segurar por mais tempo, então você desce deslizando pelo comprimento do pau grosso com um prolongado suspiro de alívio misturado a choque, enquanto ele expande sua boceta molhada até o limite. Você salta delicadamente algumas vezes, acostumando-se ao seu tamanho, e então consegue tomar o controle novamente, ciente de que precisa conter um enorme orgasmo iminente. Senta-se imóvel, segurando-o firmemente entre as coxas.

— Certo — você diz. — Eu ainda estou no comando aqui. Então, aqui vão as regras. Você pode dar quatro estocadas dentro de mim. Mas é só isso. Entendeu? — Você será disciplinada e contida também, decide.

Ele engole em seco. Você está ciente de que tem a visão perfeita de seus seios transbordando pelo bustiê, os dois mamilos tendo escapado dos bojos decotados.

Então permite que ele soque em você quatro vezes, esfregando-se forte nele a cada vez, antes de se retirar e morder seu pescoço. Você pode ouvi-lo ofegar. Passado um minuto, você monta nele mais uma vez.

— Desta vez você pode dar dez estocadas — você diz. — Só dez!

Ele acena a cabeça com vigor, claramente desesperado por você. Lentamente você se abaixa de volta até ele, os olhos revirando-se enquanto ele a preenche novamente, e daí conta as dez estocadas permitidas, em voz alta, uma após uma. Ao chegar à décima estocada, é necessário cada centímetro de seu controle para retirar-se dele novamente. E ele geme mais uma vez de luxúria e frustração.

Você morde um de seus mamilos, subindo a mão por seu peito duro feito rocha, a suavidade de sua pele em contraste com os músculos abaixo.

— Eu preciso de você, agora — ele diz em seu ouvido, e o sentimento é mútuo.

— Foda-se — você diz, a voz sussurrada, e desta vez, quando monta nele, você firma as coxas e começa a cavalgar, subindo e descendo lentamente, com um balanço circular nos quadris, sem contar as estocadas, apenas deixando-se ir e sentindo a pressão rítmica formando-se dentro de você. Os espinhos no preservativo acrescentam uma nova e malvada dimensão ao pênis, e você cavalga tão forte quanto consegue, segurando-lhe o corpo entre os joelhos, os dois extasiados de prazer.

Você é a primeira a atingir o orgasmo, em uma série de tremores ruidosos, apoiando a palma das mãos no peito dele enquanto convulsiona, mas você continua e, quando ele finalmente se arqueia sob você, você goza novamente.

Leva um longo tempo antes de sua respiração se desacelerar e você deslizar seu corpo escorregadio de suor de cima dele e deitar-se ao seu lado. Então, quando o beija, é apenas a terceira vez, o beijo é longo, suave e lento.

Você desamarra a camisa, de modo que ele tenha uma mão livre para acariciá-la, mas a outra continua algemada à perna da cama, e ele não mostra desejo de ser libertado.

— Bom, isso com certeza não era o que eu tinha em mente — ele murmura.

— Você está reclamando? — você pergunta, fingindo estender a mão para a régua novamente. Ele ri e puxa você de volta. — Eu odiaria ter que amordaçá-lo — você acrescenta —, especialmente considerando a magia que você cria com a boca.

— E aí, gostou de sua primeira incursãozinha pelo lado negro? — ele pergunta, enterrando o rosto em seu cabelo e beijando-a no topo da cabeça.

— Posso não ter gostado de ser submissa tanto quanto você esperava — você diz. — Mas tenho que admitir que realmente gostei de dar ordens.

— Gostei de você dando ordens também — ele diz, passando os dedos da mão disponível sobre seu mamilo.

Você se estica e boceja:

— Está ficando tarde — você diz. — Acho que é melhor eu ir.

— Tão cedo? Mas ainda tenho uma mala inteira repleta de truques.

— É isso que me preocupa. — Você tira as pernas de cima da cama em um balanço e levanta-se. O bustiê está ficando quente e desconfortável, e você alcança as próprias costas e o desata, certificando-se de ficar de frente para ele, de modo que ele possa dar uma boa olhada em você enquanto se despe. Você pode continuar a torturá-lo — esse parece ter sido o tema predominante da noite —, então não tem pressa em vestir as roupas de volta.

Você engatinha outra vez para a cama e o beija longa e intensamente, amando a sensação da língua dele assumindo o controle de sua boca. Quando sente a mão livre dele começando a serpentear sob seu vestido, você se afasta. Ele é insaciável.

— Acho que seria melhor deixá-lo contido desse jeito — você diz, olhando o pulso algemado. — Para impedi-lo de usar as mãos para tentar me persuadir a ficar.

Ele se eleva brevemente contra os grilhões quando estende a mão para a chave, que está fora do alcance, sobre o criado-mudo. Em seguida, deita-se para trás, e você é recompensada pela labareda nos olhos dele.

— Sexy e inteligente — ele diz. — Se não posso convencê-la com as mãos, não suponho que implorar fosse persuadi-la a ficar, não é?

— Obrigada, mas não. — Você se curva sobre ele e beija aquela boca sensual uma última vez.

— Espere! — A voz é rouca. — Tem uma coisa que eu quero que você faça para mim antes de ir. Por favor.

Você se vira de novo para a cama.

— O que é agora?

— Há uma palmatória na mala. Preciso que a pegue para mim.

— Está bem — Você mergulha a mão na mala, um pouco confusa. — Você se refere àquela que parece uma raquete de pingue-pongue?

— Sim. Achou?

Você pega da mala e a balança na direção dele.

— Aqui está. O que quer que eu faça com isto? Não é mais palmada, né?

Ele meneia a cabeça.

— O que é, então? — Você a segura pelo cabo e examina-a atentamente, tentando descobrir quais outros possíveis usos ela poderia ter.

— Lá vai uma dica — ele diz. — Tente a outra ponta.

Você vira a palmatória ao contrário e olha para o cabo em forma de consolo, o qual você nota ser ligeiramente estriado — e a ficha cai.

— Você quer que eu coloque isto... aí? — Sua voz emerge como um guincho.

Ele faz que sim com a cabeça.

Você o contempla, lentamente batendo a palmatória em sua coxa. Você está em território desconhecido aqui, muito além de sua zona de conforto — certamente é um sinal de que passou muito da hora de ir embora. Por outro lado, esta tem sido uma noite de novas aventuras, então o que você tem a perder dando-lhe um presentinho de despedida?



Se decidir atender ao pedido dele, [clique aqui](#).



Se apenas seguir em frente porta afora, [clique aqui](#).

Você decidiu concordar com o pedido de Miles

Nãããããããããããããããããã! Está louca? Sem chance de você fazer isso! [clique aqui](#).

Você decidiu seguir em frente porta afora

— Sinto muito, mas meu trabalho aqui acabou. Adeus, Miles. Tenho certeza de que você pode se virar.

Você desloca a chave da algema para mais perto dele, para que, com um pouco de esforço, ele seja capaz de alcançá-la. Daí você caminha até a porta, balançando os quadris. Você nunca mais será capaz de olhar para uma régua do mesmo jeito. Nem jogar pingue-pongue, aliás.

Ao entrar no táxi na frente da casa de Miles, você não acredita na noite que teve. Quem teria pensado, enquanto se arrumava, que acabaria assim? Você boceja e se estica, satisfeita. É definitivamente hora de ir para casa, você pensa, dando ao taxista seu endereço. Mas tem aquela cafeteria perto de sua casa; você pode ir até lá. Chocolate quente seria uma forma interessante de arrematar essa noite louca...



Se for direto para casa, [clique aqui](#).



Se for parar na cafeteria no caminho de casa, [clique aqui](#).

Você decidiu não ir para casa com Miles

— Sabe de uma coisa? Está ficando tarde. Acho que seria melhor encerrar a noite por aqui mesmo — você diz, olhando o relógio. Este homem é magnético, mas talvez seja melhor mantê-lo como uma fantasia. Além do mais, ele é chefe de Melissa — você não quer que as coisas fiquem embaraçosas.

Os ombros de Miles caem brevemente, mas então ele se recompõe e volta ao seu lado, educado e sereno.

— Claro, entendo completamente — ele diz. Então desliza a mão para dentro do bolso e retira a carteira. Por um momento, você acha que ele vai lhe oferecer dinheiro. Porém, em vez disso, ele tira um cartão de visita. — Se algum dia estiver no clima para algo diferente — oferece ele, com um sorrisinho. — Vou lhe arranjar um táxi.

Sempre tão mandão, você pensa. *Sexy* a princípio, mas agora está começando a cansar.

— Vou ficar bem, obrigada. Só vou voltar rapidinho para usar o banheiro, depois peço a Katsuko que chame um táxi.

Naquele momento, um carro para suavemente no meio-fio na frente de vocês, a porta traseira perfeitamente alinhada com Miles. Tudo sempre parece cair no colo deste homem. Por que você não devia fazer o mesmo?

Ela a beija na face como um perfeito cavalheiro e, antes que tenha ao menos fechado a porta do táxi, você volta ao restaurante.

Está quase vazio ali dentro; as luzes estão baixas e não há sinal de Katsuko, então você caminha perambulando entre as mesas, rumo ao som de vozes que conversam e riem.

Há três homens sentados bem no fundo do restaurante, jogando cartas. Você reconhece dois deles: os *chefs* de sushi que você observava há pouco. O terceiro sujeito também usa uniforme de *chef* — deve trabalhar nos bastidores da cozinha. Você limpa a garganta, e os três voltam-se para você. O boa-pinta, que mais cedo fazia o vistoso trabalho de faca, levanta-se de um pulo.

— Olá! — ele diz, sorrindo, a voz com um ligeiro sotaque. — Posso ajudá-la? Esqueceu alguma coisa? — Seus olhos viram em direção ao balcão onde você e Miles estavam sentados há pouco.

— Não, mas queria saber se tudo bem eu ficar aqui enquanto espero o táxi.

— É claro! — ele diz, calorosamente. Então estica o pescoço, olhando para além de você. — Seu namorado está com você?

— Ele não é meu namorado. É o chefe da minha melhor amiga.

O *chef* arqueia uma sobrancelha, interessado, antes de reverter ao modo cortesia.

— É claro! Fique à vontade. — Então, um pensamento o atinge. — Você não joga pôquer, joga? Um dos garçons, Takumi, geralmente é o nosso quarto parceiro, mas ele teve que ir para casa cedo. Vamos encerrar a noite, mas talvez ainda possamos jogar uma rodada.

Os outros dois rapazes parecem amigáveis, e um deles acena sutilmente com a cabeça, enquanto embaralha o maço de cartas Bicycle azuis e distribui uma mão. Você percebe que ele, automaticamente, inclui você na distribuição, sem esperar por uma resposta.

— O que vocês estão jogando? — você pergunta.

— *Texas hold'em* — diz o *chef* boa-pinta, oferecendo-lhe uma das cadeiras. — Sabe jogar? Não é difícil; acho que você pega fácil.

— Eu costumava jogar faz muito tempo e provavelmente estou bem enferrujada.

— Tudo bem, o Makio não é muito bom também — brinca ele, e um dos homens bufa. O que deve ser Makio olha interrogativo para seus amigos — provavelmente não fala muito bem inglês.

Você não é profissional, mas já jogou antes, então, não é uma completa novata e, com sorte, não vai fazer feio. Então, deveria ficar por ali mesmo e jogar uma partida? Os caras parecem legais, especialmente o *chef* principal, e não faz mal que ele seja tão agradável ao olhar. Mas você não quer se intrometer — e se a estiverem convidando apenas para serem educados? Talvez você devesse seguir para casa e relaxar com um DVD e pipoca.



Para ficar por ali mesmo e jogar pôquer com os *chefs*, [clique aqui](#).



Para ir para casa e assistir a um DVD comendo pipoca, [clique aqui](#).

Você decidiu ficar por ali mesmo e jogar pôquer

— Está bem — você diz — Vou ficar para algumas rodadas, se tiver certeza de que não estou me intrometendo.

Todos os três se alegram quando você toma seu lugar à mesa.

— Sou Koji — diz o *chef* principal, e vocês apertam as mãos, os dedos fortes contra os seus. — Este é Makio... Ele não fala nada de inglês... E este é Benjiro. Tome cuidado com ele: vai tentar olhar suas cartas.

Os dois homens permanecem sentados, mas curvam a cabeça educadamente, e você faz um aceno rápido e se apresenta. Koji vai para trás do balcão para lhe buscar uma xícara e lhe serve saquê. Tagarelam entre si em japonês enquanto você toma um gole.

— *Big blind* são duzentos, *small blind* são cem — explica Koji. Ele está se referindo às apostas automáticas que se deve fazer antes de jogar a cada rodada. Está voltando para você, que empilha as fichas que Makio empurrou na sua frente em uma determinada ordem, depois joga algumas dentro do banco. Você estende a mão para as primeiras duas cartas da mesa viradas para baixo e olha para elas, cuidando de segurá-las tão próximas ao corpo quanto possível. Um valete e um sete.

Benjiro está distribuindo: ele queima a carta do topo do baralho, pondo-a de lado, depois dispõe três cartas comunitárias no centro da mesa. Você tenta manter o rosto neutro enquanto ele vira um quatro de paus, um seis de ouros e depois outro valete. Isso significa que você tem dois valetes. Isso poderia funcionar, e seu pulso se acelera. Você tinha esquecido quão divertido pode ser o pôquer. Estende a mão para o saquê casualmente, enquanto Benjiro queima outra carta e então vira a quarta carta comunitária. Outro valete. É preciso todo o autocontrole para não romper em um sorriso largo.

Benjiro queima uma última carta, depois vira a quinta e última carta comunitária, que é algo inútil, mas não importa — o que você tem é bom o suficiente para vencer ou pelo menos não perder. Você não precisa conhecer muito sobre pôquer para saber quanto é a sua trinca.

Você é cuidadosa em não revelar nada e conservadora em apostar ao longo de três ou quatro rodadas, até que Makio finalmente chama e vocês todos viram as cartas sobre a mesa. Todos se inclinam para olhar o que está lá, e você leva um segundo para passar os olhos pelas cartas, fazer a matemática e perceber que venceu. Você quer dar um soco no ar e fazer uma dança da vitória ao redor da mesa enquanto os três sujeitos a olham maravilhados.

— Achei que tinha dito que não era muito boa! — diz Koji, sorrindo radiante para você. Benjiro bate palmas e Makio coça a cabeça.

— Eu não sou... Deve ser sorte de principiante — você diz, varrendo a pilha de fichas que ganhou com a maior alegria.

As próximas duas mãos são um fiasco, e você perde quase todas as fichas que ganhou na primeira. Você desiste no início e, então, perde para Benjiro, que consegue tirar dois pares de figuras.

Mas parece que você está entrando no clima da mesa e se divertindo. Quem iria pensar, depois de ter se arrumado toda para sair e cair na noite, que acabaria em um discreto restaurante japonês, jogando pôquer com três *chefs* de sushi?

Seus companheiros continuam conversando, deslizando entre o inglês e o japonês, e Koji faz questão de traduzir tanto quanto possível. Você não pode deixar de olhar furtivamente para ele. Tem cabelo de azeviche curto na parte de trás, com uma franja ligeiramente mais comprida, sobrancelhas negras e grossas, nariz aquilino e lábios carnudos. Se ele não fosse *chef*, você tem certeza de que poderia fazer sucesso como modelo *fashion*.

Ele faz questão de manter sua xícara de saquê cheia até o topo e sorri toda vez que você se depara com o olhar dele. Uma ou duas vezes, pode sentir os olhos dele em você ao parecer concentrada nas cartas, e isso faz seu coração farfalhar um pouco no peito.

Você joga mais duas mãos sem vencer. E daí, na próxima mão, algo milagroso acontece: você recebe um nove e um rei de paus no *draw* inicial, depois Makio, que está distribuindo, puxa um dez, um valete e uma rainha de paus dentre as cartas comunitárias. Seus olhos se arregalam — você sabe que a mão que lhe foi dada é praticamente o Grande Prêmio do jogo de pôquer. Você joga com calma, tentando recordar tudo que já ouviu sobre blefar, para não dar pistas aos rapazes. Suas apostas são as mais cautelosas possíveis, enquanto ainda pode engordar seu porquinho.

Benjiro desiste da mão quase imediatamente, seguido duas rodadas depois por Makio, que balança a cabeça e deita as cartas viradas para baixo. Você e Koji se enfrentam, e você consegue ver pelo brilho de seus olhos que ele também tem cartas boas. Você luta para lembrar-se das regras, tentando adivinhar de quais cartas ele precisaria para bater sua mão, mas está bem segura de que as suas podem bater qualquer concorrência. Finge examinar suas opções, brincando com as fichas e simulando conflito quanto à possibilidade de apostar mais.

Há mais algumas rodadas de aposta, com as pilhas de fichas diminuindo perigosamente. Nenhum dos dois quer ser o primeiro a ceder.

— *All in* [\[4\]](#) — diz Koji, finalmente, com um sorriso perverso, avaliando a pequena pilha de fichas restantes na sua frente e varrendo todas as últimas fichas dele para o centro da mesa. Então ele chama, virando as cartas e estendendo-as sobre a mesa. Tem três ases. É bom, mas não o suficiente, e você mantém o rosto inexpressivo enquanto o coração espanca seu peito, e todos os rapazes se inclinam para ver mais de perto, demonstrando surpresa ante a mão dele.

Com expressão inocente, você espalha as cartas com a face virada para cima, de modo que todos possam ver o que você tem.

Benjiro e Makio gritam, e Koji, que estava prestes a varrer todas as fichas, supondo que tinha vencido, olha para as cartas, para você e para as cartas novamente.

— Quê? — ele diz, o rosto em choque. — Sem chance!

Você sorri casualmente, como se tirasse *royal flushes* do nada e levasse seus adversários à falência todos os dias da semana.

Benjiro recita algo em japonês, e Makio desata a rir. Pode-se dizer-se que estão provocando Koji, que ri de maneira afável.

— Você me pegou! — diz ele enquanto Benjiro e Makio recolhem suas miudezas. — Eles querem saber se você vai voltar na próxima semana — continua, e os dois homens sorriem para você. — Dizem que qualquer um que me bate no jogo é amigo deles! — Todos riem, e, enquanto os caras contam as fichas restantes e terminam suas bebidas, você pede licença para ir ao

toalete.

Enquanto lava as mãos e arruma os cabelos, você visualiza Koji à mesa, os músculos nos antebraços ondulando, e você vê sua face corar no espelho. Imagina aqueles lábios pressionando-se contra os seus — está certa de que a sensação seria macia como travesseiros e teria gosto de fruta madura. Enquanto seca as mãos no secador compacto, que é quentinho e confortável, você nota um *dispenser* de preservativos preso à parede ao lado da pia. Isso faz sua mente vagar para além do beijo. Imagina como Koji seria na cama. Você já viu prova de sua destreza esta noite. Se as habilidades de sua língua forem parecidas com as de sua faca, é certo que ele é muito espetacular, você pensa, depois ruboriza com os pensamentos.

Mas o *dispenser* de preservativos está lhe dando ideias, e por impulso você procura dentro da bolsa umas moedas, que coloca na ranhura. Então, gira a maçaneta e um preservativo de capa roxa desliza e cai em sua mão. Você o solta dentro da bolsa. Não sabe bem ao certo por que está fazendo isso, mas diz a si mesma que uma garota nunca pode estar segura demais.

De volta ao restaurante, Koji está sozinho à mesa, embaralhando vagarosamente as cartas.

— Os meninos já foram? — você pergunta.

— Sim, pediram para dizer tchau e obrigado a você pelo jogo. Pediram para lhe avisar também que tem jogo na semana que vem, na mesma hora e lugar. Eles esperam poder substituir o Takumi com você — você é uma visão muito mais agradável que ele, e a gente suspeita de que ele trapaceia.

Você sorri ante o elogio implícito.

— Lamento não ter conseguido dizer tchau. Eu realmente gostei deles — você diz, um pouco desapontada pela noite ter chegado ao fim.

— São bons sujeitos — diz Koji. — Os dois têm estado comigo desde o início; Makio é meu primo.

— Este lugar é seu? — você pergunta, impressionada.

— Katsuko é minha irmã; tocamos isto juntos.

— É fenomenal — você diz. — O melhor sushi que eu já comi. Exceto pelos globos oculares.

Koji joga a cabeça para trás e dá uma risada.

— Você pediu isso?

Você tem um arrepio com a lembrança.

— Obrigada por me convidar para jogar com vocês — você estende a mão para a bolsa e o telefone, com a intenção de ligar para um táxi.

— Você não está indo embora está? — Ele parece desapontado. — Esperava que me desse a chance de recuperar um pouco do meu dinheiro!

Você o encara longamente, o corpo alvoroçando-se ao pensamento de ficar para um jogo mais íntimo. Contém o desejo de inclinar-se para a frente e passar os dedos por sua franja.

— Por que não? Só mais algumas rodadas, daí chamo um táxi.

Você se senta novamente, o restaurante inteiro só para os dois. As luzes estão baixas, e sua respiração se acelera enquanto ele distribui as cartas. Você toma um gole do saquê — precisa de

um pouco de coragem japonesa.

Koji bate você na primeira mão e na próxima também. Mas vale a pena perder para ver estes lábios deliciosos dobrando-se nos cantos toda vez que ele ganha.

Depois é sua vez de dar as cartas, e, enquanto as embaralha, você tem uma ideia ousada. E fica um pouco surpresa ao ouvir as palavras saindo de sua boca:

— Por que não aumentamos um pouco as apostas?

— O quê? Subir a aposta inicial? — ele pergunta, arqueando uma sobrancelha grossa.

— Sim, por que não?

— Para quanto você quer subir? — ele pergunta, e você sabe que ambos estão pensando na mesma coisa; é apenas uma questão de quem é que vai dizer primeiro.

Você assume o rojão:

— O que você acha de, a cada perda, a gente tirar uma peça de roupa?

— Achei que nunca iria sugerir isso! Mas sorte de principiante não dura para sempre, você sabe. Planejo deixar você sem calça!

— Isso é o que veremos — você diz. Daí, distribui as cartas rapidamente, torcendo para que ele não repare que suas mãos estão tremendo. Bate-o na primeira mão, com um par de valetes — pura sorte do *draw*. Ele sorri e tira o casaco de *chef* sem nenhum comentário, levantando-se e dando um *show* ao deslizar cada um dos botões brancos de dentro de suas casas, sem tirar os olhos de você nem por um segundo. Não está usando nada por baixo, e você se maravilha com o peito liso e esculpido. Os músculos abdominais são tão claramente definidos que é como se ele os tivesse talhado com uma de suas facas. Você olha abertamente — a esta altura, não tiraria os olhos dele mesmo que pudesse ir à Lua.

Depois é a vez dele de distribuir. Você faz uma contagem rápida de vestuário enquanto ele embaralha: vestido, sapatos, sutiã e calcinha — apenas quatro itens. Ao passo que ele tem os sapatos, as meias, a calça e a cueca. Portanto, vocês estão quites por ora. Mais uma vez você agradece à sua estrela da sorte por ter vestido a calcinha fio-dental rendada esta noite — Koji está certo: sua série de vitórias não pode continuar para sempre.

Você consegue se esgueirar com uma segunda mão com dois pares baixos, mas o par de dez dele não é páreo, e ele tira os sapatos.

Você perde a próxima mão e tira os sapatos, fazendo-o lenta e deliberadamente para provocá-lo depois do *show* que ele fez ao despir o casaco. Ele ri, enchendo as duas xícaras com mais saquê.

Sua cabeça zune de desejo, a ânsia de aproximar-se e passar a mão pelo peito dele aumenta a cada segundo. Depois, para seu completo deleite, Koji perde as duas mãos seguintes, e você se pergunta se ele está fazendo de propósito. Primeiro ele arranca as meias, depois é forçado a pôr-se de pé e deixar cair a calça até o chão. Isso o deixa sem nada senão uma cueca branca, luminescente contra o bronzeado de sua pele. Você contempla suas coxas lisas e tensas e não pode deixar de notar sua generosa ereção crescendo a cada segundo.

— Acho que posso estar lidando com uma vigarista — ele diz, provocando-a para quebrar a tensão sexual que se eleva como fumaça entre vocês. — É bom estarmos jogando apenas por

roupas... Se fosse dinheiro, você estaria me depenando.

— Sou apenas uma garota de sorte — você diz, contemplando seus olhos e sorrindo lentamente. Quem diria que pôquer poderia ser tão recompensador? É melhor do que ganhar dinheiro, se me perguntar. — É a sua vez de distribuir — você diz, entregando-lhe o maço. Os dedos dele roçam sua mão ao pegar as cartas, e a tensão se eleva um grau.

Você embaralha as cartas, estudando-a atentamente.

— Pelo que vamos jogar nesta rodada? — você pergunta, a voz rouca.

Ele para de embaralhar por um segundo.

— Que tal o vencedor levar tudo? — ele propõe.

Você faz que sim com a cabeça, o desejo queimando lentamente em seu peito e em sua vagina. Ele distribui e você estende a mão para suas cartas, quase com medo de olhar. Koji deita o restante das cartas e você continua checando a mão, esperando que alguma combinação valiosa se materialize diante de seus olhos, mas você não tem nada. Quando é hora de chamar, o rubor está em suas faces. Koji diz “opa” quando deita as cartas, e você vê que ele tem dois quattros. Difícilmente a melhor mão do mundo, mas certamente o suficiente para bater você.

— Até que enfim — ele grita, abrindo um sorriso largo. — Eu venci!

— Sim, e o vencedor leva tudo — você diz. Com isso, levanta-se e desliza as mãos sob o vestido. Movendo-se lenta e provocativamente, você pega a calcinha dos dois lados do quadril e puxa a renda para baixo das coxas, passando pelos joelhos até os tornozelos, depois tira cada perna com cuidado.

Koji observa cada movimento com os olhos arregalados de desejo, a ereção agora esticando-se de forma impressionante sob o tecido apertado da cueca. Com a calcinha no chão, você caminha até onde ele está sentado, quase nu em sua cadeira, e senta-se montada nele, sentindo o calor do corpo e, por baixo, o poder dele pressionando-se, duro, contra você, através da única peça de roupa que lhe restou. Ele envolve você com os braços e a beija, e você estava certa sobre os lábios dele: são tão carnudos e macios que os seus afundam neles. A língua dele toca a sua, e tem gosto de saquê. Enquanto o beija, pode senti-lo esfregando-se contra sua boceta nua e bem molhada, e você se esfrega nele.

Ele deixa cair a boca quente em um lado de seu pescoço e sobe e desce a mão pelo outro lado, os dedos hábeis e fortes.

Dai ele a beija novamente, e desliza para baixo as alças do vestido e do sutiã, e toma o peso de um dos seios na mão, amassando-o suavemente. Em seguida, toma um de seus mamilos tensos na boca, provocando-o com uma língua muito ágil. Volta para beijar sua boca e, enquanto faz isso, as mãos movem-se levemente para suas coxas sob o vestido, acariciando e massageando a carne, subindo mais e mais até que os polegares estão esfregando entre suas pernas, massageando a parte interna das coxas e finalmente encontrando sua fenda e acariciando-a também.

Você fecha os olhos e tenta se lembrar de respirar enquanto ondas de prazer se propagam por seu corpo. Você solta as mãos para libertar o pau duro e latejante da contenção da cueca e, ao passar os dedos por seu comprimento, fica surpresa por ser tão liso e sedoso — a pele é tão macia ao toque... É como veludo.

— Eu nunca pensei que ficaria tão feliz por, literalmente, perder até as cuecas — murmura Koji. — Mesmo perdendo, ainda ganho — ele diz, antes de inclinar a cabeça e beijá-la intensamente mais uma vez.

Sem falar, você estica a mão para trás em direção à mesa para pegar a bolsa, pescando o preservativo há pouco comprado. Oferece-o a Koji e o observa abrir a embalagem e esticar o preservativo sobre si mesmo. Então ele beija seu pescoço novamente, e você passa as unhas suavemente sobre suas costas, depois sobre os ombros e o pescoço dele até a linha do cabelo, alternando arranhões suaves com outros mais afiados. Depois desce as unhas pelo pescoço e ombros, certificando-se de cruzar a área tenra e sensível abaixo dos braços. Você o ouve arfar.

Em seguida, incapaz de esperar por mais tempo, você toma o pau encapado na mão e desliza lentamente sobre ele, a respiração ofegante enquanto ele a preenche por inteiro. Então você balança para trás e para a frente bem lentamente, acostumando-se ao tamanho e à forma dele dentro de você. A sensação é tão boa que é quase insuportável, e ele entende a mensagem a partir de seus gemidos, balançando os quadris para trás e para a frente em conjunto com os seus. Você acelera sem pular, apenas balançando, e é como se ele massageasse sua boceta por dentro. Seus olhos se fecham, você abraça os ombros dele, e, então, ele a beija com tal vivacidade que você esquece onde está por um momento.

Ele não quer segurar mais, então balança mais rápido, e um intenso orgasmo percorre seu corpo, lavando você, os lábios dele ainda pressionados contra os seus, a língua enroscando-se na sua, respirando o mesmo ar. E você pode sentir a boceta apertando-se e desapertando-se ao redor do pênis, enquanto desce as unhas em suas costas com força, e a sensação o leva à loucura; ele passa os braços em suas costas enquanto goza, apertando seu corpo enquanto grita de prazer.

Com o alívio do orgasmo, você deixa cair a testa sobre o ombro sedoso e perfeito, os dois lutando para recuperar o fôlego.

— O que acha de outra rodada? O dobro ou nada? — ele diz quando finalmente consegue falar. Você não pode deixar de dar uma risadinha junto de seu pescoço.

Mais tarde, depois de ambos terem vencido mais uma vez, ele a conduz pelo restaurante, de volta à cozinha. Ele está só de cueca, e você vestiu o casaco de *chef*, grande demais, as mangas arregaçadas. Ele prepara um bule de chá verde, e você se senta em um banquinho alto no balcão, soprando a xicara para esfriá-la, gostando de observar os movimentos hábeis e seguros dele enquanto limpa cada uma das facas e as coloca dentro do estojo de couro.

Ele sente seus olhos nele, abre uma das geladeiras e retira um rabanete vermelho perfeito. Depois seleciona uma faquinha de aspecto letalmente afiado e ataca o rabanete, as mãos movendo-se tão rapidamente que parecem um borrão de cartum. Segundos depois, ele estende o rabanete para você — transformou-o em uma rosa vermelha perfeitamente esculpida. Você ri, tocada pela doçura do gesto, e ele afasta a faca antes de lhe dar mais um beijo suave.

Vocês voltam sem pressa para o restaurante, as pernas bambas, e ele apaga as luzes e tranca tudo enquanto você chama um táxi. É definitivamente hora de ir para casa — e com um sorriso no rosto. Sua única decisão é se deve, no caminho, dar uma passada na cafeteria local para um chocolate quente comemorativo.



Para ir direto para casa, [clique aqui](#).



Para ir para casa passando pela cafeteria local, [clique aqui](#).

Você decidiu pegar uma carona para casa no carro esportivo com o guarda-costas

Você observa o sócia de George Clooney partir em seu táxi. Decerto ele era charmoso, mas esta é definitivamente uma noite para correr por aí em um carro esportivo.

— Certo. Está pronta para ir? — pergunta o guarda-costas em uma voz marrom, intensa e melada, voltando o celular para o bolso.

— Está tudo bem? — você pergunta, indicando o telefone.

— Sim, tudo bem. Só um pequeno mal-entendido. Então, vamos? — Ele sorri e gesticula para o carro.

Você hesita:

— Minha mãe sempre me disse para não aceitar caronas de estranhos.

— Nem o fato de que eu ter sido policial faz você se sentir melhor?

— Um pouquinho, mas como vou saber se você foi um bom policial?

Ele sorri e você percebe que tem covinhas, sem contar os dentes do mais perfeito branco, duas características que ajudam a suavizar sua forte mandíbula.

— Para ser honesto, naqueles tempos eu às vezes precisava ser um pouco bom e um pouco ruim. Mas esta noite prometo que você terá apenas o bom policial.

Você analisa rapidamente suas opções. Normalmente não entraria em um carro com um completo estranho, mas esse cara está longe de ser um *completo* estranho, não está? Primeiro de tudo, sente-se segura com ele — e seus instintos geralmente são bons; em segundo lugar, ele é o segurança particular de Charlie Dakar, dos Caubóis do Espaço — e seu trabalho é cuidar de pessoas; em terceiro, este não é apenas um carro: é a edição limitada de um clássico incrivelmente raro com motor energizado. É certo que regras diferentes se aplicam a esse tipo de situação.

Você acaricia as curvas suaves e vistosas do carro. Não consegue deixar de se perguntar o que seu ex louco por carros diria se soubesse que estava considerando uma carona em um desses. Ou o que Melissa diria se soubesse o que você estava planejando e a quem o carro pertencia.

— Aqui; me dê seu telefone — diz o guarda-costas, estendendo a mão.

Curiosa, você lhe entrega o celular. Ele contorna a frente do carro e tira uma foto com ele. Então ele volta e lhe devolve o aparelho.

— Ai está — ele diz. — Mande essa foto para uma amiga e conte a ela com quem você está. Assim, se algo acontecer com você, saberão onde começar a procurar.

Você examina o telefone e vê que ele tirou uma foto do número da placa (que é, embaraçosamente, SEXGD 1). Você tem que se recordar de que o carro não é dele. Se fosse, todas as apostas seriam anuladas — não se esqueça de jamais entrar em um carro com um estranho; nenhuma mulher com amor-próprio deveria entrar em um carro com uma placa tão pretensiosa.

— Uau, não é má ideia — você diz. Dispara um rápido SMS para Melissa, explica o que está tramando e avisa que ela vai lhe mandar uma nova mensagem dentro de algumas horas para que ela saiba que você está bem.

O guarda-costas lhe abre a porta do passageiro. Você desliza no banco anatômico, curtindo a sensação do couro frio e macio contra sua pele. Não há uma única borda reta no interior do carro: todas as superfícies são curvas e elegantes, e o painel cairia perfeitamente bem em um ônibus espacial.

O guarda-costas fecha a porta e então contorna o carro até o lado do motorista. Tira o paletó e joga no banco de trás, dando a você a oportunidade de inspecionar os músculos do seu braço, que se retesam sob a manga da camisa. Você achou que ele mal caberia dentro do carro, mas o interior é maior do que você esperava; embora ele preencha o assento, há espaço suficiente sobre a cabeça para proporcionar conforto.

Ao encaixar o cinto de segurança, os dedos dele roçam sua coxa. Nenhum dos dois diz nada, mas sua pele arde lentamente onde ele a tocou. Você captura um traço de sua essência, um cheiro amadeirado masculino que se funde perfeitamente ao couro do carro, e, por um segundo, você relembra o Sr. Intenso. Mas aqui, sentada ao lado deste homem, o corpo formigando de antecipação ao pensamento de disparar pela noite em uma máquina de alto desempenho... Você não sente um pingo de arrependimento.

Você lhe dá seu endereço e ele o programa no GPS.

— Você se importa se pegarmos a autoestrada? — ele pergunta. — É um pequeno desvio, mas, a esta hora da noite, pode ser mais divertido.

Você leva um segundo para decidir.

— Tudo bem. Mas, se parecer que você está tentando me raptar, vou puxar o freio de mão. A toda a velocidade. E você sabe o que isso significa. — Você sorri docemente e ele ri, uma risada profunda.

— Não se preocupe: está segura comigo, eu prometo — ele diz, girando a chave na ignição. O carro ronrona e, quando ele injeta o motor, fazendo-o rugir, dá para sentir seu poder tamborilando seu corpo. Ele pressiona um botão e o teto solar se abre. Você olha para as estrelas.

Ele sai calmamente, depois deixa o carro em marcha lenta.

— Pronta? — pergunta.

Você abre a boca para responder, mas tudo o que pode fazer é gritar, eufórica, quando ele bate o pé no acelerador e o carro arranca em velocidade, a força da gravidade empurrando-a para trás no banco. Quando a velocidade aumenta, você dá uma gargalhada. Encorajado, ele rasga as ruas, passando as marchas com habilidade, os músculos ondulando a cada mudança de engrenagem. Ele liga o sistema de som *surround* do carro, e você se reclina e relaxa no couro macio, a batida da música e o pulsar do poderoso motor percorrendo seu corpo. Pode-se dizer que ele está muito confortável atrás do volante; foi feito para este carro, e você não pode deixar de pensar que também foi.

O motor ruge enquanto vocês voam pela cidade deserta, tarde da noite, a música bombando e o vento atravessando seu cabelo. Ele vira para a autoestrada, mal desacelerando na curva, e você sente a ligeira e emocionante ausência de peso de uma derrapagem antes de o carro recuperar novamente a tração. Ele certamente está se exibindo, colocando à prova o carro, que vai tragando os quilômetros, e vocês, na maior parte do tempo, têm a rodovia só para si. Seu coração está na garganta, e, quando olha para ele do outro lado, a euforia em seu rosto corresponde exatamente ao que está sentindo.

Em seguida, sem avisar, e para a agonia do GPS, que começa imediatamente a recalcular, ele puxa o volante com força para a esquerda e pega uma saída, o carro, agora, praticamente de lado. Endireita-o sem esforço e dispara rampa abaixo:

— Desculpe! — ele grita, mais alto que a música. — Meu celular está vibrando, tenho que checar as mensagens.

De volta à cidade, ele faz uma parada brusca na frente de uma loja de conveniência. Você não consegue deixar de agarrar a perna dele enquanto o carro para, cantando os pneus. Constrangida, traz de volta a mão. Mas é bom saber que estava certa — se for se guiar pela coxa dele, o corpo é puro músculo. Ele desliga o motor e você finalmente consegue se ouvir pensar outra vez.

— Desculpe — você diz. Você tem certeza de que suas faces estão coradas de adrenalina e seu cabelo deve estar com aspecto bem selvagem devido ao açoitamento do ar da noite.

— Desculpe pelo quê? — ele diz, cavando o telefone, que está vibrando de dentro do bolso.

— Por agarrar sua perna.

— Não há nada parecido, hein? — ele diz, e você percebe que seu rosto também está corado.

— O carro ou sua perna?

Ele ri, depois rola a tela do celular.

— O cara já está à minha espera — ele diz, parecendo um pouco desapontado. — Acho que seria melhor levá-la para casa primeiro.

Você fica desapontada também. Avista um casal de adolescentes lançando olhares de admiração para o carro antes de desaparecer dentro da loja.

— Ou... — ele diz, deixando no ar.

— Ou o quê?

— Você poderia vir comigo se quisesse. É só um desvio rápido. Depois posso levá-la direto para casa.

— O que exatamente esse “servicinho” envolve?

— Já disse, nada de ilegal. Só tenho que pegar uma coisa pro Charlie. Não vai demorar. E — outro sorriso — podemos pegar novamente a autoestrada.

Você pensa. Definitivamente não se saciou deste carro ainda, e muito menos deste homem. Mas o que ele está tramando? Talvez você devesse simplesmente deixar quieto e voltar ao bar para tomar um último drink.



Se decidir acompanhá-lo em sua missão misteriosa, [clique aqui](#).



Se pedir a ele que a leve de volta ao bar, [clique aqui](#).

Você decidiu ir com o guarda-costas em sua missão misteriosa

— Vou com você sob uma condição — você diz. — Não... Duas.

— Continue. Mas não vamos esquecer quem está fazendo o favor a quem aqui.

— Um: que você não esteja prestes a me envolver em qualquer coisa que possa me matar ou me botar na cadeia. Dois: que você me deixe dirigir. — Você calcula mentalmente quanto já bebeu. Foi apenas uma taça de espumante. Você deve estar bem.

— Sem chance. Absolutamente não. Sob nenhuma circunstância.

— Por que não? Você é medroso.

— Eu não sou medroso! Sabe quanto este carro vale? É um clássico.

— Sei exatamente quanto vale — você mente.

— Não quero parecer condescendente... Mas você acha mesmo que conseguiria conduzir uma máquina como esta?

— Por que não testamos? — Você sorri para ele docemente.

Ele suspira.

Você bate os cílios, fingindo um flerte:

— Diz que sim, vai?

Ele a encara, e você pode quase vê-lo pensando.

— Só me deixe dar uma voltinha rápida. Dirijo daqui até o poste de luz ao final da rua e, se você achar que eu não consigo conduzir este carro, pulo fora imediatamente e deixo você voltar a dirigir.

Ele ainda parece em dúvida.

— Não vou nem discutir. Se você disser que quer o carro de volta, vou devolvê-lo imediatamente, palavra de escoteira — você diz, cruzando os dedos. — Já lhe contei que fui escoteira?

Ele suspira novamente. Então, estreita os olhos para você, como se estivesse pesando as consequências:

— Ok, mas é minha vez de estabelecer algumas regras básicas.

— Aaah, mandão! Eu gosto disso.

— Estou falando sério! Nada de arranhar as marchas. Elas são um pouco duras. E calma na embreagem.

— Fechado.

— Não passar nenhum sinal vermelho.

— Sim, comandante.

— E você nunca vai contar a Charlie ou a qualquer outra pessoa que eu me deixei enrolar.

— Meus lábios estão selados.

— Se violar qualquer uma dessas regras, vou ter que sacar minha armas.

— Caramba. Você tem armas?

— Claro — ele levanta os braços, força o bíceps direito, depois o esquerdo. — Esta e esta aqui. São enormes. Você ri e ele sorri de volta.

— Nem acredito que deixei você me enrolar — ele diz enquanto alça o corpanzil do banco do motorista. — Eu realmente espero que você saiba o que está fazendo.

Você contorna o carro para tomar o assento do condutor antes que ele mude de ideia, pausando para tirar os sapatos. Se você vai pôr à prova este supercarro, os saltos definitivamente vão ser um obstáculo. Assim que ele se senta no banco do passageiro, você joga os sapatos no colo dele.

— Agora estou realmente começando a me arrepender. — ele diz.

O assento está empurrado tão para trás, para acomodar o tamanho dele, que você mal consegue tocar os pedais com os dedos dos pés. Ele se inclina sobre você para ajudá-la a ajustar o assento, o braço pressionando seus seios.

— Desculpe — ele diz.

— Não foi nada.

O ar entre vocês está subitamente carregado, e você pensa que, se fingisse brigar com o cinto de segurança, talvez ele se inclinasse sobre você novamente. Então, respira fundo e se livra da sensação do braço dele; precisa concentrar-se na direção. Em segundos você tem as marchas, os indicadores e o conta-giros localizados e está confiante de que sabe o que está fazendo.

O guarda-costas coloca a mão em sua perna, para chamar sua atenção. Você gosta da sensação — tranquilizadora e *sexy*. Ele olha para você sério e nervoso:

— Promete que não vai bater?

— Prometo — você diz. — Prometo pela nossa vida que não vou bater a edição limitada deste carro esportivo extraordinariamente caro.

— E lembre-se do que eu disse sobre as marchas.

— Eu me lembro.

— E as outras regras.

— Ok, ok. Podemos ir agora?

Ele suspira mais uma vez e retira a mão:

— Que seja. Pé na tábua. — Adrenalina fresca inunda seu sistema quando você gira a ignição e sente o ronco do motor em resposta. Desliga o GPS para que não haja distrações. É muito mais excitante agora que está no banco do motorista. Respira fundo, solta o freio de mão, engrena suavemente o carro e coloca o pé no acelerador.

— Calma, tigresa! — você o ouve gritar quando arranca bruscamente. Você manobra o volante rápido o suficiente para dar um friozinho, mas não tão rápido a ponto de aterrorizá-lo. Você dirige por quase 200 metros em segundos e para gentilmente ao lado do poste. Sem empacar, sem trepidar, sem arrANHAR nem uma vez a marcha. Você mesma se impressiona.

Você olha para ele do outro lado com modéstia. Ele está segurando o banco com as duas mãos e olhando admirado para você.

— Eu não esperava por isso!

— Feliz? Podemos ir agora?

Ele faz que sim com a cabeça e sorri, e você embala rapidamente o motor, checka os retrovisores e pisa no pedal. Quando tem certeza de que ele não está olhando, você desliga o controle de tração. Isso vai ser divertido. Você espera até o conta-giros atingir a zona vermelha, depois solta a embreagem e pisa no acelerador.

— Puta merda! — ele grita quando o carro arranca de um salto.

— Não havia nada em suas regras sobre não fazer a roda girar no lugar — você grita, mais alto que o barulho do motor. O carro é supersensível: quando você vira a esquina ao final da rua, a traseira derrapa. Você puxa o volante para compensar, depois decide desacelerar e voltar a ligar o controle de tração antes de provocar um infarto em seu passageiro.

— Ok, ok, já vi que você manja! — ele grita.

— Ainda assustado?

— Caramba, você realmente sabe dirigir.

Você engrena em terceira, verifica se o cruzamento à frente está desimpedido e acelera o motor novamente.

— Obrigada.

— Onde aprendeu a fazer isso? Você é irmã do Lewis Hamilton ou algo do tipo?

— Quem dera. É tudo graças ao Grand Theft Auto.

— Grand Theft Auto? O jogo do Xbox?

— Brincadeira — você mente.

Ele ri, e você pode senti-lo examinando-a novamente, uma visão sua muito diferente desta vez. Você está ciente de que seu vestido subiu pelas coxas enquanto operava a embreagem e o acelerador, mas não se move para puxá-lo para baixo.

— E aí — você pergunta —, para onde estamos indo?

— Sul. Mas que tal tomarmos o caminho mais longo?

Vocês compartilham mais um sorriso. Então você pisa no pedal.

À medida que deslizam pela autoestrada, deixando o velocímetro aumentar gradualmente, dá para senti-lo relaxar ao seu lado. Ele a instrui a pegar uma saída que leva a um dos bairros mais caros da cidade, depois se reclina e aumenta a música. Você está curiosa sobre o destino, mas ele não seria capaz de ouvir nenhuma pergunta com o rugido do motor, a batida da música e o barulho do vento, e você fica se perguntando se é por isso que ele aumentou o volume.

Ainda assim, está satisfeita por ele não tentar interferir em sua condução. É boa a sensação de ser confiável e, mesmo quando você se empolga um pouco, forçando-o a uma velocidade que a faz sentir-se maravilhosamente imprudente, ele apenas olha para você e sorri. Quando sorri de volta, ele põe um braço ao longo de seu encosto de cabeça e, com delicadeza, coloca a mão em

sua nuca, massageando com os dedos a coluna logo abaixo da linha do cabelo. Quando ele a toca, você solta os ombros e sente a tensão escoar de seu pescoço. Há uma parte de você que gostaria que isso nunca acabasse: as mãos fortes em sua pele, o pé pressionando o acelerador, as ruas vazias da cidade a seu redor, o céu noturno acima e a sensação do poderoso motor pulsando abaixo, através de seu assento.

Cedo demais, ele retira a mão da nuca e você instantaneamente sente falta dela. Ele pede para você entrar em um estacionamento de vários andares, ao lado de um imponente edifício envidraçado. O estacionamento parece estar deserto, todas as cancelas levantadas.

Você manobra o carro até o meio-fio e se volta para olhar com raiva para ele.

— Sêrio? Um estacionamento deserto?

Ele encolhe os ombros.

— Pensei que você disse não estar fazendo nada arriscado. Porque este local é um baita clichê de “estou fazendo algo arriscado”.

— Confie em mim.

Você hesita. Está no banco do motorista. Caso a situação piore, pode simplesmente sair daí — meter o pé na tábua e dar o fora. Sempre pode voltar com o carro ao bar e a seu legítimo proprietário mais tarde.

Você respira fundo, embala novamente o motor e passa a entrada, concentrando-se em contornar as várias rampas tão rápido quanto pode.

O guarda-costas a instrui a dirigir-se até o telhado, que também parece estar deserto. Tudo o que se pode ver dali é o céu da noite e a cidade, por quilômetros, em todas as direções. Ele gesticula para você pegar a esquerda. Você dirige lentamente através da deserta paisagem de concreto, freando quando um par de faróis pisca na sua frente. Pode-se distinguir a forma de uma BMW branca, estacionada a mais ou menos 50 metros de distância.

— Eu não vou mais longe — você diz.

O guarda-costas põe as mãos para cima em gesto de derrota:

— Ok, ok — Ele abre a porta do passageiro e se ergue. — Eu já volto.

Ele anda lentamente em direção à BMW, então executa uma rápida meia-volta em três manobras no caso de ter que sair dali às pressas — você já viu cenas como esta em filmes de *gangsters*, por isso deixa o carro engatado. Pode ouvir o coração batendo forte e rápido nos ouvidos e está segurando o volante com tanta força que as unhas se cravam no couro. Deve ser assim que motoristas de fuga se sentem do lado de fora do banco, à espera da saída apressada dos ladrões.

Você olha pelo espelho retrovisor, observando o guarda-costas inclinar-se para dentro da BMW. Ele está longe demais para que você possa decifrar exatamente o que está havendo lá. Força-se a manter a calma, mas tudo o que pode imaginar é o interior de uma cela de prisão. Você vai matá-lo por metê-la nesta roubada.

A transação leva menos de um minuto, e então o guarda-costas volta casualmente para o carro, as duas mãos dentro dos bolsos. A BMW ganha vida e cruza bem lentamente o topo do telhado, acelerando e acendendo as luzes ao atingir a rampa que desce.

O guarda-costas desliza carro adentro, fechando a porta e colocando o cinto de segurança.

— Tudo bem? — ele pergunta.

— Isso — você diz, sem se preocupar em esconder a raiva — foi arriscado pra caralho! Você mentiu pra mim.

Ele derruba um saco de papel em seu colo.

— Veja por si mesma.

Esperando ver um saco de pó branco ou algo igualmente duvidoso transbordando dele, você fica em silêncio ao olhar para um saco plástico contendo diversos comprimidos azul-claros. Reconhece-os num instante.

— *Viagra?*

Ele faz que sim com a cabeça:

— Viagra. O cara na BMW é dono da farmácia 24 horas da Rua Kent.

— Viagra? Não é ilegal. Por que todo esse segredo?

— Imagine se a imprensa descobre que alguns dos rapazes dos Caubóis do Espaço têm dificuldade para fazer a coisa levantar. Não é muito coisa de astro do *rock*, né?

Você ri:

— Não, não é muito coisa de astro do *rock*, absolutamente. Devo dizer que agora estou realmente feliz por não ter ido embora com Charlie.

— Você não sabe da missa a metade.

Você olha para ele, séria por um segundo:

— Desculpe por não ter confiado em você.

— Não esquento. — Ele sorri, e aquelas covinhas surgem novamente. — Ouça... Está sendo divertido, mas é melhor eu levar esta coisa de volta aos rapazes. Onde quer que eu deixe você?

Você repassa rapidamente as opções. Depois de tudo isso, realmente quer ir direto para casa? Poderia voltar ao bar para um último drinque. Por outro lado, você gosta da ideia de ser levada para casa em grande estilo.



Se pedir a ele que a deixe em casa, [clique aqui](#).



Se pedir a ele que a leve de volta ao bar, [clique aqui](#).

Você pediu a ele que a levasse para casa

— Tudo bem se eu pegar o carro de volta agora? — ele dá um sorriso irônico.

Você finge profunda irritação, mas a verdade é que, tanto quanto adorou manobrar o carro, você está ansiosa por relaxar e observar esses músculos dirigindo outra vez.

Vocês trocam de lugar e riem enquanto ele é forçado a reajustar o assento em toda a sua extensão para trás. Você lhe passa novamente seu endereço, e ele o programa no GPS.

— Obrigada por me levar com você — você diz enquanto ele guia o carro pelas curvas descendentes das rampas do estacionamento. — Foi muita adrenalina.

— Obrigado por ter vindo comigo em vez de ter ido com o Charlie — ele diz. — Acho que nunca vi ninguém rejeitá-lo antes.

— Ah, eu não teria tanta certeza. Se ele precisa de Viagra, então eu diria que sabe tudo sobre rejeição.

É um comentário bem patético, mas o guarda-costas bate no volante e ri, as covinhas afundando-se nas faces. Você deixa cair a mão mais uma vez sobre a perna dele, apertando-a levemente. Talvez seja a adrenalina de dirigir um carro tão rápido e os efeitos posteriores ao negócio “arriscado” ainda pulsando por seu corpo, mas tocá-lo acontece naturalmente.

Em resposta, ele mantém uma mão no volante e deixa cair a outra sobre sua perna, logo acima do joelho, os braços cruzados. A mão dele é forte e fria em sua perna, e você se sente selvagem e ousada. Sua vagina agita-se de desejo, e você se pega querendo mais. Então, tira a mão do seu joelho e a coloca sobre a mão dele, em sua perna. Depois você lentamente desliza a mão dele coxa acima.

Ele tira os olhos da estrada e dá uma olhada breve em você. Dirige-lhe o seu sorriso mais deslumbrante, depois escorrega a mão pela sua coxa, para que ela apareça sob a bainha de seu vestido. Lança um sorriso a você, depois volta a concentrar-se na estrada, sem tirar os olhos dela. Desacelera um pouco o carro e então, ainda em perfeito controle, leva a mão para ainda mais alto.

Você separa as pernas e respira profundamente, saboreando bem a sensação dos dedos dele em você. Ele massageia levemente sua coxa enquanto leva a mão cada vez mais alto.

A autoestrada de quatro pistas está deserta. Você, o guarda-costas e o carro esportivo são os donos dela.

Você abre as pernas tanto quanto pode no assento e se reclina o máximo possível, angulando a pélvis para que ele tenha acesso ao mais íntimo de você. Quando os dedos tocam a renda de sua calcinha fio-dental, você sabe que ele deve ser capaz de sentir quão molhada está, e você observa um sorrisinho surgir lentamente no rosto dele.

Ele liga o piloto automático e desliza os dedos sob a renda de sua minúscula calcinha roxa, passando-os delicadamente por sua moita. Depois os dedos sobem e descem, acariciando o comprimento de sua fenda, deslizando entre os lábios. Você pressiona a pélvis contra a mão dele, ávida para que continue. Após alguns momentos provocando-a, ele penetra com um dedo em você, e você fecha os olhos e suspira. Em poucos segundos, ele localizou seu clitóris e usa um dedo para contornar o ponto sensível, enquanto outro dedo entra e sai deslizando de você. Você pressiona os pés com força contra o chão do carro e se prepara, enquanto ele continua a

esfregar-se em você. Sua respiração torna-se cada vez mais frenética, e você não consegue parar de impelir os quadris para cima.

Talvez seja porque sabe que provavelmente nunca verá este cara novamente, ou porque está em um carro de colecionador, ou porque pode ver as estrelas acima, sente-se completamente desinibida. Você agarra um dos seios, sentindo quão duro está o mamilo. Depois, ergue um dos pés descalços sobre o painel à sua frente, e ele penetra com mais um dedo em você, preenchendo-a, ainda esfregando lentos círculos ao redor de seu clitóris. O vento passa veloz por seu cabelo, e você não pode deixar de gemer. Então ele acelera os dedos pouco a pouco, mexendo dentro de você cada vez mais rápido, e você se agarra ao lado do assento com as duas mãos. Em seguida, com a sensação do couro caro, a vibração do motor abaixo e os dedos dele dentro de você, você grita enquanto goza, estremecendo, a cabeça contra o encosto, os olhos fechados com força.

Enquanto você lentamente volta para a terra, sente-o tirar os dedos de você, mas ele ainda agarra o topo de sua coxa com a mão, massageando delicadamente a carne, e você está certa de que ele pode sentir o tremor em suas pernas.

Você finalmente abre os olhos quando sente o carro desacelerar e descobre estar em uma tranquila e arborizada rua lateral. Demora um tempo para reconhecer que é a sua rua. O guarda-costas para na frente de seu prédio e desliga o motor do carro. Então se inclina e a beija, os dentes confrontando-se enquanto as línguas se entrelaçam. Finalmente ele se reclina, os olhos reluzindo.

— Que passeio — você diz quando finalmente consegue recuperar o fôlego, sentindo-se acanhada e chocada com o próprio comportamento. Que diabos deu em você? Senta-se um pouco mais ereta, puxa a saia para baixo e tenta alisar o cabelo, que está selvagem e emaranhado.

Ele sente a mudança em seu humor e se inclina em sua direção.

— Ei, venha aqui — ele diz com sua voz profunda, erguendo-a facilmente do assento e puxando-a para o colo. Segura você e lhe tira o cabelo do rosto em uma carícia, colocando-o atrás de suas orelhas. — Não seja tímida, foi incrível. Você é incrível.

Você ruboriza:

— Eu normalmente não sou tão... Tão... Tão...

Ele sorri e a beija intensamente outra vez, então você não precisa mais buscar palavras. Lança os braços ao redor do pescoço dele e o beija de volta. Desta vez o beijo é menos urgente, e a língua dele é macia e delicada. Você imagina como seria ter essa língua percorrendo todo o seu corpo em um espaço maior do que o assento deste carro. Uma cama *king-size*, por exemplo.

Você está prestes a convidá-lo, mas daí sente algo vibrando debaixo de você. Surpresa, você se afasta e ele ri, segurando-a mais frouxamente, deslocando-se no banco para tirar o telefone. Você coloca um dedo sobre os lábios enquanto ele o atende, a boca tão próxima de seu ouvido que dá para sentir o calor da respiração dele.

— Alô. Sim. Sim. Entendido. Estarei aí em vinte minutos. — Ele coloca o telefone de lado novamente. — O dever me chama. Acho que tenho que ir.

— Tem mesmo? Sinto muito.

— Acredite em mim, eu sinto mais. — Ele toma seu rosto nas mãos e a beija apaixonadamente.

— Mas eu nem sequer pude retribuir o presente.

Ele dá um puxão em seu queixo e sorri.

— Está tudo bem. Eu meio que gosto da ideia de você estar me devendo uma.

— Você sabe onde eu moro.

Ele abre a porta do carro, sai, e a carrega confortavelmente nos braços, como se você não pesasse nada. Então, sem esforço, ele a coloca, pernas ainda trêmulas, na calçada. Em seguida, ele se ajoelha na sua frente. Você se agarra a seu ombro musculoso para equilibrar-se, a boceta pulsando novamente pela proximidade dele, enquanto ele delicadamente calça o primeiro sapato e depois o outro em seus pés descalços. Então ele se levanta e a beija novamente. Por fim, se afasta, mas, ao tocar na maçaneta do carro, volta-se para beijá-la uma última vez.

— Vou esperar você entrar — ele diz, com um aceno de cabeça em direção à porta da frente.

— Sempre o guarda-costas — você diz ao virar-se para entrar.

— Ao seu dispor — ele sorri. — Boa-noite, Sra. Lewis Hamilton.

— Boa-noite, Sr. Guarda-Costas. E obrigada novamente. Isso foi... Nossa... “Divertido” é dizer o mínimo.

Uma vez dentro do edifício, você se vira e observa o 350Z acelerar noite adentro. Ele ergue o braço pelo teto solar e acena.

Tudo o que você quer agora é desmoronar no sofá e relaxar, talvez com um DVD e uma tigela de pipoca.



[clique aqui.](#)

A caixa de fantasias de Miles não fazia seu estilo, então você deu o fora de lá

Você se acomoda novamente no táxi e expira. Aquele negócio da mala cheia de brinquedos estava começando a ficar um pouco estranho demais para o seu gosto. Você está feliz por ter dado o fora de lá. Não há como negar que Miles é *sexy* pra caramba, mas, se você não sabia disso antes, sabe agora: chicotes e correntes simplesmente não fazem seu estilo.

Enquanto o taxista manobra pelas ruas, você sorri para si mesma pela noite louca que teve até agora. Teve o esquisito com a peruca no peito, o astro do *rock* pirado e arrogante, o guarda-costas montanhoso, aquela mulher linda no toalete feminino do bar, sem esquecer o jovem *barman* com um corpo de chorar. E isso foi só o aquecimento — não é de admirar que você esteja tão excitada.

Você considera dar uma passada na cafeteria local, aberta até tarde, para tomar um chocolate quente a caminho de casa, embora a ideia de ir para a cama seja atraente, não necessariamente para dormir. Há um desejo faminto entre suas pernas que precisa ser atendido. Poderia ser a noite perfeita para tirar o Rabbit da embalagem.



Se quiser dar uma passada na cafeteria no caminho de casa, [clique aqui](#).



Se quiser ir para seu Rabbit, em casa, [clique aqui](#).

Você decidiu voltar ao bar para um último drink

Você entra um pouco cautelosa, mas não há sinal dos astros do *rock* ou de suas tietes — e, mais importante, de Peruca no Peito —, graças a Deus. O bar ainda está um pouco movimentado, mas o assento que você ocupou mais cedo está vazio, então se dirige até lá e se senta com um suspiro de alívio. Seus sapatos são surpreendentemente confortáveis (Ainda bem! Por aquele preço...), mesmo assim há um limite para uma garota conseguir passear por aí em saltos desta altura.

Um grupo barulhento de mulheres próximo a você está fazendo algum tipo de despedida de solteira e bebendo coquetéis muito coloridos. Você avista o adorável *barman*, que tem as mãos cheias deles, enquanto elas o importunam e fletam loucamente.

Ele encontra seu olhar, e, a menos que esteja completamente enganada, o rosto dele se ilumina. Ele balbucia “fique bem aí” e volta a distribuir drinks a uma loira atrevida que tenta colocar seu cartão de visita no bolso da frente da camisa dele.

Está barulhento demais para ligar para Melissa — a mulher no assento ao lado está pedindo um drink e acenando vigorosamente para o *barman* —, de modo que você lhe envia uma mensagem enquanto o rapaz se apressa até o bar com um preparado rosa-choque na mão.

Você nota quando a vizinha arrebatada a bebida dele e grita:

— Saúde!

No segundo seguinte, o conteúdo do copo dela é arremessado sobre você quando ela escorrega da parte de trás do assento e cai no chão, os braços movendo-se em círculos.

As amigas berram e correm para ajudá-la, mas, embora esteja xingando sem parar, ela parece ilesa. Bem que você queria dizer o mesmo de seu vestido preto favorito. A maior parte do drink (Pode realmente ter sido apenas um copo? Parece um galão.) conseguiu acertá-la em cheio no peito. Deu para senti-lo escorrer pelo seu decote e pingar em seu colo. Há respingos por todo o seu rosto, braços e pescoço, bem como em seu telefone e em sua bolsa.

Desesperada, você olha para o estrago — parece uma concorrente em uma competição de camiseta molhada, no mau sentido. A bebida é açucarada e, enquanto escorre em você, a sensação pegajosa é horrível.

Um pano úmido materializa-se debaixo de seu nariz, estendido pelo *barman*.

— Sinto muito — ele diz. — Eu devia ter me recusado a servi-la. Ela estava completamente bêbada.

— Não é culpa sua — você diz, notando a total ausência de qualquer pedido de desculpas por parte da gangue da despedida de solteira, agora saindo barulhenta. Sua agressora embriagada, cambaleante e ainda praguejando, está sendo apoiada por amigas ligeiramente mais sóbrias. Você espera que amanhã ela acorde com uma ressaca parecida com um elefante sentado na cabeça dela.

Você limpa seu peito, mas será preciso mais que uma toalha para dar um jeito nesse estrago. Ficou realmente aborrecida. Tem sido uma noite estranha nessas circunstâncias, e você é muito apaixonada por este vestido, que depois disso vai precisar de uma boa lavagem profissional.

— Há algo que eu possa fazer para ajudar? — O *barman* paira ansiosamente, parecendo quase

tão chateado quanto você.

— Não, obrigada. Espere... Talvez você possa chamar um táxi para mim. Vou ter que ir para casa.

— A esta hora da noite vai demorar pelo menos vinte minutos para um táxi chegar até aqui — ele diz. — Hum... Você pode subir até nossa casa e usar o banheiro lá em cima.

— Nossa casa? No andar de cima?

— Sim, meu primo mora no andar de cima: o apartamento está incluído no pacote. Estou dormindo lá, cuidando da casa enquanto o substituo no bar. É completamente reservado. Minúsculo, mas você poderia... se limpar ou algo assim, e lavar seu vestido, você sabe, até lhe arrumarmos uma carona para casa.

Você fica tentada. Realmente quer sair desta substância viscosa detestável — a ideia de esperar até chegar em casa é insuportável.

— Por favor, realmente não é nenhum incômodo. Eu me sinto péssimo! — ele continua. — Olha, lá está meu gerente. As coisas se acalmaram um pouco, tenho certeza de que ele não vai se importar se eu sair mais cedo. Ele pode cuidar do bar durante esta última hora para que eu possa ajudá-la.

O gerente, alertado pela comoção, já está em cena, providenciando alguém para varrer os cacos e limpar o chão. Agora ele se inclina em sua direção e se desculpa também:

— Lamentamos muito tudo isso, senhora. Eu pessoalmente vou providenciar drinques da casa para você e uma amiga na próxima vez que vier.

Ele troca algumas palavras com o *barman*, que se vira para você, sorrindo:

— Tudo bem, ele vai cuidar das coisas aqui embaixo. Vamos lá, vamos tirar esse vestido.

Uma fração de segundo depois, ele atina com as palavras que acabou de dizer e ruboriza até a ponta dos dedos. Você nunca viu um homem ficar tão vermelho antes. Ele está tão envergonhado que, mesmo em seu estado exasperado, você não pode deixar de sorrir e percebe que o gerente também está disfarçando um sorriso.

— Vamos nessa! — você diz, tão animada quanto pode.

Você o segue por uma saída atrás do bar e entra em um corredor bem gelado com uma porta preta. Ela leva a um lance estreito de escadas que conduzem aos apartamentos acima do bar. No primeiro andar, você passa por uma salinha com luzes fluorescentes, e o *barman* aponta para uma fileira de máquinas de lavar e secar roupa que operam por moedas.

— Veja, podemos dar um jeito em um piscar de olhos.

Você é conduzida a um apartamentinho bastante caótico. Há uma *mountain bike* atravancando o corredor, pilhas de livros por toda parte e a menor cozinha do mundo, à direita.

Seu novo amigo aponta para o banheiro à esquerda. Você examina com cautela, mas, surpreendentemente para um apartamento de solteiro, ele está limpo, ainda que a banheira tenha várias décadas. Há produtos de barbear nas prateleiras acima da pia e uma toalha mal estendida, mas você já viu coisa muito pior, inclusive no banheiro da sua própria casa.

— Aqui, me deixa achar uma toalha... Você pode tomar um banho se quiser. Tem sabão para

o seu vestido no armário debaixo da pia, se precisar.

O *barman* traz em seus braços uma toalha mais ou menos da mesma data de fabricação da banheira, mas é grande e perfeitamente limpa. Então, ele se retira.

— Não tenha pressa. Vou fazer algo quente pra gente beber nesse meio-tempo.

No segundo em que a porta do banheiro se fecha, você tira o vestido e vê o estrago. Vai ter que lavar toda a roupa: o líquido lamacento a encharcou muito. Mas como vai sair sem roupa? Vai ter que pedir emprestada uma camisa ou algo assim.

Seu sutiã está igualmente impregnado, e você o tira também. Excelente. Agora você está de calcinha fio-dental, sapatos de salto e os restos de um grande coquetel rosa, no banheiro de um total estranho, sem nada para vestir. E você ainda está coberta de gosma pegajosa.

Você se despe completamente e entra na banheira, onde descobre quais torneiras abrir, e usa a antiquada ducha de mão para limpar o corpo da substância viscosa. Você pega o gel de banho, que cheira agradavelmente a limão. A água está quente, e você começa a sentir-se um pouco melhor, embora a maquiagem dos olhos provavelmente seja puro panda a esta altura, e seu cabelo, arrumado com cuidado, tenha ido embora no vapor.

Saindo, você lava o vestido e o sutiã na pia, torcendo-os tanto quanto possível e, então, secando-os com a toalha. E agora? Enrola-se na toalha e a amarra firmemente acima dos seios, depois abre uma frestinha da porta com cautela.

— Hum, olá? Você acha que posso usar a máquina de secar? — você grita. — E você tem uma camiseta ou algo para me emprestar?

O *barman* mete a cabeça para fora da cozinha e fica estupefato.

— O que foi? — você pergunta, na defensiva.

— Nada, você só parece mais jovem — ele solta. — Espere, vou lhe dar uma camiseta. Aguenta aí... — Ele mergulha por outra porta e volta novamente com uma camiseta imensa. — Me passe suas roupas, vou levá-las à lavanderia lá embaixo. — Você entrega o vestido e o sutiã molhados, e desta vez os dois ruborizam.

Ele se recupera primeiro:

— Volto em um minutinho. Tem *chai* indiano na cozinha quando você estiver pronta.

Você volta para o banheiro e examina seu novo traje. O *slogan* da camiseta é:

DEUS ESTÁ MORTO — *Nietzsche*

NIETZSCHE ESTÁ MORTO — *Deus*

Será que esta noite poderia ficar ainda mais bizarra? — você se pergunta. Você já deixou de ser uma mulher adulta e confiante em uma noite para se tornar um anúncio ambulante da sociedade de debates — e sem a roupa de baixo. Você se enfia de novo na calcinha e nos saltos, veste a camiseta e limpa o grosso da mancha de rímel sob os olhos. É uma aparência bastante estranha — o *barman* está certo, você parece mais jovem com o rosto lavado e em uma camiseta larga de dormir. Os saltos de prostituta anulam a inocência, no entanto você não sabe ao certo se quer andar descalça pela casa de um estranho.

Certo, hora de voltar à cozinha. Sobre a geladeira, você vê um calendário de turnos para o bar lá embaixo e fica intrigada ao ver um único X inicial escrito em muitos dos espaços. Faz lembrar mapas do tesouro, onde X marca o local.

Neste exato momento, o *barman* volta à cozinha em um salto:

— Certo, suas roupas devem ficar secas em mais ou menos quarenta e cinco minutos. Sinto muito por isso, estou péssimo...

— O que o X representa aqui? — você pergunta, tanto para cortar mais uma rodada de desculpas quanto por curiosidade.

— Ah! — Ele parece ligeiramente envergonhado. — Sou eu. Meu nome é Xavier; eu sei, eu sei, parece nome de ator pornô, então minha família e amigos me chamam de X. Pelo menos é assim que meu primo marca o quadro de turnos. Mel em seu *chai*?

Mel em seu chai? Você suprime uma risadinha. Que tipo de estudante ele é?

— Hum, acho que sim — você diz. Ele serve um líquido perfumado cor de caramelo em duas canecas e as dispõe em uma bandeja com mel e colheres.

— Siga-me — ele diz, pegando-a e descendo por um curto corredor, empurrando a porta com o ombro.

É sem dúvida o quarto dele, e você hesita, mas ele já está se desculpendo:

— Sinto muito, não temos uma sala de estar; ela virou o canto onde meu primo dorme. A gente podia ficar na cozinha...

— Não, está legal — você diz. Na verdade, você está fascinada. Estava esperando tênis fedorentos e consoles de *videogame*, mas é um misto de cela de monge e alguma gruta oriental misteriosa. A antiquada cama de viúva tem uma coberta branca lisa, e há uma gravura japonesa na parede.

Há velas por toda parte e incenso queimando no parapeito da janela. Há também um pequeno Buda de bronze no criado--mudo, uma esteira de ioga enrolada no canto e livros por toda parte — empilhados perto da cama, nas caixas de vinho que ele usa como prateleiras e sobre a escrivaninha à moda antiga, onde um *laptop* prateado ocupa lugar de destaque.

Você adora quando há livros em um quarto — torna-se muito mais fácil começar uma conversa, fora que se pode dizer muito sobre alguém conhecendo seus livros. Você começa a xeretar e imediatamente identifica o tipo de coisa que esperaria de alguém interessado em religiões orientais — pencas de títulos sobre hinduísmo, *tai chi*, poesia persa e todo esse tipo de coisa, mas também muita ficção especulativa. Você não sabe muito sobre isso, mas reconhece as coisas boas — *Atlas das Nuvens*, de David Mitchell, *O Conto da Criada* e muitos de Ursula Le Guin e Philip Pullman.

— Eu amei este! — você diz, puxando o *Atlas das Nuvens*. — Já viu o filme? — Você puxa mais forte para liberar o livro e o do lado afrouxa e cai no chão. — Opa, desculpe — você diz, curvando-se para recuperá-lo. Quando você se endireita, avista o rosto de Xavier, que está rubro novamente, com a boca ligeiramente aberta, e se lembra de que está usando uma camiseta até as coxas, e está fazendo um bom trabalho em mantê-la decente — contanto que não se curve.

Você se senta às pressas na cama, puxando a camiseta para baixo até onde ela pode ir. Para

pôr fim ao momento carregado, você beberica seu *chai*, que tem um cheiro picante e perfumado ao mesmo tempo — e quase engasga.

— Você gosta? — pergunta Xavier de modo ávido. — Ou coloquei *chili* demais?

— Você colocou *chili* no chá? — você pergunta enquanto as chamas na língua se abrandam.

Ele começa uma entusiasmada lista de especiarias que usa para preparar o chá, o modo como aprendeu enquanto viajava pela Índia durante seu último mochilão...

Esgotadas as receitas de *chai*, há outro longo silêncio — não embaraçoso, exatamente, mas efervescente, melhor dizendo. Finalmente, Xavier solta:

— Me desculpe, não estou acostumado a ter mulheres no meu quarto.

Você ri:

— Está brincando comigo? Toda vez que eu olhava, alguém estava flertando com você. Deve trazer aqui uma mulher diferente todas as noites. Fico surpresa de não haver riscos nas escadas!

Ele fecha as mãos e olha para elas.

— Hum, não. Você é a primeira.

— Espere, você não está dizendo... Quero dizer, você deve ter uma fila de namoradas. Com a sua aparência...

Ele sacode a cabeça.

— Mas como é possível?

— Ah, eu não sei. Filho único. Pais mais velhos. Eles são legais, mas eram muito rigorosos. Internato Quaker. Primeiro ano de universidade em um seminário...

— O quê? Você estava estudando para ser pastor?

— Não, não. Era um lugar para passar a noite... Um dos meus professores sabia que eu estava procurando algo barato e tranquilo. Foi ótimo enquanto me adaptava, mas não era exatamente o tipo de lugar para onde pudesse levar amigos. Quando fui embora, todos os demais já tinham meio que tido uns rolos, e eu nunca soube como entrar no esquema dessas coisas todas.

À medida que as implicações do que ele dizia lentamente aparecem, você mal acredita que está prestes a fazer uma pergunta tão íntima — por outro lado, é você quem está vestida com quase nada senão uma camiseta emprestada.

— Xavier, você está dizendo que é... Virgem?

Desta vez ele não ruboriza. Fica parado. E então faz que sim com a cabeça.

— Hum, nossa! — Você precisa de um minuto para processar isso. O cara é *sexy* pra caramba. Parece impossível que alguma mulher não o tenha devorado.

Ele se apressa em continuar:

— Eu sei, devo parecer uma aberração para você, mas você viu esta noite como as mulheres agem à minha volta. Todas assumem que já sou bem rodado. Como poderia trazer uma delas aqui para cima e então dizer: “Hum, na verdade sou virgem e não faço a menor ideia de por onde começar”? Elas iriam rir na minha cara!

Você levanta o queixo e se pergunta como lidar com as coisas a partir dali. Xavier parece ter saído de uma catedral, mas você saiu para uma noite de diversão, não para brincar de terapeuta sexual. Embora esteja tentada a levá-lo na mão, por assim dizer. Ele tem o corpo mais apetitoso que você já viu em muito tempo, afinal de contas... Você diz a si mesma que seria um ato de bondade. Além disso, nunca se sabe, você talvez se divertisse.

Por outro lado, não é algo para ser encarado de modo leviano. Sua primeira vez não foi fantástica, mas você sempre vai se lembrar dela, porque foi a primeira vez. Você quer assumir esse tipo de responsabilidade?



Se isso não for para você, e se decidir dar no pé rapidamente, [clique aqui](#).



Se decidir ficar por ali mesmo e mostrar a ele uma ou duas coisas, [clique aqui](#).

Você decidiu que isso não é para você

Você olha em seus olhos ávidos. Ele é lindo e definitivamente existe química no ar, mas tem sido uma longa noite e é tarde demais para brincar de professora.

E ele realmente é muito jovem. É quase da mesma idade que a doce, mas um pouco ingênua, estagiária a quem você está servindo de mentora no trabalho. Espere um minuto: eles seriam perfeitos um para o outro! Gostam dos mesmos tipos de livros, ambos querem viajar e, embora não tenha certeza se Lexi é virgem ou não, ela tem toda aquela coisa inocente e ensolarada — e certamente está solteira. Por que não deixá-los se apalpar, divertindo-se com a descoberta de onde e como se espera que seus corpos se encaixem? Você sente uma rápida pontada de inveja de todas as descobertas diante deles, mas a repele. Há muita diversão na Adultolândia.

— Sabe... — você diz —, talvez eu tenha uma solução para o seu... problema. Acho que conheço a garota perfeita para você.

— Conhece? — os olhos dele brilham.

— Temos uma estagiária no trabalho, Lexi, e ela acabou de fazer 20 anos. Acho que vocês dois podem se dar muito bem.

— Sério?

— Certamente. Ela é linda, engraçada e inteligente, e gosta de ioga e meditação, esse tipo de coisa. Vocês devem ser perfeitos um para o outro.

Xavier arranca uma página de um bloco de anotações sobre a escrivainha, escreve um número nele, depois o entrega a você:

— Legal, talvez ela possa me ligar um dia desses. — ele diz. — E obrigado! Agradeço muitíssimo.

— Correndo o risco de parecer sua irmã mais velha, posso lhe dar alguns conselhos? Tente não dar tanta atenção para a coisa em si. Apenas a chame para sair. Beije-a. Veja até onde isso leva.

— Obrigado novamente. — Xavier levanta-se e caminha vagarosamente até você. Então, inclina-se e a beija suavemente na face. Os lábios dele são quentes e macios e a respiração ventila em sua pele.

Há um longo momento de silêncio, e então ele vira a cabeça bem timidamente e deita a boca contra a sua. Ele é tão suave, nem mesmo é um beijo, apenas um roçar lento e demorado dessa boca divina. Exige-lhe tudo o que tem para não corresponder. Se Lexi jogar as cartas corretamente, será uma garota de sorte.

Uma das velas crepita, e o momento é quebrado. Você tem uma vida para a qual voltar.

— Você acha que meu vestido já está seco? — você pergunta. — Está tarde. Acho que já vou indo.

— Sim, com certeza. Podemos passar na lavanderia a caminho da saída — ele diz, conduzindo-a até a porta. — Foi muito bom te conhecer. Mais uma vez, sinto muito pela bebida e pelo vestido.

— Está tudo bem. Tudo acontece por uma razão. E eu tenho um pressentimento de que Lexi pode ser a razão neste caso.

Vocês sorriem um para o outro, e você sente novamente aquele aperto no coração. Espera que ele encontre o que está procurando. Entretanto, é a hora em que você dá por encerrada a noite e vai para casa. Ou talvez devesse recuperar a energia com algo da cafeteria.



Se for direto para casa, [clique aqui](#).



Se for para casa passando pela cafeteria, [clique aqui](#).

Você decidiu ficar por ali mesmo e mostrar a ele uma ou duas coisas

Você decide arriscar:

— Xavier, gostaria que eu mudasse tudo isso?

Suas palavras pairam no ar, e você acrescenta:

— Se nunca fez sexo antes, pelo menos eu poderia lhe mostrar por onde começar.

Ele olha para você com uma mistura de descrença, prudência e selvagem esperança:

— Você faria isso?

— Faria. Mas aqui vão as regras básicas. Sem compromisso. Uma vez e pronto. Você tem sido muito doce comigo, você é um dos caras mais gostosos que já vi e tudo o que eu quero é dar a você uma primeira vez agradável e sem pressão. Não há necessidade de ser romântico comigo nem se preocupar com desempenho, nem qualquer coisa do tipo. Tudo bem? Apenas relaxe, siga o fluxo, divirta-se.

Então um pensamento lhe ocorre.

— Você tem camisinha, né?

Oops. Pela consternação no rosto dele, esta não é uma eventualidade que ele tenha considerado. E, embora queira agir como adulta e guardar uma camisinha de emergência na bolsa, isso não tem sido uma prioridade — até agora.

O olhar de agonia dele é quase engraçado, mas você também está frustrada. Parece que vai ter que rever sua oferta, mas então, o rosto dele clareia.

— Espera, aguenta aí! Não se mova! Fique bem aí! — Ele dispara quarto afora em uma afobação quase cômica.

Um minuto depois, ele está de volta, ofegando e trazendo... O que é isso, um estoque de preservativos? Deve haver centenas na caixa de papelão que ele trouxe. Isso é que é otimismo!

— O meu primo guarda os estoques para encher os refis dos dispensers dos banheiros do bar — diz Xavier, com um sorriso largo. — Sorte que me lembrei.

Você fica aliviada por ter o problema resolvido.

— Então estamos combinados? Apenas desta vez, sem compromisso?

Ele sorri mais uma vez, e é aquele mesmo sorriso de derreter o estômago que lhe deu quando entrou pela primeira vez no bar.

— Tudo bem, fechado. Mas tem certeza? Quero dizer...

— Xavier — você diz. — Pare de falar. — Você vai até ele e se deixa cair lentamente sobre seu colo. Os braços dele a envolvem, e você sente o calor do corpo e as batidas do coração. Afunda a cabeça em seu ombro e coloca os dedos na pequena e delicada depressão na base da garganta, que está pulsando em compasso com seu batimento cardíaco. Descansa assim por um momento e então vai à procura de sua boca.

Ele tem gosto de chá e especiarias, e os lábios são incrivelmente macios. A princípio ele é hesitante, depois mais ávido, murmurando enquanto as línguas se tocam, sondando dentro da

boca um do outro. Ele levanta a mão para aninhar sua face, mudando o ângulo de sua cabeça, aprofundando o beijo, ficando mais confiante. Quando finalmente se separam para tomar ar, os dois estão respirando rápido e sorrindo.

— Até agora, muito bom — você diz. — Vamos um pouco mais além, que tal?

À luz suave da lâmpada de mesa, você fica tocada ao ver as mãos dele tremendo ligeiramente. Elas são belas, as mãos de um pianista de concerto, com dedos que conseguem ser delicados e fortes ao mesmo tempo. Você pega uma das mãos, dá-lhe um beijo e, depois, coloca-a sobre seus seios.

O resultado é instantâneo: os dois arfam de prazer quando seu mamilo emerge contra a palma da mão dele, através do tecido fino da camiseta. Ele massageia e o segura delicadamente em concha, a princípio, depois de modo mais firme, enquanto você pressiona o seio contra sua mão. Daí os dedos procuram e brincam com seu mamilo, puxando-o com beliscões suaves e provocativos.

Você geme, e a mão dele se acalma imediatamente.

— Demais?

— Céus, não. Confie em mim, vou lhe dizer se algo for demais. Mas acho que é hora de retornar o favor.

Parte de você vinha querendo despi-lo desde a primeira vez que o viu atrás do bar, e você não tem pressa: primeiro desabotoa sua camisa, depois ergue-a lentamente sobre a barriga perfeita e o peito, que é liso e sem pelos. Ele levanta os braços acima da cabeça enquanto você a retira completamente e solta-a no chão a seus pés, revelando sua perfeição. À luz de velas, o corpo dele brilha, e a pele é tão fina quanto caxemira sobre músculos que reagem enquanto sua mão desliza sobre eles. Você chupa o dedo indicador e depois o usa para acariciar cada mamilo por vez, e ele estremece. Quando continua com a boca, ele geme alto.

Você está dividida entre querer prolongar esse lânguido estágio de sedução e o urgente palpitar entre suas pernas. Vocês dois estão usando roupas demais, e então você se levanta do colo dele, provocando o protesto de Xavier — e tira a própria camiseta languidamente.

— Acho que é hora de ir para a cama — você diz.

— Espere — diz ele, rouco. — Só quero olhar para você por um minuto, nesta coisa minúscula de renda e nesses saltos... Você não faz ideia de como está gostosa.

Você se posta na frente dele, deleitando-se com o efeito que está provocando. Separa as pernas e balança um pouco, esticando os braços sobre a cabeça e arqueando as costas ligeiramente, fazendo os seios subirem e aparecerem.

— Sou toda sua. Olhe tudo o que quiser.

Em segundos ele se levanta da cadeira, tateando o botão do *jeans*. Você ouve o som do zíper enquanto ele o puxa para baixo com pressa, depois o vê pular de um pé ao outro enquanto se despe. O corpo dele é mais surpreendente do que você poderia ter esperado — quadris estreitos, barriga firme, pernas que não terminam nunca e uma bunda dura e alta, agora vestida apenas com cueca de algodão fino, que não esconde o tamanho de sua ereção.

— Acho que precisamos ficar nus — você diz. Você tira sua calcinha fio-dental, depois se senta recatadamente na beirada da cama, joelhos juntos, enquanto tira os sapatos. Em seguida,

lenta e deliberadamente, reclina-se sobre os braços, abre as pernas e inclina a pélvis para cima, na direção dele. Você nunca foi assim tão devassa antes; por outro lado, não consegue lembrar quando foi a última vez que esteve assim tão molhada.

Você deixa cair uma mão entre as pernas e separa, acariciando, os lábios intumescidos, os dedos fazendo ruídos suaves de quem chupa sobre a carne molhada e aquecida.

Os olhos de Xavier se dilatam e ele murmura algo baixinho enquanto puxa violentamente a cueca. É sua vez de olhar quando o pau salta em liberdade, totalmente ereto, comprido e grosso, a cabeça brilhando com a umidade.

— Deite-se. — Você precisa limpar a garganta para fazer sair as palavras enquanto dá um tapinha na cama ao lado.

Ele sussurra:

— Isto é irreal. Mal consigo acreditar que esteja acontecendo. Você é incrível. — Então a cama range enquanto ele se deita ao seu lado.

Você olha para o corpo dele, trêmulo de necessidade e contida luxúria. É preciso levar isso devagar, mas você não sabe ao certo se qualquer um dos dois consegue, neste estágio. E não dá para resistir ao pau dele, que está escuro e inchado. Você coloca uma mão em volta dele, a pele sedosa tensa sobre a rocha viva abaixo, e aperta, depois arrasta a mão apenas uma vez da base até a ponta — e com um grande grito ele convulsiona, lançando sêmen quente para o ar em enormes jatos.

Qual é o protocolo para uma situação assim? — você se pergunta, tentando não ficar desapontada. Recuperadas a respiração e a voz, Xavier começa a pedir desculpas.

— Shhh — você diz, alcançando a camiseta emprestada para absorver a piscina de esperma sobre a barriga chapada dele, ainda arfante. — Foi inevitável. Eu devia ter... conduzido as coisas com mais cuidado.

— Vou entender completamente se você quiser ir embora — ele ofega.



Se decidir que é hora de ir embora, [clique aqui](#).



Se quiser ficar por ali, para a lição número dois, [clique aqui](#).

Você decidiu ir embora

Você se ergue sobre um cotovelo e olha para ele. Quase não é uma surpresa que tudo tenha acontecido tão rápido — afinal de contas, ele espera por este momento há anos. Você suspira enquanto observa as pálpebras dele pestanejarem, o peito ainda visivelmente subindo e descendo.

Sempre é possível ir para casa. Você visualiza a caixa na gaveta ao lado de seu criado-mudo e o vibrador aninhado nela. Lembra-se do que suas amigas dizem sobre vibradores: eles nunca gozam antes de você, não têm conversinha estranha, não monopolizam o controle remoto e você nunca vai se perguntar se vão telefonar.

Você se inclina e beija Xavier delicadamente nos lábios, tirando-lhe a franja do rosto em uma carícia.

— Você é delicioso, sabia? — você diz, sorrindo para os olhos dele.

Ele sorri de volta, com tristeza:

— Sinto muito ter sido tão rápido. Nós nem sequer chegamos a... Você sabe...

— Está tudo bem — você diz. — Foi apenas a lição número um. Quando estiver pronto para a lição número dois, você agarra uma daquelas dezenas de garotas ofegando a seus pés e a traz sem dó para este quarto aqui em cima, ok?

Ele faz que sim com a cabeça, o rosto ainda sonolento de satisfação.

— Está tarde, preciso sair daqui — você diz, deslizando do lado da cama e alcançando a camisa que ele estava vestindo.

— Tem certeza? — ele pergunta, apoiando-se sobre os cotovelos, um pouco desapontado. — Se você me der cinco minutos, tenho certeza de que consigo, sabe... começar as coisas novamente.

Você se projeta para a frente e pressiona a mão com firmeza no ombro dele:

— Sabe o que é? Está muito tarde, e parece que você precisa do seu sono de beleza. Eu também estou quebrada. — Ele se deita de novo e observa com olhos sonhadores você vestir a camisa de algodão, inspirando sua essência de menino e depois entrar novamente na calcinha fio-dental.

— Você não se importa, né? — você pergunta, ajeitando a camisa. — Só vou pegar meu vestido quando estiver saindo. Posso deixar a camisa na lavanderia, se estiver tudo bem para você.

— Por que não fica com ela e a traz de volta amanhã à noite? — ele sugere, aquele sorriso extraordinário iluminando-lhe novamente o rosto. — Para nossa segunda lição.

Você o analisa com calma:

— Talvez eu faça isso.

— Eu saio à meia-noite. E depois novamente à uma, às duas, às três e às quatro.

Você ri e lhe sopra um rápido beijo enquanto pega sua bolsa e seus sapatos e sai porta afora.

A próxima parada é a lavanderia, onde a máquina de secar acaba de concluir seu serviço. Você pega o vestido e o sutiã. Estão quentes e novos. Dá uma última fungadela na camisa do

barman e sorri: quem teria pensado que encontraria um virgem com este corpo e idade, especialmente um com a aparência de um anjo? É o equivalente a encontrar um unicórnio. Você dobra a camisa e a deixa em cima da secadora, reconhecendo, um pouco melancólica, que é improvável que você volte. Agora você precisa de algo para recuperar sua energia. Talvez um chocolate quente a caminho de casa? Ou talvez aquele Rabbit em sua gaveta de cabeceira dê conta do recado...



Se não estiver muito disposta a ir para casa, ainda, [clique aqui](#).



Se decidir dar uma passada na cafeteria no caminho de casa, [clique aqui](#).



Se decidir ir para seu Rabbit em casa, [clique aqui](#).

Você vai ficar por ali mesmo para a lição número dois

— Não vou a lugar nenhum — você diz. Especialmente não com seu corpo queimando por sua própria libertação. Você definitivamente não terminou o serviço com Xavier. Na verdade, você mal começou.

Aconchega-se nele enquanto a respiração retorna lentamente ao normal, beijando-lhe a face e o cabelo macio, que cheira ligeiramente ao gel de banho do banheiro e a algo mais humano e quente também.

— Quero compensar você — ele sussurra. — Que tal uma massagem nas costas?

Não é má ideia absolutamente. Seu corpo está retesado de tensão e sua lombar dói um pouco, sem dúvida pelo resultado de perambular sem rumo a noite toda com saltos de doze centímetros. Você está disposta a dar uma chance ao rapaz, então rola ao contrário. Sente a cama se mover quando ele se levanta e, um minuto depois, ouve-o esfregar óleo nas mãos, uma tênue essência de sândalo no ar.

Em seguida, as mãos descem sobre os ombros, o óleo levemente aquecido, e você suspira luxuriosamente. Os dedos dele pressionam habilmente seus músculos tensos, correndo pelos nós, amaciando e aquecendo a carne.

— Uau — você murmura contra o travesseiro. — Você realmente sabe o que está fazendo.

— Fiz um curso em um *ashram*, na Índia.

Faz sentido — ele não fica dando tapas nos músculos nem dando apertões nos nós. Pelo contrário, é como se estivesse descrevendo conexões entre os grupos de músculos e nervos de suas costas, acalmando-os, relaxando-os profundamente. Você cai em um transe no qual tudo o que existe são seus dedos quentes, fortes e acariciantes, descendo lentamente, em círculos, por toda a coluna. Você está quase caindo no sono quando o toque dele muda, tornando-se mais leve. Ele passa a ponta dos dedos por toda a pele de suas costas, e você estremece ante a mudança de pressão, arrepios subindo. Ele traça um caminho de arrepios até a base da coluna, depois circula as mãos bem levemente sobre as nádegas, provocando e acalmando ao mesmo tempo. As mãos descem cada vez mais, e a esta altura você está prendendo a respiração.

Você também está ficando a par de que não são apenas as mãos dele que estão cutucando seu traseiro — quando ele monta de pernas abertas sobre você, toma ciência da pressão quente e rígida do pau crescendo, e o pulsar entre suas pernas torna-se urgente mais uma vez.

— Xavier — você murmura —, acho que você deixou passar um lugar. — Ele entende a mensagem imediatamente, saindo de cima de você e a ajudando a virar de costas, que parecem novas em folha.

Você estica e pressiona o peito para cima, e ele entende a dica, passando a mão sobre seus seios. Você se retorce, dobrando os braços atrás da cabeça para lhe dar livre acesso. Ele abaixa a cabeça e você arfa enquanto a boca dele se fecha em volta da ponta de um seio, envolvendo pele, aréola e mamilo, a língua serpenteando.

Céus, o cara tem um dom natural para a coisa; você nunca teria pensado que era um novato. O cabelo dele arrasta-se por seus seios enquanto ele alterna entre chupar e lambe, e começa a mordiscar bem suavemente à medida que fica mais ousado. A sensação dos dentes contra os mamilos duros como rocha faz com que seus quadris se ergam da cama. Nossa, você já ouviu

falar de mulheres gozando apenas por terem seus seios acariciados, e está começando a entender que essa é uma possibilidade real.

Você está ficando frenética e lhe captura a mão, puxando-a para entre as coxas.

Engancha uma perna nele, para que os dedos tenham total acesso, e guia o indicador até seu clitóris. Segundos depois, você grita enquanto ele comprime a carne supersensível, e então os dedos ávidos deslizam para baixo, explorando ainda mais.

— Você está muito molhada — ele murmura —, sinto que encontrei a fonte do Nilo. — Ainda que esteja se contorcendo de prazer, você ri. E depois geme alto quando um dedo longo e frio desliza para dentro e para cima, lentamente, até o fim.

— Como é a sensação? — ele sussurra, pressionando primeiro um dedo, depois dois, dentro de sua boceta encharcada. — A sensação para mim é fantástica.

— Delirante — você murmura, debatendo-se agora, ávida por gozar. Dá para sentir o pênis dele pressionando fortemente seu quadril, e suas boas intenções de ficar em cima dele e fazer o sexo durar tanto tempo quanto possível são deixadas de lado.

Você agarra novamente seu pau, e ele está duro e quente.

— Quero que você venha para dentro de mim — você diz.

Seus dentes e olhos brilham com isso, e então ele bate na caixa ao lado da cama e apanha um punhado de preservativos. Ainda que os dois estejam ferozmente excitados, vocês riem como adolescentes.

— Acho que você só precisa de um de cada vez — você diz.

Como é a primeira vez dele, você cuida do preservativo, tirando-o do pacote, apertando-o no topo e desenrolando-o com cuidado pelo comprimento do mastro. Depois o puxa para cima de você, abre mais as pernas e ergue os joelhos, acomodando-o entre as pernas.

Dá para sentir o pau dele cutucando-a avidamente, e você está igualmente ansiosa para que ele penetre, mas você precisa fazer isso direito.

Você levanta a cabeça dele e o beija, ao mesmo tempo que desce as mãos por suas costas, todo o caminho até as nádegas firmes. Daí você empina a virilha contra a dele ao mesmo tempo que puxa delicadamente seu traseiro, e, para seu enorme alívio, ele desliza o pau para dentro de você facilmente, naturalmente, o ângulo perfeito, a sensação de uma irresistível onda de prazer.

Ambos gemem intensamente com a sensação dele estirando a pele molhada, quente e macia de sua boceta, e você lhe dá um pequeno aperto. Ele geme novamente.

Então ele sorri para você:

— Nem consigo dizer como é boa a sensação. Valeu muito a pena esperar. Você está bem?

— Mais que bem — você suspira. — Por favor, me foda agora. Gentil e lentamente. E forte.

E ele o faz, cada estocada uma queima de prazer que vai cada vez mais e mais fundo. Não demora muito — você pode sentir o orgasmo se formando e reza para que ele segure por tempo suficiente, e então explode, percorrendo seu corpo, o alívio tão forte que lhe traz lágrimas aos olhos. Você está ciente de estar gritando baixinho enquanto se arqueia repetidas vezes, agarrando-se aos ombros dele como uma jangada enquanto o mundo gira; depois é a vez dele, e ele estremece violentamente, despejando o orgasmo em você, gritando em triunfo.

Então o único som é o de suas respirações irregulares, enquanto se deitam sem energia, colados um no outro, o coração batendo contra a caixa torácica, a cabeça dele enterrada em seu pescoço. Os membros estão bambos, mas você consegue acariciar a nuca e os ombros de Xavier, sentindo a névoa fina de suor que surgiu subitamente em todo o seu corpo.

Dá para sentir o pau dele encolhendo-se lentamente dentro de você, a aura pós-orgasmo intensa enquanto você o prende em sua boceta ainda inchada. Por fim, ele desliza para fora, segurando o preservativo no lugar, e ambos suspiram. Leva uma eternidade até que retornem a qualquer coisa parecida com a consciência normal. Finalmente, ele começa a ficar pesado e você pressiona suavemente seus ombros.

Xavier entende a dica imediatamente e se afasta de você, mas prende-a frouxamente nos braços enquanto você se aconchega pela segunda vez. A voz dele é cheia de sonolento orgulho:

— Uau. Isso foi... Simplesmente uau. — E então uma nota ansiosa: — Você curtiu, né? Achei que você curtiu, sem dúvida pareceu. E a sensação foi incrível quando você gozou daquele jeito... Quero dizer, eu presumo... Você gozou, né?

— Não, seu idiota, eu estava tendo um ataque epilético cruzado com soluços. É claro que foi um orgasmo, e eu ADOREI. Você foi incrível.

Vocês riem juntos, depois cochilam por alguns minutos. A sensação de mel quente inundando todas as suas veias é irresistível, mas há uma vozinha em sua cabeça cutucando-a para que se levante e vá para casa. Se passar a noite ali, as coisas vão ficar complicadas.

— Xavier — você diz. — Acorde. Odeio acabar com a festa, mas preciso ir para casa.

Ele protesta, grogue, mas você é firme.

— Lembre-se do que dissemos: é só uma vez e pronto.

Ele aperta sua mão e a puxa para os lábios:

— Mas eu quero fazer de novo. E de novo e de novo e de novo. E então mais um pouco. E depois outras centenas de vezes. E então eu iria querer começar tudo de novo.

Você fica comovida e lisonjeada. E muitíssimo tentada. Ele parece um anjo caído, deitado na cama, o pau agora tranquilo sobre a coxa impecável, os olhos sonolentos. “Controle-se”, você se repreende.

Ele beija sua mão novamente, e você fraqueja por um momento. E então você lembra a si mesma de que ele é um estudante. Com toda a angústia do crescer ainda pela frente e pencas de estudantes, com seus problemas e dramas e sua busca espiritual. Sem mencionar os corpos perfeitos dos 19 anos. Xavier é o tipo para se apaixonar e partir corações e ter o dele partido, e isso tudo ainda está por vir. Ele precisa dar prosseguimento a tudo isso, e você precisa prosseguir com sua vida.

Você se levanta devagar e recupera a calcinha e os sapatos. Então se inclina, beijando-o demoradamente uma última vez.

— Adeus, Xavier. Você vai fazer alguma sortuda ou talvez algumas sortudas muito felizes, sabe?

— Nunca vou esquecer você — ele sussurra, com a expressão séria. — Nem que eu viva até os 90 e transe com milhões de mulheres.

— O prazer foi meu. Literalmente. Agora volte a dormir; eu vou chamar um táxi. Vou esperar você lá embaixo, no bar.

Ele não luta mais. Vira-se de lado com um suspiro satisfeito, e seus cílios incrivelmente longos descem sobre suas faces incrivelmente perfeitas. As últimas palavras dele, quase à beira do sono:

— Bom, você sabe onde me encontrar, se me quiser.

Chega por hoje. Tudo o que você quer é a própria cama. Mas esta última aventura foi tão doce e inesperada que você está tentada a fazer uma visita a Melissa e contar-lhe toda a história.



Se for direto para casa, [clique aqui](#).



Se quiser dar um pulo na casa de Melissa para contar a ela sobre sua noite, [clique aqui](#).

Você decidiu dar por encerrada a noite; é hora de ir para casa

Está tarde. Na verdade, está tão tarde que é quase cedo. Sua noitada tem sido muito divertida e bastante aventureira, mas você está realmente satisfeita por ir finalmente para casa. Está exausta, mas ainda há picos de adrenalina por seu corpo. Dormir parece bem distante, mas tudo bem. Você não tem nenhum plano para amanhã e está com o DVD de *O Diário de Bridget Jones*, que vem querendo rever há séculos. Esse filme nunca envelhece.

Você não está mais acostumada a usar saltos tão absurdamente altos.

Seus pés estão doendo e sua calcinha fio-dental roxa, tão fabulosa, a está estrangulando de baixo para cima.

Será a glória parar de encolher a barriga, vestir sua calcinha folgada e ficar no sofá com uma xícara de chá, uma tigela de pipoca e o controle remoto.

Tudo está silencioso quando você entra no saguão de seu prédio. Aperta o botão do elevador e olha para a fila de números acima da porta. De acordo com a luzinha, o elevador está emperrado no sexto andar. É o seu andar.

Você aperta o botão novamente uma dúzia de vezes e então sacode a cabeça. Por que as pessoas fazem isso? Não vai fazer o elevador chegar mais rápido. Quando olha novamente para cima, a luz ainda está brilhando no sexto andar. Você fica irritada. Que vizinho idiota está segurando o elevador a esta hora da noite?

Você olha para a esquerda — sempre há as escadas.



Se decidir subir as escadas, [clique aqui](#).



Se decidir esperar o elevador — seus pés a estão matando —, [clique aqui](#).

Você decidiu subir as escadas

Quando está na metade das escadas, você precisa parar, curvando-se, ofegante. O que deu em você para querer subir seis andares, especialmente com estes saltos? Quem tenta ser uma heroína às 4 horas da manhã?

Quando finalmente consegue chegar ao sexto andar, você empurra a porta do corredor. Está morrendo de vontade de chegar em casa e tirar os sapatos, por isso se apressa sob a luz fraca. No instante seguinte, você está gritando por esfolar as canelas em algo imóvel. Instintivamente, estica os braços para se amparar enquanto desaba no chão.

— Caralho! — Você olha para ver o que a derrubou e descobre que é uma caixa de papelão, entre mais ou menos outras 20 espalhadas aleatoriamente ao longo do corredor. Que tipo de imbecil deixaria todas essas caixas por aí? Suas canelas pulsam, e a palma das mãos e os punhos doem por amortecer sua queda no tapete áspero. Poderia ter quebrado o pescoço!

— Ah, meu Deus, você está bem?

Ainda de quatro, lágrimas pungentes, você se vira para ver quem está perguntando.

Tem um cara alto, vestindo *jeans* azul, rasgado e desbotado, camisa xadrez e óculos, parado na soleira do apartamento 610. Você nunca o viu antes — ele deve estar se mudando para cá, o que explica todas as caixas e o elevador preso. Ele corre até você e se ajoelha a seu lado.

— Você está bem? Quebrou alguma coisa? — Ele pega seu cotovelo e a ajuda a se levantar. Uma vez de pé, você tira o cabelo do rosto e depois se curva para esfregar as canelas e avaliar a lesão. Um grande hematoma inflamado está se formando na canela esquerda e há sangue escorrendo de um corte na direita.

— Ah, não — ele diz —, você está sangrando! É tudo culpa minha. Sinto muito! Por favor, entre. Ainda não desencanaixotei as coisas do banheiro, mas a que tem o kit de primeiros socorros está na cozinha. Precisamos fazer um curativo.



Se entrar no apartamento dele para estancar o sangramento, [clique aqui](#).



Se quiser ir mancando para casa, [clique aqui](#).

Você entrou no apartamento dele para estancar o sangramento

Seu novo vizinho lhe toma o braço e a ajuda a mancar até o apartamento dele. A disposição é quase idêntica à do seu, mas a decoração é muito diferente. Este é certamente o domínio de um homem. Muito poucas coisas parecem ter sido descaixotadas, e a maior parte delas está empilhada por todo o lugar, mas a TV de tela grande, o home theater e os sofás estão instalados como se sempre tivessem estado ali.

— Quando você se mudou? — você pergunta.

— Há poucos dias — ele responde enquanto a ajuda a entrar na cozinha. — Mas aquelas caixas no corredor foram entregues hoje, e não pensei que alguém andaria por ali tão tarde, então achei que poderia deixá-las lá durante a noite. Eu realmente devia tê-las empilhado contra a parede. Mais uma vez, sinto muitíssimo!

Você não consegue deixar de sorrir um pouco com a forma como ele se mostra devastado.

— Você vai ter notícias dos meus advogados — você diz com severidade.

Ele parece assustado, mas, ao ver que você está brincando, sorri, e você fica surpresa com a sua beleza. Você não tinha reparado a princípio. Ele definitivamente não é gostoso de uma forma convencional, mas tem um sorriso ligeiramente enviesado e os cílios mais longos que você já viu em um cara — quase batem completamente nas lentes dos óculos de aros pretos toda vez que ele pisca.

— Acha que é capaz de subir aqui em cima? — ele pergunta, dando um tapinha no balcão da cozinha. — Então posso dar uma olhada melhor nesse corte. Ainda está sangrando; devíamos limpá-lo.

Você se alça sobre o balcão enquanto ele mergulha em uma caixa em cima da mesa da cozinha, depois vem em sua direção, abrindo o fecho de um pequeno *kit* de primeiros socorros.

— Você é médico ou algo assim? — você pergunta, um pouco enjoada à visão do sangue escorrendo de sua perna.

— Não. Sou escritor, que é quase a mesma coisa. Quer dizer, escrevi sobre médicos.

— Ah, bom, nesse caso...

— Certo, vamos ver que tipo de ação judicial eu vou enfrentar aqui — ele diz, alisando sua canela com uma bola de algodão. — Homicídio culposo ou simplesmente ataque com uma caixa de papelão mortal? Mas acho que você deveria saber que eu escrevi sobre advogados também, de modo que vai se meter em uma pequena batalha que não precisa ir tão longe.

Ahá! Ele é atraente e engraçado. Esses são os perigosos.

— Eu vou ficar bem, o sangramento está quase estancado — você diz, pegando dele a bola de algodão e pressionando-a contra a pele. — Está tarde, é melhor eu ir para casa.

— Sem chance! — ele diz. — Você perdeu muito sangue, e eu sou responsável. Pelo menos me deixe fazer uma xícara de chá ou uma bebida antes de ir.

Você olha para ele, hesitante.

— Você realmente não pode ir ainda — ele insiste. — Não usei nem metade das coisas que tenho aqui dentro. — Ele indica o resto do conteúdo do *kit* de primeiros socorros aberto em cima

do balcão. — Qual é o propósito de um impressionante *kit* de primeiros socorros se você nunca chega a usá-lo? Veja, temos que usar o mercurocromo, o antisséptico e os curativos antes de oficialmente liberar você. Ordens de escritor médico!

— Está bem — você se rende, e ele pega outra bola de algodão. Então, segura sua panturrilha em uma mão enquanto alisa sua canela cuidadosamente com a outra. Sua perna formiga ao toque. Você nem consegue acreditar em como ele é gentil, um grandalhão de pés descalços. Você dá uma olhada melhor nele. Deve ter pelo menos 1,80 metro, barba por fazer, cabelo grosso, escuro e desgrenhado que precisa muito de uma aparada.

— O que há dentro de todas aquelas caixas, a propósito? — você pergunta. — Foi como esbarrar em uma parede de tijolos.

— São livros — ele diz, um pouco acanhado. — Eu tenho um probleminha: não consigo passar por um livro sem comprá-lo. É uma das razões pelas quais tive que me mudar; não havia espaço suficiente para os livros na minha última casa. Além disso, não havia mais vizinhos para derrubar.

O sangramento parece ter estancado; ele solta sua perna e se levanta. Com você sentada no balcão da cozinha, o rosto dele está quase nivelado ao seu. Ele está tão próximo que sua pele se aquece e, a menos que esteja enganada, o rosto dele ruboriza um pouco também, antes que se ocupe com um frasco de antisséptico e outra bola de algodão.

— Isso pode doer um pouco — ele diz, sério. — Basta apertar meu ombro se precisar.

Isso é bobagem, você pensa, como pode...

— Aaa, isso dói! — você grita, agarrando o ombro dele, sentindo os músculos sob sua mão. A dor se foi tão rápido quanto veio, e você se solta do ombro dele com relutância, sentindo-se tola por fazer tanto estardalhaço. Ele pega um curativo, arranca a proteção de papel e cobre o corte em sua canela, limpando-o com suavidade. Por um breve momento, você se pergunta se ele vai beijar sua perna para sarar — o pensamento lhe envia um arrepiozinho coluna acima —, mas ele não o faz.

— Na minha opinião não profissional, parece estar tudo bem com a outra perna; o ferimento deve cicatrizar em alguns dias. Eu não tenho arnica, mas ouvi dizer que é boa para contusões. Mais uma vez, nem consigo expressar o quanto lamento. O que seu namorado vai dizer quando você chegar mancando em casa, toda cortada e machucada?

— Eu não tenho namorado. E você?

— Não tenho namorado também — ele diz, aquele sorriso torto transpassando seu rosto. Você ri e desce do balcão.

— Posso pelo menos prescrever algo para a dor antes de você ir? — Ele abre a geladeira e espia dentro dela. — Meu turno no hospital acaba de terminar, e acho que eu mesmo preciso de uma bebida.

Se você precisava de qualquer confirmação do *status* de solteiro dele, está ali nas prateleiras. Os únicos itens são dois fardos de seis unidades de cerveja, uma caixa de leite, um vidro de maionese e algumas caixas de comida chinesa.

Ele pega uma cerveja, abre-a e oferece a você.



Se tomar uma bebida com ele, [clique aqui](#).



Se decidir dar por encerrada a noite, [clique aqui](#).

Você decidiu tomar uma bebida com o vizinho

Você aceita a cerveja e agradece. A garrafa está fria e você não consegue resistir a segurá-la contra as faces, que ainda parecem estar queimando. Ele pega outra cerveja para si e faz o pescoço da garrafa tinir contra o da sua.

— Aos novos vizinhos — ele diz.

— E às ações judiciais lucrativas.

Você encara o olhar dele, e algum tipo de corrente queima entre vocês.

Acompanha-o até a sala de estar. Há pilhas de livros encostadas em quase todas as paredes. Você dá uma espiada no quarto principal e vê uma cama *king-size* desarrumada, cheia de jornais. Uma imagem de vocês dois sentados na cama, bebendo café e lendo o jornal da manhã juntos, salta-lhe à mente. Você se livra da fantasia ridícula e toma sua cerveja gelada.

— Fique à vontade.

Você se senta no sofá, perguntando-se qual cadeira ele vai escolher. Ele afunda na poltrona em vez de tomar o lugar ao seu lado, e você não consegue evitar a decepção. Você estava curtindo tê-lo tão perto, na cozinha. Há um manuscrito sobre a mesa de café. Você o pega e lê o título em voz alta: *Quando uma garota entra em um bar...*



Se começar a ler o manuscrito, [clique aqui](#).



Se resistir à tentação de ler o material particular dele, [clique aqui](#).

Você resiste à tentação de ler o material particular dele

Ele ruboriza e puxa o manuscrito de suas mãos, soltando-o no chão:

— É só algo em que estou trabalhando. Só um rascunho ainda.

— Será que tem um final feliz? — pergunta você.

— Eu não sei ainda, mas, pela forma como as coisas estão indo, talvez tenha mais de um final feliz.

Vocês ficam em confortável silêncio por alguns segundos.

— E aí, teve uma noite divertida? — ele pergunta.

Você faz que sim com a cabeça e toma um gole da cerveja:

— Tive mesmo. Era para eu encontrar uma amiga, mas ela furou comigo no último minuto. Mas deu certo no final.

— Deve ter dado — ele diz, olhando para o relógio.

— Olha quem fala. Não sou a única coruja da noite. Que diabos você ainda está fazendo acordado? — você pergunta, olhando ao redor, notando que a TV está desligada e que não há música tocando.

— Trabalhando. Gosto de escrever à noite. É tranquilo, e o mundo me dá uma sensação diferente na madrugada. É como se algo pudesse acontecer.

Você concorda com a cabeça. Se ele ao menos soubesse como isso é verdadeiro... Você toma um último gole de cerveja.

— Falando em tarde, é melhor eu ir embora.

Ele se levanta com você, mostrando-se desapontado.

— Ah, está bem. Mas talvez você pudesse me mostrar os arredores um dia desses, ou a gente poderia sair para comer alguma coisa. É o mínimo que você pode fazer depois de bater nos meus livros daquele jeito.

Você ri.

— Claro, parece uma boa ideia.

— Que tal eu acompanhá-la até seu apartamento? Um dos personagens do meu primeiro romance era ninja, por isso tenho as habilidades para levá-la para casa em segurança. Bom, até certo ponto. Ele nunca foi publicado.

Você ri de novo.

— Ah, acho sou capaz de enfrentar todos os vinte metros, mas obrigada pela cerveja, pela assistência médica e pela cicatriz. Eu sempre quis um ferimento de guerra.

— Acho que vou deslocar aquelas caixas agora, para evitar novas ações judiciais, e também para o caso de você precisar encontrar novamente o caminho até aqui, a hora que for. Assim, não haverá mais nenhum incidente infeliz.

Você ainda está dando risadinhas enquanto ele a acompanha porta afora. Move-se com cuidado entre as caixas enquanto se dirige a seu apartamento. Dá para sentir os olhos dele em

suas costas, e você tenta parecer tão alinhada e serena quanto possível.

À sua porta, no outro extremo do corredor, você se vira e vê que ele ainda a observa. Tem as mãos nos bolsos e aquele sorriso enviesado e *sexy* no rosto.

— Boa-noite — você grita baixinho antes de entrar.

— Doces sonhos — ele grita de volta com um pequeno aceno.

Finalmente. Enfim, em casa.



[clique aqui.](#)

Você decidiu dar por encerrada a noite

— Você se importa se deixarmos para outra hora? Foi uma noite bem longa.

— Com certeza. Que tal amanhã à noite? Vou precisar trocar o curativo e dar uma olhada nesse corte aí — ele diz, apontando para sua canela. — Depois, talvez jantar? É o mínimo que posso fazer para compensá-la pela lesão corporal grave que causei. Além disso, preciso de alguém para me mostrar os arredores do meu novo bairro.

Você faz que sim com a cabeça. Sente-se como um pato na água, calmo sobre a superfície, mas todos os órgãos de seu corpo remam loucamente por dentro. Certamente você não está imaginando a química que surge entre vocês. Alisa o vestido enquanto caminha até a porta, com tanta compostura quanto consegue reunir considerando a noite que teve.

— Que tal às 7 horas? — ele pergunta.

— Ótimo — você diz, contornando com cuidado as caixas e seguindo pelo corredor até seu apartamento. Dá para sentir os olhos dele em suas costas enquanto caminha. Ao destrancar a porta, você olha para trás e o vê encostado no batente, as mãos nos bolsos da calça *jeans* e aquele sorriso enviesado perfeito. Ao entrar, ele ergue a mão em um pequeno aceno.



Para finalmente ir para casa, [clique aqui](#).

Você só quer mancar para casa

— Obrigada. É muito gentil da sua parte, mas não é nada. Foi apenas um pequeno corte. Vou ficar bem. — Você está envergonhada por ter tropeçado na frente dele.

— Tudo bem. Fico feliz que esteja bem.

Você caminha até seu apartamento ao final do corredor, tentando parecer graciosa. Quando finalmente encontra as chaves e destranca a porta, dá uma olhada rápida para trás e o vê ocupado deslocando as caixas do meio do corredor, empilhando-as contra as paredes. Ele ergue o olhar e acena, com um sorriso enviesado e sexy. Você se pergunta se ele por acaso é solteiro.



Para finalmente ir para casa, [clique aqui](#).

Você decidiu esperar o elevador; seus pés a estão matando

Enquanto espera o elevador, você ergue e flexiona o pé. Não vê a hora de tirar os saltos. Por fim, a luzinha vermelha na fila de números se move e o elevador desce para apanhá-la. É realmente hora de dar por encerrada a noite.

A porta do elevador se abre em um toque e você se prepara para dirigir um olhar sórdido a quem quer que o estivesse segurando, mas ele está vazio.

Ao sair do elevador no sexto andar, há pilhas de caixas de papelão espalhadas na frente do apartamento 610. Alguém deve ter acabado de se mudar; essas caixas definitivamente não estavam aí quando você saiu, mais cedo. Você estica o pescoço para ver se a porta está aberta, mas há tantas caixas empilhadas na frente que você não consegue ter certeza.



Se decidir dar uma olhada no novo vizinho, [clique aqui](#).



Se sua calcinha folgada e o filme a estão chamando, [clique aqui](#).

Você decidiu tentar dar uma olhada no novo vizinho

Você caminha furtivamente pelo corredor rumo ao número 610, contornando as caixas jogadas aleatoriamente. Ao se aproximar, vê que a porta está aberta e as luzes estão acesas lá dentro. São quase 4 horas da manhã — quem ainda estaria acordado a esta hora? De repente, ouve um homem limpando a garganta e o som de passos. Quem quer que esteja lá dentro está caminhando em direção ao corredor. Deve estar vindo para buscar uma das caixas. O que ele vai pensar se encontrar você vagando sorrateira na frente do apartamento dele no meio da noite?

Você começa a andar depressa em direção à sua porta, na esperança de que, quando ele aparecer, tenha a impressão de que está saindo do elevador. Mas você só consegue dar alguns passos antes de sentir uma dor aguda contra a canela ao bater em alguma coisa, depois mergulha de nariz no chão em câmera lenta.

— Caraaaalho! — você grita, instintivamente esticando os braços para se amparar enquanto desaba no chão. — Ai, ai, ai! — grita ainda, estatelada sem nenhum glamour no chão, com a bunda para cima.

— Oh, Deus! — Você ouve a voz de um homem atrás de você.

Envergonhada, você levanta do chão tão rápida e graciosamente quanto é possível nessa situação. Um cara alto e descalço, usando *jeans* desbotado, camisa xadrez e óculos, corre em sua direção:

— Você está bem? — ele pergunta. — Acho que você está sangrando!

Você se inclina e vê um grande hematoma inflamado formando-se na canela esquerda e sangue escorrendo pela direita.

— Ai, ai, ai — você diz novamente, olhando para as mãos esfoladas.

— Eu não devia ter deixado minhas caixas aqui desse jeito. Sinto muito. Precisa que eu a leve ao hospital ou algo assim?

— Ai!

— Pelo menos entre aqui para estancarmos o sangramento. Acha que consegue andar?

Você ergue o olhar para ele, com uma lágrima escorrendo.

— Espere, deixe-me adivinhar, a resposta é: “Ai!” — ele brinca.



Se entrar no apartamento dele para estancar o sangramento, [clique aqui](#).



Se apenas quiser ir mancando para casa, [clique aqui](#).

Sua calcinha folgada e o filme a estão chamando

Ah, glória! Enfim, em casa. A primeira coisa que faz é descalçar os sapatos e atirá-los no chão perto da porta da frente. Depois puxa o vestido sobre a cabeça, soltando-o, bem como a bolsa, sobre a penteadeira enquanto entra no quarto.

Você joga o sutiã e a calcinha fio-dental no cesto de roupa suja no canto do aposento. Você, com certeza, vai usá-la novamente, pensa. Na verdade, de agora em diante ela pode ser reclassificada como calcinha da sorte.

Seu arremesso é curto, e a pequena peça de renda roxa aterrissa delicadamente ao lado do cesto. Que saco! Amanhã você pega.

Você toma um banho quente e demorado, depois veste a calcinha folgada e uma camiseta grandona. Ainda está elétrica demais, por causa da noitada, para conseguir dormir, e precisa relaxar. Então coloca um saco de pipoca no micro-ondas — da amanteigada; você merece. Depois desaba no sofá e põe o filme. Quando os créditos de abertura de *O Diário de Bridget Jones* começam a rolar, você sorri. A vida é boa. Na verdade, não dá para ser melhor.

Fim

Você não está muito disposta a ir para casa ainda

Está tarde, mas você está elétrica demais para ir direto para casa. Dá para sentir os últimos vestígios de adrenalina bombeando em suas veias. Que noite selvagem! E pensar que você estava realmente considerando ir para casa quando Melissa furou com você no início da noite. Mal pode acreditar que isso foi apenas algumas horas atrás.

Você tem agido completamente em desacordo consigo mesma a noite toda, mas adorou cada segundo. Fica se perguntando se foi a calcinha fio-dental roxa rendada, ou sair para uma noitada sozinha sem lugar específico para ir e ninguém senão a si mesma para satisfazer, que a deixou tão ousada. Independentemente do que tenha sido, foi a noite da sua vida.

Mas, agora, o que fazer? Será que Melissa ainda está acordada? Você está morrendo de vontade de dizer a ela o que andou aprontando. Deve fazer uma visitinha rápida? Você não tem certeza... Ela provavelmente está dormindo há horas. Ou poderia dar uma passada na cafeteria de seu bairro, no caminho de casa.



Se for para a cafeteria no caminho de casa, [clique aqui](#).



Se decidir ir para a casa de Melissa, [clique aqui](#).

Você decidiu dar uma paradinha na cafeteria no caminho de casa

O táxi deixa você na frente da cafeteria. É tão tarde que é quase cedo. As luzes estão acesas, mas, exceto por um barista com cara entediada manuseando um *smartphone* atrás do balcão, ela está vazia. Você empurra a porta, mas ela não se abre. Estranho, você pensa, elas deviam ficar abertas até muito, muito tarde, e só agorinha ficou muito tarde. Você empurra novamente; nada ainda. Você xinga baixinho e então tenta atrair o olhar do barista, mas ele está fazendo o tipo “fingindo estar ocupado, então não tenho que atender você”. Talvez a cafeteria esteja fechada. Mas então por que ele ainda está sentado lá? Empurra-se novamente contra a porta, desta vez colocando todo o seu peso, mas ela ainda não se move.

Alguém limpa a garganta atrás de você e a assusta. Ao virar-se, tem um cara parado ali, mais ou menos da sua idade, alto, cabelo escuro e óculos de aros pretos. Ele não é bonito no estilo clássico, mas existe algo nele. Você percebe que sua boca se enviaa ligeiramente quando sorri.

— Deixe-me fazer isso para você — ele diz, estendendo a mão para a maçaneta da porta e puxando-a em sua direção.

— Ah! É uma porta de puxar, não de empurrar. Hum, foi uma longa noite — você murmura, corando de vergonha.

— Não, não é você, acho que eles talvez tenham mudado isso. Estive aqui há dois dias e era, com certeza, uma porta de empurrar. Depois de você — ele diz, segurando a porta aberta, enquanto os sons de Erykah Badu flutuam do sistema de som da cafeteria.

No balcão, ele sugere que você peça antes dele.

— Um chocolate quente, por favor — você pede ao barista, que faz a maior encenação para pousar o celular e atendê-la.

— Com *marshmallows*? — ele pergunta, entediado.

De repente, pedir um chocolate quente com *marshmallows* parece um pouco infantil, e você tem certeza de que pode ver pelo canto do olho o cara dando um sorrisinho presunçoso. Primeiro a porta e agora isso — ele deve achar que você tem o Q.I. de uma criança de 5 anos de idade. Mas você decide que, depois da noite que teve, se quer chocolate quente com marshmallows, então é isso que vai ter.

— Sim, por favor — você diz, tão confiante quanto possível. Você paga e se acomoda em uma cadeira, vasculhando uma pilha de revistas na mesa ao lado. Escolhe uma ao acaso, fingindo ler enquanto estuda secretamente o cara por cima da revista, e ouve quando ele pede um *cappuccino*.

Ele tem um corpo bonito, alto e magro. Está com uma calça *jeans* bem desgastada, uma camisa xadrez e um par de tênis que, certamente, já tem faz um tempo. Precisa cortar o cabelo e fazer a barba. Ele se vira e dá com você examinando-o. Você volta rapidamente para trás da revista e se envergonha pela segunda vez.

— Está bom? — ele diz, e você ergue o olhar com uma expressão de surpresa, como se andasse completamente absorta. Ele agora está sorrindo bem largamente para você.

— Nada mau — você diz, usando seu melhor ar de indiferença.

— Você está no ramo da agricultura, então? — ele pergunta.

— Como?

Ele acena com a cabeça para a revista, e você percebe estar segurando um exemplar da *Agriculture Weekly*. Para aumentar ainda mais o estrago, ela está de ponta-cabeça. Com pressa, você larga a revista de volta sobre a mesa de café.

— Nunca é demais o que se sabe sobre ovelhas — você diz, tentando se restabelecer.

— Imagino que sim — ele ri. — Eu as conto com frequência.

— Exatamente. E toda a coisa da lã é bastante impressionante. Você nem imagina!

— Um *cappuccino* grande! Um chocolate quente com *marshmallows*! — grita o barista, como se a loja estivesse lotada. Um copo para viagem com a palavra “*cappuccino*” escrita na lateral está em cima do balcão ao lado de outro copo com as palavras “chocolate quente” rabiscadas nele.

Você busca sua bebida, volta ao lugar e observa discretamente o Homem do *Cappuccino* assoprar pelo buraco na tampa do copo e tomar um gole. Ele olha confuso para o copo, depois levanta a tampa e olha dentro. Seus olhos embaçam com o vapor, e ele tem que depositar o copo e tirá-los para limpar com a ponta da camisa. Tem os cílios mais longos que você já viu.

Ele caminha vagarosamente até você e coloca o copo na sua frente na mesa de café.

— Acho que peguei o seu por engano — ele diz.

Com certeza está marcado “*cappuccino*” no copo, e você lhe dirige um olhar indagador.

— Eu quase não ia dizer nada; está tão bom... — ele diz, apontando para os *marshmallows* que derretem lentamente na superfície do chocolate quente. — Mas achei que você descobriria mais cedo ou mais tarde.

— Assim, pelos meus impressionantes poderes de dedução, este deve ser o seu? — você diz, entregando-lhe o copo ainda intocado.

— Obrigado. Claro que dá para entender como ele confundiu nossos pedidos, levando em consideração que está tão movimentado aqui esta noite! — ele diz, acenando um braço ao redor da loja vazia. O barista volta a ignorá-los enquanto lê algo instigante no celular.

Você toma um gole do chocolate quente e ele olha dentro do copo dele, um pouco cabisbaixo.

— Agora eu queria ter pedido o que você pediu.

— Eu nunca dormiria se bebesse café a esta hora.

— É exatamente o efeito que eu estava esperando. Estou desencanaixotando minhas coisas; achei que poderia me ajudar a ficar acordado para mais algumas caixas.

A música para abruptamente no meio da canção e luzes fluorescentes se acendem. Você protege os olhos e pisca enquanto se ajusta à claridade mais forte; ninguém fica bem nas primeiras horas da manhã sob luzes claras.

— Acho que isso significa que estão fechando — ele diz.

— Eles são conhecidos pelo café, não pela sutileza — você comenta.

Ele empurra a porta, mantendo-a aberta para você com uma mão, segurando o *cappuccino* na outra.

Lá fora, vocês param e se entreolham. Você fica com a nítida impressão de que nenhum dos dois ainda está pronto para se separar. Mas se sente um pouco tola: não dá para simplesmente ficar ali.

— Bom, acho que está ficando tarde, ou cedo, melhor dizendo. Eu vou por aqui — você diz, apontando para seu bloco de apartamentos, que fica na mesma rua, apenas a algumas centenas de metros.

— Ei, eu vou por aqui também. Importa-se se eu andar com você? — ele pergunta.

— Você não é um assassino de machadinha nem um advogado tributarista, né?

— Não, apenas um escritor. Quis estudar assassinato por machadinha na universidade, mas o curso estava lotado.

Vocês riem, e, no caminho, você repara que o céu está começando a clarear. Você nem consegue se lembrar da última vez que ficou acordada a noite toda.

— Bom, este é o meu — você diz, parando na entrada do seu prédio.

— Sêrio?

— Sim, mas não se preocupe: eu sei como esta porta funciona, então devemos ficar bem. Com certeza é de empurrar.

— Eu moro aqui também!

Você torce o nariz:

— Sêrio?

— Sêrio, juro, me mudei faz poucos dias. Número 610. — Ele tira as chaves do bolso para mostrar o chaveiro. É um daqueles de plástico azul genérico e tem o “610” e o nome do edifício rabiscados com caneta azul.

— Está de brincadeira! O meu é o 601.

Ele usa o cartão magnético preso ao chaveiro para abrir a porta de segurança como prova; depois, segura-a aberta para você com um sorriso largo no rosto.

— Se eu não soubesse das coisas, acharia que você estava me perseguindo — ele diz.

Já dentro do elevador, subindo até o andar de vocês, ele propõe:

— Já que somos vizinhos, pensei que a gente talvez pudesse tomar um drinque um dia desses, e você poderia me mostrar os arredores da vizinhança. Provei seu chocolate quente; você certamente sabe o que está fazendo.

— Podíamos, sim.

Vocês saem do elevador e param. Há um momento de deliciosa tensão.

— Bom, meu caminho é este — você diz, acenando a cabeça em direção à sua porta.

— E o meu é este — ele, aponta na direção oposta. Você nota pilhas de caixas espalhadas sobre o tapete na frente do apartamento dele. — São, sobretudo, livros. Chegaram esta noite.

— Bom, bem-vindo à área. Espero que goste daqui.

— Já gosto — ele dá seu sorriso enviesado e *sexy*.

— Boa noite — você diz, acenando enquanto caminha até sua porta e se deixa entrar no apartamento, o coração batendo um pouco mais rápido.



[clique aqui.](#)

Você decidiu fazer uma visitinha a Melissa para contar a ela sobre suas aventuras

Você aperta a campainha. Dá para ver da rua que as luzes do quarto e da sala de Melissa ainda estão acesas, por isso ela deve estar em casa. Mas não há resposta quando você tenta o celular dela. Toca, toca e então cai na caixa postal. O que ela está fazendo? Você está morrendo de vontade de contar sobre a noite alucinante que teve.

Você digita o número novamente, sem se importar se vai acordá-la. A ligação cai de novo na caixa postal, então você desliga e se inclina mais uma vez sobre a campainha. Você não vai dar trégua até ela atender.

— Olá! — Finalmente você ouve a voz dela pelo interfone, ligeiramente abafada.

— Até que enfim! Deixe-me entrar! Você não vai acreditar no que aprontei esta noite.

Não há resposta, mas a porta de segurança abre-se zunindo. Você entra pelo saguão e pega o elevador até o andar dela, batendo calmamente na porta com o nó de um dedo. A porta se abre, mas só uma frestinha, de modo que você consegue ver apenas o rosto dela.

— Ei — ela diz, sem fôlego, as faces coradas.

— Acordei você?

Ela sacode a cabeça.

— Você tem que me deixar entrar. Tenho tanta coisa pra lhe contar!

— Não dá — ela sussurra, e, quando tira a mão da porta para enfiar o cabelo atrás da orelha, você nota uma fita preta de cetim amarrada em seu pulso. Ela sorri: — Você também não vai acreditar no que aconteceu comigo!

— O quê? Espera: você tem alguém aí com você?

Ela faz que sim com a cabeça e ruboriza novamente.

— Ah, céus! — você guincha. — Pensei que estivesse trabalhando até tarde.

— Eu estava — ela sussurra. — Mas daí meu chefe voltou ao escritório depois da reunião dele e ficamos batendo papo depois que todo mundo saiu, e então ele abriu uma garrafa de vinho e tomamos algumas taças, e, você sabe, uma coisa levou à outra...

— Espera aí — você diz. — Está falando do seu chefe canalha controlador?

— Shhh! — Ela dá uma risadinha. — Sim. Mas ele não é tão ruim. Descobrimos que temos muito em comum. E eu nunca lhe disse isso antes, mas sempre o achei um tanto atraente. Quer dizer, não se espera que todos os chefes sejam um pouco controladores e enérgicos? Mas, quando você olha para além disso, existe alguma coisa nesse cara.... Acontece que ele é totalmente selvagem — ela diz, agarrando sua mão, a seda macia amarrada ao pulso dela caindo contra seu braço.

— Sua safada! — você diz, sorrindo ante a excitação dela.

— Lamento ter furado com você; sério, de verdade! Mas foi uma das noites mais selvagens da minha vida!

— Não lamente — você diz. — Foi uma noite bem selvagem para mim também!

— Olha, é melhor eu ir — ela olha para trás.

— Me liga de manhã?

— Já é de manhã!

— Mais tarde — você ri, apertando a mão dela. Inclina-se para dar um rápido beijo em sua face, e ela cheira a uma mistura de cedro e couro. É ligeiramente familiar.

Melissa fecha a porta e você aperta o botão do elevador. Pelo menos você não foi a única garota selvagem desta noite. Quando o elevador chega, ouve-se lá do apartamento de Melissa o som do que parece um tapa, couro sobre a pele nua, imediatamente seguido pela voz de Melissa gritando, e você pode afirmar que é de prazer, não de dor. E sorri novamente. Safada atrevida!

Hora de ir para casa pensar em suas aventuras. Mas talvez devesse dar uma passada na cafeteria local para ver se ainda está aberta...



Para ir direto para casa, [clique aqui](#).



Para ir para casa passando pela cafeteria local, [clique aqui](#).

Você decidiu ir para seu Rabbit, em casa

Enfim, você está no saguão de seu prédio. Está tarde e seus pés a estão matando. Estes saltos são *supersexy*, mas há um preço a pagar.

Uma pilha de caixas de papelão está no chão em frente ao elevador, mas não há ninguém por perto. Você fica curiosa para saber quem está arrastando caixas a esta hora da madrugada, então levanta a aba de uma das caixas e espia dentro dela. Está cheia de livros. Não dá para resistir — você retira um e está olhando a sinopse da contracapa quando o elevador se abre e um homem sai. Entreolham-se por um segundo e então ele diz:

— Olá! Eu não estava esperando uma ladra de livros a esta hora.

Envergonhada, você solta o livro e afasta rapidamente a mão.

— Eu não estava roubando — você explica, corando.

— Não? — ele diz. — Parece, com certeza, que estava.

Então ele sorri e você percebe que está brincando com você.

— Já que está aqui, se importaria de segurar o elevador para mim por um segundo? — ele pergunta, e você faz o favor enquanto ele pega as duas caixas de cima. Você não consegue deixar de examiná-lo quando ele abaixa até o chão. Os músculos de seus braços sob a camisa xadrez tensionam-se enquanto ele ergue as caixas. Ele é alto, com cabelo escuro desganhado apenas meio centímetro comprido demais e óculos de aros pretos. Não é bonito no estilo clássico, mas há algo atraente em seu sorriso ligeiramente enviesado.

— Quem se muda às 4 da manhã? — comenta ele enquanto despeja as caixas dentro do elevador e volta para as outras duas.

— Eu estava me perguntando isso. Carregando caixas de mudança a esta hora, ou você é fugitivo da polícia ou está no programa de proteção a testemunhas.

— Droga, você descobriu meu disfarce! — ele diz ao deixar as últimas duas caixas dentro do elevador. — Na verdade eu me mudei há três dias. Estas são minhas últimas coisas; só chegaram há pouco esta noite. Se eu soubesse como estavam pesadas, poderia tê-las deixado para trás.

— Então você esperou até as 4 da manhã para deslocá-las?

— Sou escritor, então a procrastinação é o que faço de melhor. Eu trabalhei até tarde e esperava que, deixando-as aqui embaixo, talvez elas criassem pernas e subissem as escadas sozinhas. Ou fossem roubadas. Se eu não tivesse aparecido agora, você poderia ter ajudado com a última opção.

Os dois estendem a mão para o botão do sexto andar ao mesmo tempo e as mãos se roçam levemente. É como levar um pequeno choque elétrico, mas um choque bom.

O elevador se abre no sexto andar e ele faz sinal para que você saia primeiro.

— Não, não se preocupe — você diz, inclinando-se contra a porta. — Seguro para você poder tirar as coisas. — Você está ciente de que seus motivos não são inteiramente puros: está oferecendo ajuda em parte para poder admirá-lo levantando caixas por mais alguns minutos.

— Teve uma noite divertida? — ele pergunta ao passar por você.

— Nada mau, mas estou contente por estar em casa. — O corredor está cheio de mais caixas.
— Nós somos vizinhos, então — você diz, afirmando o óbvio.

— Apartamento 610 — ele deposita a caixa e tira a chave do bolso para mostrar a você.

— Apartamento 601 — você diz, pescando as chaves dentro da bolsa.

— Ei, talvez você pudesse me mostrar os arredores um dia desses — ele diz, pegando a última caixa. — Ouvi dizer que tem uma cafeteria fantástica descendo a rua.

Você fica surpresa, mas de uma forma agradável. Ele a está chamando para sair? Talvez esteja.

— Sim, é muita boa! Fazem um chocolate quente incrível!

— Eu sou mais um homem de café, mas fico feliz em experimentar tudo pelo menos uma vez. Então, que venham os chocolates quentes. É o mínimo que posso fazer para agradecer por sua ajuda no elevador. O que você acha de amanhã à noite?

Você finge pensar, consultando uma agenda imaginária em sua cabeça, enquanto, por dentro, está gritando silenciosamente. Sim, eu quero lamber chocolate quente com chantili em seu corpo! Você consegue fazer um sim gracioso com a cabeça:

— Obrigada, parece uma boa ideia! — Então você acena e caminha até sua porta. Consegue enfiar a chave na fechadura, ainda que as mãos estejam tremendo um pouco. Pouco antes de deslizar para dentro, vira-se e vê que ele ainda está lá, observando-a, aquele sorriso torto no rosto.

Você está em casa, finalmente. Foi uma noite estranha. Toda aquela tensão sexual e todos aqueles falsos começos deixaram seu corpo inteiro vibrando, em desesperada necessidade de alívio.

A primeira coisa que você faz é tirar os sapatos e soltá-los na porta, depois tira o vestido, o sutiã e a calcinha fio-dental enquanto atravessa o apartamento.

Você está completamente nua quando chega ao quarto, sentindo os mamilos se eriçarem e os seios se arrepiarem quando o frio do ar da manhã desliza sobre sua pele. Você desce a mão pelo pescoço, entre os seios e sobre a barriga, depois desliza os dedos entre as pernas, onde se acha quente e molhada. Você considera demorar-se, mas primeiro deseja ficar fresca, quente e confortável. Precisa lavar a noite de você.

Você esquent a água do chuveiro tanto quanto consegue suportar e a deixa atingir o topo de sua cabeça e escorrer pelo seu rosto enquanto ensaboa o corpo inteiro, fazendo espuma.

Quando finalmente sai, depois de um banho demorado, enrola-se em sua toalha mais grossa, absorvente e voluptuosa.

Escova os dentes, esfrega o cabelo para secá-lo e se cobre da cabeça aos pés de loção corporal. Então, atravessa nua o apartamento, apagando todas as luzes. Finalmente você se deita na cama, deleitando-se com a sensação dos lençóis novos e limpos contra a pele nua. Ao final do dia, não há nada mais delicioso do que a própria cama.

Seu coração se acelera à medida que abre a gaveta do criado-mudo. Há algo tão safado em um vibrador? Pequenas reverberações de expectativa percorrem-lhe a vagina enquanto você ergue a caixa e a abre, rasgando sua volumosa embalagem.

O Rabbit é de um cor-de-rosa fofinho, no formato de um pênis bem generoso; a única

diferença é o bracinho projetando-se da lateral do mastro em direção à base. Você nunca viu um vibrador com este *design* antes. O extremo do braço contém dois botões que se projetam exatamente como orelhas de coelho. Você os cutuca com o dedo e eles se dobram ao toque. Pega a embalagem e tenta descobrir o que se espera que as orelhinhas façam. De acordo com o folheto (que dá instruções em francês, japonês e inglês), são estimuladores de clítoris.

O cabo encaixa-se perfeitamente em sua mão, e logo acima do polegar há quatro botões com diferentes configurações. Você pressiona o primeiro botão e o aparelho vibra suavemente contra a palma de sua mão, fazendo um tremor percorrê-la.

Não dá mais para suportar o suspense — importunaram, provocaram e brincaram com você a noite toda, e seu corpo está querendo alívio. Pode sentir a umidade escorrendo de você, umedecendo suas coxas enquanto desliza o Rabbit sob as cobertas e faz com que ele corra descendo pelo peito em um vibrar suave, passando a ponta do mastro primeiro sobre um mamilo e depois sobre o outro. Você se contorce enquanto desce o Rabbit além da barriga e sobre seu monte de Vênus.

Sua respiração começa a ficar um pouco mais rápida. Você coloca a ponta do vibrador no ponto mais alto de sua boceta e deixa os suaves tremores excitarem seu clítoris. Solta um pequeno gemido e o desloca ligeiramente para o lado — é intenso demais para tê-lo tocando o clítoris o tempo todo, e você não quer gozar ainda.

Tão lentamente quanto seu corpo necessitado permite, você faz o vibrador correr para cima e para baixo do comprimento de sua fenda, até ele estar escorregando e deslizando em sua umidade. Então, finalmente, dobra os joelhos, arqueia as costas e desliza-o facilmente para dentro de você. Você usa a mão para empurrá-lo até o ponto em que deseja, depois retrocede um pouco. Repete a ação e, ao bombear o vibrador mais fundo, há uma sensação inteiramente nova, e as orelhas de coelho massageiam seu clítoris toda vez que você move a mão.

Subitamente, seu novo vizinho surge em um lampejo em sua cabeça e você imagina que é ele dentro de você, os braços musculosos firmados dos lados de seu corpo, segurando o peso dele enquanto a monta lentamente a princípio, depois mais e mais rápido, e você visualiza aquele sorriso torto e sente os dedos dele em seu clítoris enquanto força a cabeça contra o travesseiro atrás.

Pronta para mais intensidade, você muda para o segundo botão com o polegar, e a força sobe um grau, vibrando um pouco forte, mas não é o suficiente, então você pula o nível três e impele o Rabbit à sua configuração mais poderosa.

Você empina a pélvis para encontrá-lo toda vez que o mergulha dentro de você, sentindo-o vibrar até você estar gemendo de forma audível e empinando os quadris, os olhos bem fechados, ofegante, até que pode sentir o orgasmo vindo em sua direção como um trem desgovernado, e você sabe que não há como detê-lo. A ponta dos dedos enrola-se enquanto ele percorre, tremendo, seu corpo, primeiro um orgasmo e, então, como você mantém o Rabbit funcionando, outro. Eles são tão intensos que você coloca os dois pés apoiados na cama e se prepara para as ondas de energia que fluem por você.

E então, completamente, inteiramente exaurida, o cabelo úmido esfriando o pescoço quente no travesseiro, você percorre lentamente todos os botões, passando do nível quatro de volta ao nível um com o polegar, finalmente desligando-o e largando seu novo melhor amigo. Alonga o corpo, curtindo os tremores secundários. Em seguida, vira-se de lado, pronta para adormecer, com um suspiro de satisfação. A vida é boa. Na verdade, não dá para ficar melhor.

[1]. “Eu não sei para onde vou a partir daqui, mas prometo que não vai ser chato”, frase de David Bowie. (N.T.)

[2]. Cavalo selvagem que vive no oeste americano. (N.T.)

[3]. Roupa de couro ou borracha que cobre o corpo inteiro, exceto a boca, usada para a prática de sexo envolvendo servidão. (N.T.)

[4]. Trata-se da aposta de todas as fichas ou de todo o dinheiro da mesa de jogo. (N.T.)